

Coleção 'Aspas Invisíveis' | Vol. 1 (reflexão)

Para Pensar Na Cama...

Navegue pelas mais diferentes temáticas de um cotidiano
que anseia por questionamentos e reflexões diários.

FERNANDO GUIFER

Para Pensar Na Cama...

Para pensar na cama...

Coleção 'Aspas Invisíveis' | Vol. 1 (reflexão)

Para Pensar Na Cama...

Navegue pelas mais diferentes temáticas de um cotidiano que anseia por questionamentos e reflexões diários.

1ª edição (eBook version)
2019

Fernando Guifer

Fernando Guifer

Copyright © 2019, Fernando Guifer

Editor: Fernando Guilherme Ferreira

Diagramação miolo e revisão: Fernando Guifer

Capa: Canva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

G949 Guifer, Fernando.

Para pensar na cama— [recurso eletrônico] / Fernando Guifer. — São Paulo : F. Guifer, 2019.

Dados eletrônicos (pdf). — (Coleção 'Aspas Invisíveis' ; 1) .

ISBN 978-65-900645-1-6

1. Crônicas. 2. Jornalismo. 3. Literatura brasileira.

I. Título.

CDD B869.8

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer processo sem
autorização por escrito do autor.

Para pensar na cama...

Ao genial Ricardo Boechat,
por seu espírito questionador que,
não raras vezes,
me levou ao “pensar na cama...”;

e, por, assim como sou,
ter sido um eterno inconformado.

Fernando Guifer

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pelo maior presente que eu poderia ter ganho desde sempre: o sopro;

À Laís, minha filha, por, a cada volta do relógio, se consolidar como a grande professora dos meus dias, me inserindo definitivamente na condição de mero aluno do tempo;

À minha esposa, Fabi, e ao meu enteado, Duh, por comporem nossa família e, com o maior amor do mundo, me inspirarem todos os dias em sair para o trabalho por vocês e para vocês;

À minha família “Fonseca”, especialmente minha mãe Neuza e minha 2ª mãe, tia Lúcia; ao Cleber e à Jacque; ao tio Cláudio; à tia Palmira e tio Pedrinho; aos meus irmãos Léo ‘Kbça’, João Vitor (Godoão) e Celinho;

À minha família ‘Arrais da Silva’: Vivi, Felipe, Maria, Ricardo, Sr. Arrais, Renato, Shirley e Yasmin;

Ao grande amigo e jornalista, Anderson Scardoelli, por emprestar humildemente seu talento para compor de forma brilhante o generoso Prefácio desta obra;

Às instituições de ensino que transformaram minha vida desde que me entendo por gente – até então: EMEI Rodrigues de Abreu, EMEF Artur Neiva, EMEF 25 de janeiro, EE Pedro Taques, Uninove e FMU;

Para pensar na cama...

Ao meu tio Márcio, por seu bordão me inspirar no título para o batismo desse volume;

Lea Carvalho e Malu Santos, da Metanoia Editora, por, lá atrás, terem acreditado primeiro;

A você, leitor/leitora, que sem esmorecer, me acompanha nessa árdua jornada desde sempre e continua fortalecendo ativamente para que este e meus outros projetos voltados à escrita se tornem realidade. Mais que obrigado... gratidão!

Fernando Guifer

“Eu prefiro morrer do que perder a vida!”

- El Chavo Del Ocho -

Para pensar na cama...

Sobre o autor



Fernando Guifer é papai babão da pequena prematurinha Laís, jornalista (desde 2005), palestrante, mestre de cerimônias/celebrante, e um escritor com a alma borbulhando na ponta da caneta!



Autor dos livros *'Diamante no acrílico: entre a vida e o melhor dela'* e *'Um pouco mais que 2 palitos'*, foi embaixador da *'ONG Prematuridade.com'* - única que luta pelos direitos do bebê prematuro no Brasil -, articulista do *'Comunique-se'*, mais respeitado portal sobre profissionais de jornalismo do país, além de colunista do site *'Bebê.com.br'* (Grupo Abril).

Graduado em "*Comunicação Social - Jornalismo*" e com formação executiva em "*Comunicação Empresarial*", ambos pela Uninove, também é pós-graduado em "*Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte*", pela FMU.

Entre as empresas em que já atuou/colaborou, está Serasa Experian, Federação Paulista de Handebol, Agência MVP Sports, TV Climatempo, Febracorp, Grupo LANCE!, Senac SP, Maura de Albanesi, Puriflora, revista Comando Rock, entre outras.

Um jornalista em direção ao improvável.

Fernando Guifer

"Não é fácil apenas observar e manter-se alheio ao mundo das falas, principalmente quando se é amante das cordas vocais, amigo íntimo do papel e caneta ou, enfim, um alguém co-irmão da incerteza (e que busca respostas sobre tudo a todo instante)."

- Fernando Guifer -

Para pensar na cama...

Sumário

(clique no título para ir direto ao artigo desejado)

- **Prefácio**
- **Apresentação**

Capítulo 1 | E, antes que o dia acabe...

- Que raios, afinal, é o tal do 'dia útil'?
- "Eu prefiro morrer do que perder a vida!"
- Reclamar = clamar 2 vezes!
- Brasil perde seu mais onisciente 'dedo na ferida'
- Não basta somente bater no peito e dizer que é jornalista!
- Acredito que...
- Deus VS Mal(dito marketing religioso)
- Mudar de opinião é sinônimo de amadurecimento(...)
- Sabedoria x Conhecimento
- Quais máscaras você pretende vestir hoje?
- Sua vida é sua empresa!
- Liderança humanizada | Desça do salto e afrouxe sua gravata!
- O sucesso, a fama, a inveja, e a relatividade do ser(...)
- Nascer, trabalhar, consumir, morrer!

Fernando Guifer

- Será que as universidades têm ensinado jornalismo(...)?
- A tragédia da Chapecoense e a vergonha que sinto às vezes(...)

Capítulo 2 | Ao encostar a cabeça no travesseiro...

- A “democracia” brasileira e a parábola do elefante no toquinho
- O que vocês estão fazendo com vocês mesmos?
- Uma representatividade que não merecia renúncia
- Se quisermos melhorar nossa polícia(...)
- Parem de tratar a tragédia em Brumadinho/MG como acidente
- Greve dos caminhoneiros é a prova de que o brasileiro(...)
- Precisamos falar sobre a Cracolândia!
- Vaquejada: quando a brincadeira besta ganha status de(...)
- Quem é o Fulano que “tem a solução” do Brasil nas mãos?
- Massacre nos EUA: Culpa sua!(?)
- “Uma esmola pelo amor de Deus!”
- A fascinante cultura do brasileiro que ‘ama se ferrar’ sorrindo
- O problema é você!
- Silvio Santos e suas indelicadezas ignoradas
- Não. O país não está um lixo por causa do futebol!

Para pensar na cama...

- Extra! Extra! 23 dias sem corrupção no Brasil!
- Sou favorável à posse de armas(...)

Capítulo 3 | Em tempo...

- Vivemos tempos assombrosos
- Homem, branco, heterossexual e paulistano
- O sentimento incondicional de quem sofre com a(...)
- Até que a primeira crise os separe!
- Vamos conversar um pouco?
- Será que sua 'ideologia' (política) movida ao ódio não está(...)
- Respeite as mulheres, seu bosta!
- Mas, por quê?
- O que um Kinder Ovo pode revelar sobre a nossa educação?
- Pitaco sobre o aborto: talvez todos tenham, mas(...)
- Ainda sobre o aborto: escolhas...
- Entramos no modo 'Stand by' em uma situação de sofrimento
- Suicídio não tem qualquer relação com covardia ou egoísmo!
- Uma (só) vida!
- O filho do Chorão ainda não compreendeu o que significa C.B.Jr.

Prefácio

O talento de escrever - e de se fazer entender

“Não se pode fazer jornalismo somente para jornalistas.

Eis uma máxima que permeia o trabalho de quem se propõe a trabalhar na hoje tão combatida imprensa brasileira. É preciso, conforme se ensina nas cadeiras das faculdades de mídia e afins, se comunicar de forma simples e direta com a “massa”.

“Massa”, neste caso, não deve ser pensado de forma pejorativa. É o termo, utilizado até no meio acadêmico, para se referir ao grande público.

E é aí, que muitas escribas pecam.

Para se atingir a maior parte desse bolo de audiência em potencial, não se pode imaginar que todo mundo seja jornalista ou intelectual vindo de universidade de filosofia e ciências sociais de universidades públicas.

Esse é um dos pontos que faz Fernando Guifer se destacar.

Jornalista por formação, com pós-graduação no currículo, ele faz questão de não abandonar suas raízes.

Criado em Guaianases, bairro da Zona Leste de São Paulo/SP, desenvolveu ao longo dos últimos anos um jeito que pode ser considerado único de escrever.

Diferentemente de muitos colegas de profissão, se destaca justamente por conseguir se fazer entender por todos. Quem é oriundo da área de comunicação entende, perfeitamente, o uso de gírias e ironias em suas análises.

Leitores (e internautas) que acompanham seus textos absorvem com facilidade os pensamentos destrinchados ao longo de parágrafos e mais parágrafos. Mais do que compreender, essa parte do público certamente se sente representada pelos textos assinados por Fernando Guifer.

E estão mesmo. Afinal, ele, com orgulho, é gente da gente. Entendeu, mano?

Se não entendeu, é simples. Basta acompanhar o escritor nas redes sociais. Ele, que já publicou o livro *'Diamante no Acrílico'*, no qual conta a luta da filha prematura pela vida, consegue influenciar as massas. Só no Facebook, sua página oficial conta com milhares de fãs.

Reconhecimento mais do que justo para quem consegue escrever e falar de forma simples, objetiva - e ao mesmo tempo de forma aprofundada - sobre temas que vão para além da paternidade.

Com a sua vivência e pensamentos borbulhantes, Fernando Guifer consegue pôr em discussão assuntos que vão do rock à política brasileira, passando por

‘Chaves’ e até mesmo pelo jornalismo. Missão nada difícil para quem consegue se comunicar com todos. Missão realizada até aqui com sucesso por quem se propõe a fazer o público interrompa sua atividade “para pensar na cama”.

Igual ao seu livro de estreia no mercado editorial, essa nova obra pode ser considerada um diamante - mas esse é para ser deixado na cabeceira da cama para ser lida a qualquer instante.

Com os artigos aqui publicados, Fernando Guifer mostra que, com méritos, está no mesmo patamar de Rodrigo Hilbert, personagem responsável por um de seus primeiros textos que viralizaram nas redes sociais (e que chegou a pautar grandes sites).

Mais do que um “homão da porra”, ele prova ser um “escritor da porra”.

Bom para jornalistas, intelectuais e, principalmente, para a turma de Guaianases e toda a “massa”. Pois, para o bem da comunicação, ele escreve e consegue se fazer entender por todo mundo.

Talento reservado somente a quem é verdadeiramente um “escritor da porra!”.

- Anderson Scardoelli -
(Jornalista; editor responsável do Portal Comunique-se).

Para pensar na cama...

Apresentação

Modo de usar:

Embora os títulos dos capítulos aparentemente sugiram, não necessariamente que '*Para pensar na cama...*' seja uma obra de consumo noturno, pelo contrário.

Minha sugestão enquanto autor é seu saborear diurno para uma posterior e noturna digestão, naquele instante em que a cabeça resvala no travesseiro e todo aprendizado do dia vem à mente para proporcionar reflexões e autoanálises, sempre acompanhadas pelo vislumbre de um dia melhor no amanhecer que, se tudo correr bem, virá em poucas horas.

Também por isso as reticências no título. Não há fim. Não há conclusão. Não há em suma. Enquanto houver um dia de reflexão, haverá uma noite para pensar na cama...

Imagino que, para um melhor aproveitamento de cada linha aqui dissertada, seja imprescindível o que chamamos de coração aberto e alma limpa.

Ou seja, donos da verdade que dispõem convicções irrevogáveis por já serem estudados o suficiente e saberem de tudo sobre tudo, certamente não passarão do segundo texto, quiçá do sumário, uma vez que, '*Para pensar na cama...*', tenha sido produzido para humanos que acreditam ser alunos da vida, que estão em uma eterna (re/des)construção e que levam a máxima do "só

sei que nada sei", de Sócrates, como lema de evolução enquanto cidadão transformador de mundo.

Devaneios como bússola

Não há pretensão de que você mude uma opinião que porventura já tenha formada sobre assuntos abordados nos artigos que compõem esta seleção.

O intuito é que deslize sua leitura até a derradeira página desta obra e que ela, em certos momentos, lhe cause comichões no cérebro, confrontando, instigando, provocando e despertando em você o tal segundo ponto de vista, que pela correria e rotina, não raras vezes se perde pelo caminho.

Acidez, sarcasmo e ironia talvez sejam palavras que definam bem a escrita que me acomete quando a pauta é opinião.

Com o passar dos anos, compreendi que não há forma melhor do que essa para se comunicar e expressar sentimentos de um escritor que nasceu e vive no país do controverso e que, portanto, precisa de uma dose cavalaresca de loucura como alimento básico de sobrevivência.

Na contramão do que se conhece por intelectualidade, gosto de escrever para todos. Por isso, a linguagem coloquial e acessível é proposital para que meus artigos cheguem aos públicos das mais diversas esferas sociais, que, inclusive, não encontrarão na *coleção 'Aspas Invisíveis'* glamour semântico. Meu papo é reto e o jogo é rápido. O pensar tem pressa, o questionar tem pressa.

Para pensar na cama...

Não por acaso o segundo volume do compilado foi nomeado '*Um pouco mais que 2 palitos*'.

Alerta

Já viu autor que, logo na introdução, já dá spoiler a respeito de seu livro? Então... sou desses.

E o que tenho para revelar possivelmente soe como tiro no meu próprio pé e deixe você emputecido, principalmente se tiver pago algum tostão para ter acesso a este livro.

Mas, sem receio, revelo: amigo, amiga... acredita que são quase 280 páginas, apenas neste volume, em que, em minha opinião, não digo absolutamente nada além do óbvio? Pois é.

E confesso que só insisto nele, no óbvio, por vivenciar uma realidade em que o coitado precisa sim ser o tempo todo defendido, infelizmente.

A notícia boa é que, o que é óbvio para mim, pode não ser a você. E a grande magia se instala é nessa cortina de fumaça mesmo que, a cada texto, se dissolve entre os dedos.

Leia '*Para pensar na cama...*' e sinta como se estivesse pegando uma estrada bem de manhãzinha, viajando, com orvalhos no vidro e uma neblina baixa que, conforme o carro se aproxima do destino, vai desaparecendo para dar lugar ao sol, seu melhor substituto possível.

Contudo, nada me garante que, antes mesmo de você chegar a última linha do último artigo, eu ainda terei as

mesmas opiniões que tinha apresentado com (aparente) extrema convicção páginas lá atrás. E que bom. Que demais é esse negócio de ser uma metamorfose ambulante e não fazer a menor questão de ter aquela velha opinião formada sobre tudo, não é mesmo?

Por que (a coleção se chama) *Aspas Invisíveis*?

Independentemente do contexto, elas, as aspas, carregam significado ímpar à linguagem, já que são responsáveis por abrir alas às ideias, pensamentos, argumentos, ou, enfim, qualquer enunciado que represente um ser pensante, determinando, assim, o rumo da história de algo ou de alguém.

Confesso ser um apaixonado por aspas.

Essencialmente aquelas consideradas invisíveis, já que são as que carregam as histórias mais saborosas que existem, e também por eu me identificar com elas, já que também sou dono de aspas (ainda) invisíveis aos olhos da sociedade, já que me considero um escritor novo e independente que busca formas para se conquistar uma mínima visibilidade no sentido de inspirar, conscientizar e desperta reflexão às pessoas.

'*Aspas Invisíveis*' é composta por seleção de artigos. Portanto, de aspas. Da aspa de alguém. Da minha aspa - do início ao fim -, e que, em um texto ou outro, dependendo do contexto, traz consigo outras aspas referenciais nem tão invisíveis assim.

- Fernando Guifer -

Para pensar na cama...

“A vida é somente o espelho de nossas decisões e atitudes.

Se ela não tem nos devolvido bons reflexos, vale repensar o que tem sido projetado por nós, dia após dia.”

(Fernando Guifer)

Capítulo 1

E, antes que o dia acabe...

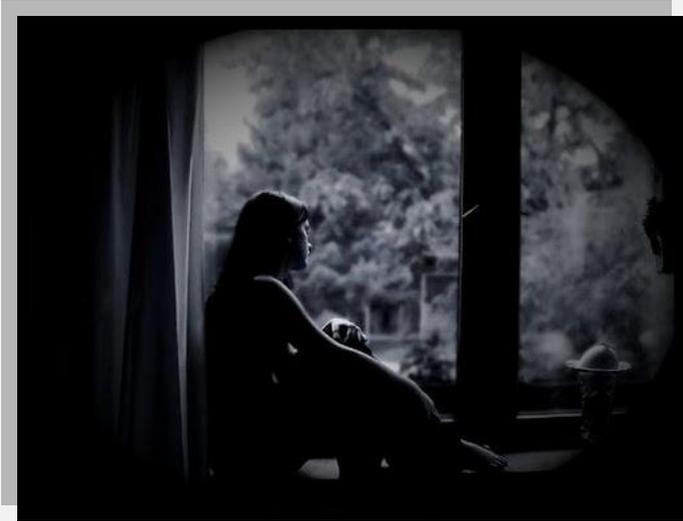
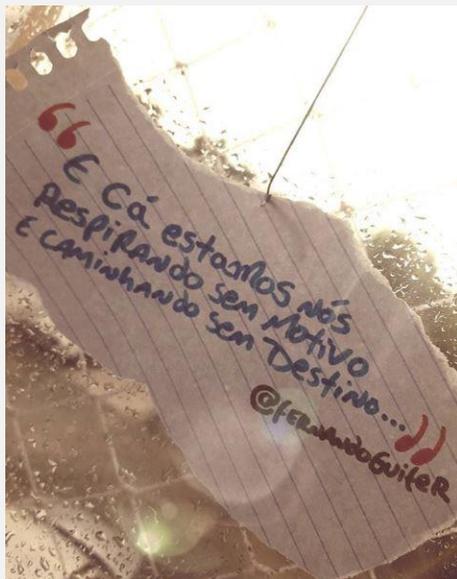


Imagem: Frenys.com

Para pensar na cama...

Que raios, afinal, é o tal do ‘dia útil’?



Bom, segundo o “sapiente” ser humano (este único animal “racional” que paga para viver na terra), dia útil é aquele dia em que fui usado por oito horas e considerado vantajoso a alguém que prometeu me conceder uns trocados no fim do mês, com argumento de que isso me dignificaria e me tornaria uma pessoa melhor.

Alguém este que, inclusive, não está nem um pouco interessado na qualidade do meu sono e no brilho apagado que meu sorriso amarelo e estafado será capaz de causar à minha filha, que, aliás, crescerá tendo pai, no máximo, duas vezes por semana.

Fernando Guifer

O “útil” faz parte de nossa rotina entre, aproximadamente, 20 e 24 dias em um único mês. E, depois que passamos a tê-lo como companheiro inseparável a partir da adolescência e fase adulta, jamais desfrutamos e aproveitamos os melhores momentos da vida em sua plenitude. É tipo um caminho sem volta, sabe?

Vamos desenhar um dia “útil” – quase sem ponto final e/ou respiro? Pois bem...

Dia “útil” é aquele em que você:

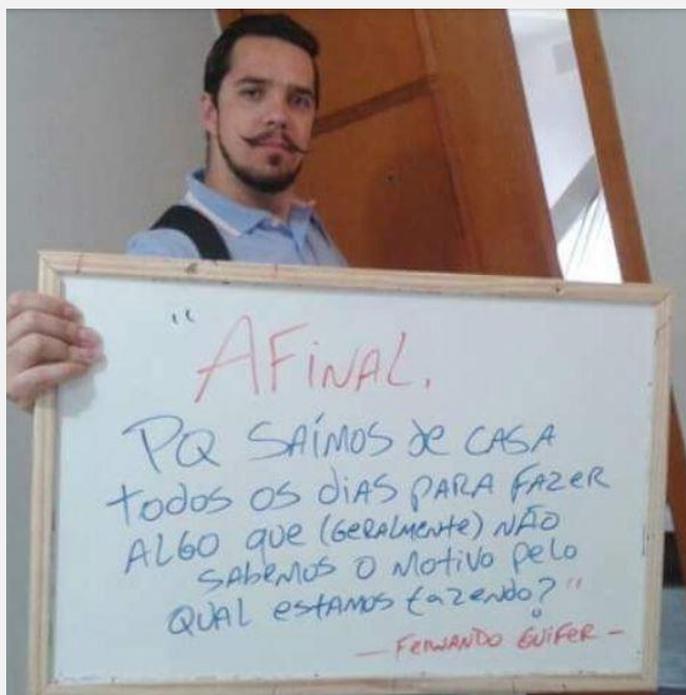
Acorda na madrugada/dá um beijo seco e bafento na esposa ainda deitado/joga uma água na cara/passa correndo um creme dental fulêro/dá um jeitinho na juba aos moldes d’a vaca lambeu/sai (sem transar) na garoa fria/molha os pés – e fica com eles dessa forma o dia todo até esfriar -/pega condução “pública” lotada (pública, mas que é paga.... ou seja, coisa de “humanos”)/chega a um lugar chamado trabalho/convive com pessoas que te odeiam/recebe ordens de um alguém que não suporta/e faz, na maioria das vezes, algo que não acredita – ou que é até contra que seja feito.

No fim do dia volta enlatado e molhado (novamente via transporte coletivo)/com cara de bunda atropelada/toma banho já em stand-by/não tem no pênis força suficiente para transar (e o vizinho que acordou meio dia segue tranquilão só esperando para dar o bote)/fica sem forças mentais e físicas para brincar com os filhos que estão cheios de energia/e, enfim, capota.

Para pensar na cama...

Opa! Mas calma... nem tudo é desaforo!

Lembre-se de que lá, naquele negócio chamado trabalho, temos de 30 minutos até 1 hora para se alimentar. Não é o máximo do saudável? E, dependendo de como for o comportamento, você não ganha uma estrelinha de bom menino, mas conquista a chance em sair para utilizar a toailete por 10 minutos.



Dia "inútil", porém, é o que conhecemos por domingo (ou feriado), e funciona mais ou menos assim, ó:

Fernando Guifer

Dia “inútil” é aquele em que você:

Acorda ao lado da pessoa que ama/sorri/transa/deita abraçadinho/transa de novo/toma banho junto (e transa)/preparam café da manhã com os filhos/vai ao quintal para brincar com os pequenos/sorri sem motivo/visita o parque/ninguém lhe enche os pacová/almoça quando quer (e gasta tempo que desejar)/ama/sente-se amado/é valorizado pelo o que é e não pelo o que pode oferecer/senta na privada sem o taxímetro ligado/fala sobre sonhos/transborda e compartilha um amor inexplicável/assiste televisão/planeja a próxima viagem/toma um banho revigorante/transa gostoso/vai dormir de conchinha/e, por menos de 24 horas, experimenta uma felicidade que nenhum dinheiro ou ser humano jamais conseguirá comprar ou proporcionar.

Você foi feliz nessas poucas horas, mas amanhã já é dia “útil” de novo, e depois de amanhã também, e depois também e depois também, e blá blá blá blá blá.

Não se empolgue porquê a semana será cheia de dias “úteis” até chegar ao sofrido e “inútil” domingo (e quem sabe, feriado) novamente.

Descansar é para os fracos e, nesse mundo tão competitivo, ser feliz por alguns minutos é praticamente querer demais. As pessoas estão hipnotizadas por uma competição que não lhes traz quaisquer benefícios reais que não dinheiro, poder e ego.

Ah! É óbvio que, por ser tão glorioso, o domingo não poderia ter sido inventado pelo bicho-homem, concorda?

Para pensar na cama...

Domingo é cria do senhor Deus que, lá em Gênesis, construiu tudo o que se tem notícia, mas, por não ser de ferro, optou por dar uma esticada no sétimo dia - salvando a gente do pior.

Até porquê, se dependesse da racionalidade humana para inventar algo coisa maravilhoso como o domingo, estaríamos fritos. Nossa raça não pensa em nada diferente que não seja se matar, e nada mais.

Fato é que o dia considerado “inútil” pela sociedade é o que a Divindade reservou para que pudéssemos descansar e viver – de verdade – alguns instantes ao lado das pessoas que amamos.

Olha, confesso que penso sempre em como explicar à minha herdeira o quanto tentei ser o melhor pai que pude nesse pouco tempo que sobrou para nós dois e, principalmente, qual esclarecimento darei para justificar a imbecilidade humana em se automutilar todos os dias com essa parada chamada trabalho ainda no século XXI.

Aproveite ao máximo seus dias “inúteis” para sobreviver com maestria aos que lhe vendem como “úteis”.

“Eu prefiro morrer do que perder a vida!”



Imagem: Luis Gontijo

A frase do título foi extraída de um dos episódios do seriado Chaves (original ‘El Chavo Del Ocho’), em que o protagonista exclama a plenos pulmões este pensamento em um contexto totalmente diferente ao que será abordado por mim nas linhas abaixo.

Mas, apesar de um trecho composto para a ótica do humor, vejo como uma das citações mais sábias do grande gênio e pensador Roberto Gómez Bolaños, pai humano do nosso inspirador Chavinho.

Vamos lá: ‘morrer’ é uma coisa, ‘perder a vida’ é outra bem diferente.

Para pensar na cama...

1- O ser humano é considerado morto quando suas atividades cerebrais decretam falência perante as leis da medicina;

2- O ser humano, porém, perde a vida, quando deixa de sonhar, de amar, de acreditar, de se expor, de sentir prazer com pequenos gestos, e quando até mesmo o brilho do meio dia passa a lhe causar incômodo.

E, para que o item 2 se torne real, o cidadão não precisa ter sido declarado clinicamente morto, afinal, é bem possível sentir o coração bater, o cérebro funcionar e, mesmo assim, ter a incôgnita e angustiante sensação de ser um alguém sem vida ou sem valor para o mundo e, principalmente, para si mesmo.

O tal 'nascer-trabalhar-consumir-morrer' acaba com nossa saúde emocional/física – na unha – e faz com que tudo ao redor que disponha considerável relevância, passe a flutuar despercebidamente bem diante dos nossos olhos.

Trabalho, estudos ou qualquer projeto que seja, nos insere em um vicioso e maléfico círculo de zumbis, daqueles que nos torna marionetes guiadas por sonhos que acreditamos ter, mas que, por falta de tempo (e de tesão), mal lembramos quais são de fato.

E tudo porque, ao longo dos anos, criamos o costume de nos autossabotar com cabrestos invisíveis e dedicar toda a vida em torno algo que imaginamos ter relevância para nossa felicidade plena, quando, no acerto de contas,

puff... não conseguimos realizar absolutamente nada do que foi planejado.

Sonhar e não realizar nos estimula seguir rumo a um caminho que muitas vezes não tem passagem de volta, mesmo quando aparentemente esteja claro que recomeçar é parte do processo e algo necessário para, não só testar a capacidade que temos em dar a volta por cima, mas, também, para nos deixar mais maduros na hora de cortar o bolo.

Mas, não é fácil lidar com as derrocadas. Nunca foi.

Viver é uma arte. Nós, humanos, somos imediatistas e gostamos de ver os projetos dando certo. Jamais nos preparamos para o fracasso, e talvez o erro esteja exatamente aí, já que na vitória a gente não cresce.

Vencer é gostoso, mas não agrega valor.

Na verdade, é o balde de água fria que nos torna pessoas e/ou profissionais melhores.

Contudo, a frustração nos torna reféns de um sorriso amarelado que tem como cativo um cômodo escuro e a mentirosa – e clichê – frase “estou bem, fica tranquilo!”, dita sempre que alguém se aproxima.

E os males responsáveis por “acabar com nossa vida sem nos matar” geralmente tem como pontapé inicial uma palavra que raramente levamos a sério: rotina.

Para pensar na cama...

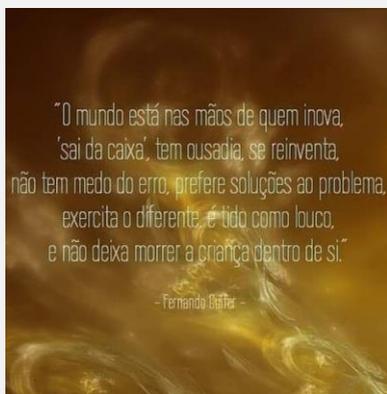
A correria é capaz de transformar nossa rotina em algo tão estafante, que chega ao ponto de não encontramos mais prazer em observar e admirar as belezas naturais que o planeta nos oferece gratuitamente pelas poucas-muitas 24 horas que fazem elo dégradé entre o sol e a lua diariamente. E quando percebemos, estamos respirando sem motivo e caminhando sem destino.

Vale saber que, qualquer preguiça que criamos em pensar ou agir nos destreina para o raciocínio lógico, nos desperta para a ignorância, e, no fim das contas, tudo desemboca pra valer naquela parada que conhecemos por manipulação, entende?

Ou seja, passamos a não fazer mais o que temos vontade, e sim, a prosseguir conforme o andar da carruagem e o dançar conforme a música (como bons piolhos censurados pelo próprio vulto).

Não deixemos as circunstâncias nos fazer agir como inquilinos do próprio nariz, pois, a única coisa que nos faz ter domínio sobre o tal “eu que mando em meu destino” é nossa identidade.

E quando vivemos em função do que a sociedade espera de nós e não do que achamos ser o correto a ser feito em prol dela, é sinal de que já não há mais personalidade própria. E o perigo mora exatamente aí.



Afinal, o futuro e os outros dependem de você ou é você quem dependerá de um futuro criado pelos outros?

Prefira sempre morrer do que perder a vida. Sempre!

Se for para morrer, que morra logo e deixe de fazer peso na terra;

Se for para viver, que seja intensamente feliz e agregador para os que lhe cercam e, principalmente, para o próprio sapato.

Enquanto viver, viva!

Faça o melhor que puder em tudo o que se dispor.

Suas atitudes e realizações servirão de base para um legado que poderá ser positivamente aproveitado por todos os que ficarem depois de sua partida.

Para pensar na cama...

Reclamar = clamar 2 vezes!



Fernando Guifer



4 min • 🌐

"Ah, minha vida não tem mais jeito. Já estou com 40 anos e, se as coisas não deram certo até agora, é pq já era mesmo!"

Vamos lá. 2 palitos:

Homem Aranha, Hulk, X-Men, Capitão América, Thor, O Quarteto Fantástico, Pantera Negra, Homem de Ferro, Demolidor, Professor Xavier, Magneto, entre outros personagens de sucesso.

E daí?

Bom, e daí nada...

Me intrometi na timeline apenas pra dizer que todos esses personagens foram criados depois que Stan Lee completou 40 anos.

Portanto, achar que sua vida terminou ou acreditar que ela está somente no início talvez seja mesmo uma questão de perspectiva e/ou escolha.

Refleta seu vitimismo.

Cuidado!

Quando você reclama muito de algo desagradável, que lhe incomoda e que deseja se livrar, você clama em dobro por esse mal e o atrai para sua vida.

Sua mente inconsciente não sabe diferenciar o que é bom ou ruim, então, se você pensar excessivamente em uma coisa negativa, ela entenderá que você está dando importância demais àquilo e vai trabalhar para materializar esse pensamento em sua existência.

Sua mente cria sua realidade!

- Pense o tempo todo em coisas boas;
- Enxergue o copo sempre mais cheio;
- Emane positividade às pessoas e ao mundo;
- Faça tudo pensando no bem que isso causará ao próximo.

Esses são os únicos caminhos possíveis para sua transformação e prosperidade!

Fazer com que esse incrível boomerang energético lhe traga somente coisas boas depende única e exclusivamente de um poder mental que você já tem desde que estava na barriga da sua mãe.

Você tem o poder. E tudo que vai, volta!

Para pensar na cama...

Brasil perde seu mais onisciente ‘dedo na ferida’

Contexto: jornalista Ricardo Boechat morre em acidente de helicóptero.

Fonte: <https://bit.ly/2Jol2IE> (El País – 11.02.2019)

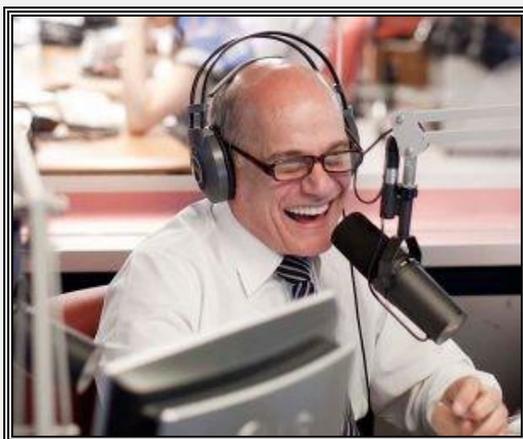


Imagem: divulgação/Band

Se tem algo raro hoje em dia, isto é jornalista que honra o jornalismo.

Digamos que, de tão escasso, dá para contar nos dedos de uma só mão – e olhe lá – quais profissionais são realmente isentos, plurais e incansáveis no compromisso com a verdade e com a transformação positiva do mundo de forma sustentável.

Fernando Guifer

E Boechat era uma dessas valiosas e admiráveis pedras preciosas que lutava por manter a profissão respirando com o mínimo de dignidade, mesmo observando pelo vidro essa nova geração seguir na contramão daquilo que sempre lutou por preservar: a credibilidade.

Dos nossos, ele não demonstrava quaisquer sentimentos afetuosos por partidos políticos, característica que o aproximou de considerável parcela de uma população que, por pretextos óbvios, se sentia representada por aquela voz que nos encorajava e nos enchia de energia, soando aos ouvidos como música de protesto, tanto pela manhã quanto já no anoitecer.

Ricardo Eugênio era o “senhor” que, pelas ondas do rádio, me acompanhava todas as manhãs na ida ao trabalho (para me dar aula de jornalismo) e, sem que soubesse, me acolhia no fim do dia pela tela da Band (presenteando a mim com uma segunda e inspiradora preleção).

Ricardo Eugênio era o “senhor” que, mesmo sem me conhecer, conseguia, diariamente, me despertar para alguma reflexão capaz de me conscientizar e me (des)construir enquanto ser humano – embora, não raras vezes, os tapas na cara me deixassem um tanto desconsertado e cético sobre aspectos que depois viriam a fazer total sentido.

Ricardo Eugênio era o “senhor” que, por ser dono de uma sabedoria tão poderosa, me fazia ter vergonha de dizer “sou jornalista” quando ele estava em cena. Afinal,

Para pensar na cama...

se o mestre empunhasse qualquer microfone que fosse, só o que me restava era colocar o rabo entre as pernas, ficar calado, lhe prestar reverência, aplaudir e, se o raciocínio acompanhasse, tentar aprender algo.

Como dispor de um vocabulário impecável, vasto, que não permite se repetir dentro de um discurso, mesmo que ele seja extremamente longo?

Como falar naturalmente sobre qualquer assunto demonstrando pleno conhecimento e ainda por cima não soar redundante?

Como ser um jornalista que, do ponto de vista político, bate no todo, sem lado explícito, sem medo, e claro, com grande propriedade em cada retórica milimetricamente articulada com admirável precisão?

Meu Deus! Quanta virtude! Quanta admiração!
Isto era, definitivamente, Ricardo Boechat, meus amigos.

Que, somado a tudo isso, nos presenteava com uma versatilidade rara e peculiar de quem sabia conversar com as mais distintas classes e faixas de idade, independentemente do tipo de mídia na qual estava inserido, se era falada, escrita, enfim.

Era impossível sacar quando Boechat estava lendo algo já criado antes de abrir o microfone ou quando era tudo na base do improvisado, do conhecimento, do talento.

Aliás, era inimaginável pensar que todo conteúdo que carregava – e generosamente compartilhava conosco – estava ali, na cachola, na ponta da língua, e não em algum papel ou bloco de notas do celular, por exemplo. Dom de poucos.

Foi-se uma de nossas mentes mais brilhantes, aquela que nos representava exercendo imprescindível papel de ombudsman por dias melhores. Uma lacuna irreparável que nos deixa órfãos e sem um substituto à altura.

É como se no dia 11 de fevereiro de 2018, a notícia não tivesse sido “queda de helicóptero mata o Jornalista Ricardo Boechat“, mas sim: “Brasil perde seu mais onisciente ‘dedo na ferida’“, de tanto que seu trabalho mexeu conosco e nos moldou de alguma forma ao longo dos anos.

Enfim, perdi o tipo de colega que ainda me fazia ter um pouco de orgulho dessa tão desvalorizada profissão e que, conseqüentemente, mantinha acesa dentro de mim uma chama de que ainda/sempre vale a pena.

Para alguns, Ricardo Eugênio Boechat; para os íntimos, apenas Ricardo; para milhões, só Boechat, para poucos, Eugênio; e, para mim... Gênio.

Gratidão pelos ensinamentos, mestre, Boechat.

Agora, descanse... seguimos por aqui, tocando o barco.

Para pensar na cama...



Fernando Guifer



agora mesmo · 🌐

"Sou favorável ao ensino religioso nas escolas"
5 min depois: "Não quero meu filho em contato com Umbanda e Candomblé pq é coisa do diabo!"

"Viva a democracia. Juntos pelo livre direito em opinar!"

5 min depois: "Se fulano vai votar no Bolsonaro eu já logo desfaço amizade!"

Entendeu?

Você só é favorável ao ensino religioso nas escolas, se ensinarem a SUA religiõzinha do coração;

Você só é um democratão descolado se as opiniões que lhe cercarem forem iguais à SUA opinião.

Do contrário, você NÃO respeita e não aceita.
Em suma: você é o que tem de pior na raça humana. Não se reproduza.

Não basta somente bater no peito e dizer que é jornalista!(...)



Imagem: pixabay

(...)Tem que cumprir com seu papel altruísta e social utilizando com sabedoria e responsabilidade as mais poderosas entre todas as armas que lhe foram confiadas: a caneta e o microfone.

Jornalista não é artista. Jornalista existe para servir!

O papel do jornalista é mudar o mundo através da informação bem apurada, com isenção-pluralismo-respeito-verdade-alma-e-coração.

É responsabilidade da profissão levar à sociedade acontecimentos que movimentam verdadeiramente a

Para pensar na cama...

história e seus respectivos impactos complementares, e só.

Profissional que troca seus juramentos da formatura por likes/curtidas não é jornalista, é mendigo de aplauso.

Que a empatia sempre vença o dinheiro, e que as pautas realmente relevantes prevaleçam ante as coberturas sobre, por exemplo, o dedo mindinho do jogador de futebol, Neymar.

Isso sim é jornalismo. Todo resto é publicidade.

Acredito que...



Imagem: José Aparecido

...quanto mais a sociedade pesquisar, ler, estudar e se permitir quebrar paradigmas religiosos, mais serão colocadas em xeque – ao longo dos próximos séculos – as existências de Deus, de Jesus Cristo, do Diabo, do Céu, do Inferno e, conseqüentemente, as veracidades da Bíblia e de outros livros com objetivos similares.

Isto, porém, é claro, não significará em absoluto que não existam.

Fato é que uma nação culta carrega naturalmente consigo um espírito questionador que não permite absorver convicções sobre temas de que não foi efetivamente convencida.

Para pensar na cama...

Não faz verão a uma mente diferenciada um terceiro ler as escrituras, interpretá-las ao próprio modo e vender sem plausibilidade as “verdades” que acredita (ou não) como sendo absolutas.

Até por que, a Bíblia tornou-se, ao longo dos anos, um grande telefone sem fio em que a maioria dos homens que a pregam faz adaptações sempre de acordo com seus interesses pessoais.

E um povo perspicaz vai além.

Um povo que pensa não age por impulso. Um povo instruído não pratica ou apregoa o fanatismo. Um povo sábio desconfia até da própria sombra durante a busca por respostas que façam realmente algum sentido àquele enunciado.

A solidez de uma sociedade culta se dá quando ela compreende e aceita que o que move o mundo são perguntas e não respostas. É que, quando alguém disser ter respostas para tudo, é exatamente ali que o cuidado deverá ser redobrado.

Apesar disso tudo, ao mesmo tempo em que é o motivo de tantas guerras e mortes, a religião se faz indispensável ao atual sistema como um todo e (geralmente) também para a sobrevivência daqueles que conhecemos por “animais-rationais”, uma vez que parcela esmagadora da humanidade não conseguiria viver sem ter algo abstrato a que pudesse ter apego durante a dificuldade e no vislumbre por dias melhores.

Acredito (ainda) que...
eu possa estar completamente equivocado acerca de
tudo o que divaguei acima. E que bom.

Ps: Sim. Eu (ainda) creio na existência de Deus, de Jesus Cristo, do Diabo, do Céu, do Inferno e nas escrituras bíblicas. Mas, ao contrário de anos passados, aprendi que o tal 'questionar tabus historicamente irrevogáveis' é imprescindível para melhorarmos a existência humana e, conseqüentemente, o mundo.

Além disso, reavaliar as próprias crenças não é blasfêmia, é amadurecimento.

Para pensar na cama...

Deus VS Mal(dito marketing religioso)

Contexto: campanha: Eu Sou a Universal, exibida pela Record TV.

Fonte: <https://bit.ly/2LnicRA> (Portal IURD)



Não é de hoje que as peças publicitárias da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) têm chamado minha atenção, essencialmente no que diz respeito aos episódios da série 'Eu Sou A Universal', exibido pelo grupo Record diariamente em sua programação.

Se você não teve oportunidade de assistir, funciona basicamente da seguinte forma: o vídeo mostra o perfil de um homem ou uma mulher falando sobre como era sua

vida antes de frequentar a IURD e as bênçãos que têm recebido ou que já recebeu...

Pausa no detalhe:

Estrategicamente, essas pessoas representam variações de perfis, etnias, classes sociais e profissões, justamente pelos envolvidos na criação dessas peças publicitárias saberem que você (público de casa) se identificará com alguma das personagens.

Até aí nada demais, já que no marketing funciona exatamente assim mesmo.

Voltando:

Bom, no fim das contas, encerram o texto da “propaganda” dizendo: “Meu nome é fulano de tal, exerço tal profissão, moro em tal lugar e... Eu sou a Universal!”.

E de novo: até aí, sem novidade, porque cada um é aquilo que desejar ser. Ok.

Mas em um dos episódios, especificamente, o abençoado em da vez finaliza assim: “Quer saber a razão? (de todas as bênçãos que recebi) Eu Sou a Universal!”

Ei, ei, ei... espera um pouco, campeão!

Senti falta de um agradecimento especial para alguém aí, hein!? Como assim creditar nitidamente suas conquistas à igreja?

Para pensar na cama...

Será que tu não se esqueceste de Deus por um instante só para vangloriar o trabalho realizado pelo staff do bispo Edir Macedo? Ahn, ahn?

Não serei leviano em dizer que, lá no início, nos anos 80, não existiam boas intenções da IURD para com seus fiéis por parte de seu fundador e das pessoas que o cercava. Contudo, o tempo foi passando e tornou-se nítido que o propósito inicial de *“Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15)* se perdeu pelo caminho.

E eu, por ter frequentado a IURD durante 14 anos, lamento demais quando vejo a forma como as coisas passaram a ser conduzidas por lá ao longo dos últimos anos.

O mais preocupante, porém, é saber que, agora, mais do que nunca, ela não está sozinha nesse bolo. Ou seja, por ter se tornado um negócio altamente rentável, a Universal – infelizmente - ganhou concorrentes bem fortes no quesito “venda de milagres”, para desespero das pessoas de bem que buscam um puro e verdadeiro afago espiritual.

Digo isso para trazer outro exemplo, agora da igreja Assembleia de Deus, mencionando que, recentemente, estava eu, zapeando os canais da minha TV, quando resolvi parar na pregação do pastor Silas Malafaia.

Olhando fixamente para a câmera, ele disse o seguinte: “Coloque um copo com água sobre a televisão porquê EU vou lhe abençoar!”.

Cuma? Como é aí, moço?

Veja bem, ao invés de proferirem coisas como: “Olha o que a Universal fez por mim” (que também ouvi em outro episódio)

ou

“Coloque um copo com água sobre a televisão porquê EU vou lhe abençoar!”;

Que tal utilizarem afirmativas do tipo:

“Quer saber a razão? (de todas as bênçãos que recebi) Eu Sou um(a) homem/mulher de Deus!”/“Olha o que Deus fez por mim!”

ou

“Coloque o copo com água sobre a televisão porquê DEUS vai lhe abençoar!”.

Conseguem entender a inversão de valores e qual marca e/ou produto querem de fato vender?

Creditar as conquistas do clien... digo, do membro, para o Senhor dos Exércitos, não é bom para os negócios, certo, queridos “líderes”?

Afinal, se você utiliza a palavra Deus, acaba dando moral a um “produto” que possivelmente consideram como neutro, e a pessoa pode, de repente, encontrá-lo em

Para pensar na cama...

qualquer outra placa de igreja/empresa que não a de sua propaganda.

E isso não é, de forma alguma, interessante para o faturamento na hora de fechar as contas.

Imagino que alguns líderes religiosos pensem que o nome de Deus não precisa de marketing ou ser “vendido”, por já estar consolidado em todo o mundo como um alguém inigualável, milagroso e do bem.

Tudo lindo. Mas, em partes, discordo.

Claro que Deus não precisa de marketing e jamais deveria ser tratado como uma marca e/ou produto. Contudo, toda honra e toda glória deve ser dada sempre ao responsável pelo feito, independentemente do valor que Ele já tenha para as pessoas.

Exemplo chulo: se Pelé faz um golaço, o árbitro não deve validar o tento para o zagueiro Joãozinho só porque Pelé já é Pelé.

Não faz sentido.

Se Deus é o responsável pelos milagres em sua vida, deve ser integralmente reverenciado por isso, e não qualquer outra pessoa ou empresa/igreja.

Ok, mas, qual o problema?

– Nossa, Guifer. Ultimamente você anda se apegando em temas que ninguém liga ou se incomoda. Qual o problema em dizer “Eu Sou a Universal” no lugar de “Eu sou de Deus!”, por exemplo? – você pode questionar.

O preocupante nisso tudo, caro leitor, está no marketing de emboscada, na mensagem subliminar e na propaganda implícita que as (grandes) instituições religiosas – principalmente evangélicas – têm praticado descaradamente todos os dias, já que são as que deveriam se preocupar somente em “pregar o evangelho a toda criatura” em vez de investir milhões para somente fortalecer sua logomarca, entendeu?

E apesar de ser algo aparentemente nebuloso para muitos, posso afirmar com total convicção que nada do que você ouve ou vê dentro de uma igreja é por acaso.

Falando, por exemplo, em um contexto geral que envolve parte das igrejas evangélicas (que descobriram na fraqueza das pessoas uma mina de ouro e hoje preenchem cada esquina do Google Maps com seus templos), não somente a IURD ou Assembleia, mas as outras grandes denominações “concorrentes” também agem de um jeito similar e atuam forte na capacitação de quem for escolhido para representá-las.

Desde a postura do tal pastor, as roupas que veste, a inclinação corporal, a impostação de voz, o jeito de andar e olhar, e claro, a forma como lê e transmite sua interpretação bíblica durante a pregação. Tudo isso é resultado de um trabalho de marketing (bem feito) para fisgar aquele cliente que ganhou apelido de fiel.

Assim como em qualquer segmento corporativo, funcionários que trabalham com religião são treinados

Para pensar na cama...

para falar com seu público-alvo. Não por acaso, existe um investimento nessa “indústria da fé” focado nos recursos humanos, para que líderes/empreendedores garimpem de longe quem têm ou não aptidão para subir ao altar e fazer uma pregação de 1H30 sem perder a credibilidade.

É o que conhecemos por “separar o joio do trigo”.

Ali estarão sempre pessoas escolhidas a dedo, com altíssimo poder de convencimento e de oratória quase que impecável.

Estes que certamente são dons presenteados por Deus, mas que, em minha opinião, deveriam ser melhores empregados para o bem e não para o que eles têm realmente feito: aumentar o próprio patrimônio (ou do chef... digo, fundador).

Com essa fala mansa, já arrecadaram milhões de fãs e, principalmente, de reais. E, sabe por que, caro leitor?

Porque fanático religioso não pesquisa, não analisa e jamais questiona. O pior é que não fazem isso por concordar integralmente com tudo, mas, sim, por achar que vai para o inferno se acrescentar um ponto de interrogação no fim das frases durante um bate-papo com seu pregador-mentor favorito.

Assim como os políticos, líderes religiosos não querem as pessoas raciocinando por saberem que as chances de seus negócios obscuros decretarem falências sobe para 90%.

Bom, melhor assim, né “carneirinhos”? O pastor/bispo/apóstolo/missionário falou, então, é amém!

Oras, e por qual razão as pessoas levam tudo como verdade?

Simples. Porque a igreja tem uma vantagem que empresas convencionais não têm: elas entram no caminho de pessoas que passam por instantes de fragilidade na vida, seja no aspecto emocional, físico, espiritual, financeiro, amoroso, familiar ou profissional.

E quando estamos sensíveis a um problema ou dor, só queremos nos livrar daquilo para desfrutar o melhor da vida na busca pela felicidade plena, e ponto. Não importa o preço, a gente vai e paga. É uma característica inerente ao ser humano.

Se a pessoa promete que Fulano vai ficar bem, essa ideia é comprada de imediato, pois ele não aguenta mais determinado sofrimento que, na maioria das vezes, já perdura por anos.

E eles... sim, eles... são ótimos comerciantes e convencem (quase) qualquer um de que a qualidade de vida que tu buscas está na igreja dele, e que lá na outra igreja concorrente você encontrará um Deus diferente – e que, provavelmente, não resolverá seu problema.

Deixe seus bens materiais e seja feliz; deixe a chave do seu carro ou da sua casa para receber a chave da felicidade.

Para pensar na cama...

É uma prática vender a cura de um Deus que nunca cobrou efetivamente por ela.

Ao estarmos fracos na fé – e também física ou emocionalmente -, nos tornamos suscetíveis ao mal-intencionado, já que essa tal “anemia da alma” nos impede de questionar o preço de um novo sorriso.

Essa debilidade nos faz entender que sorrir não tem preço, então, abraçamos tudo aquilo que nos é colocado goela-abaixo.

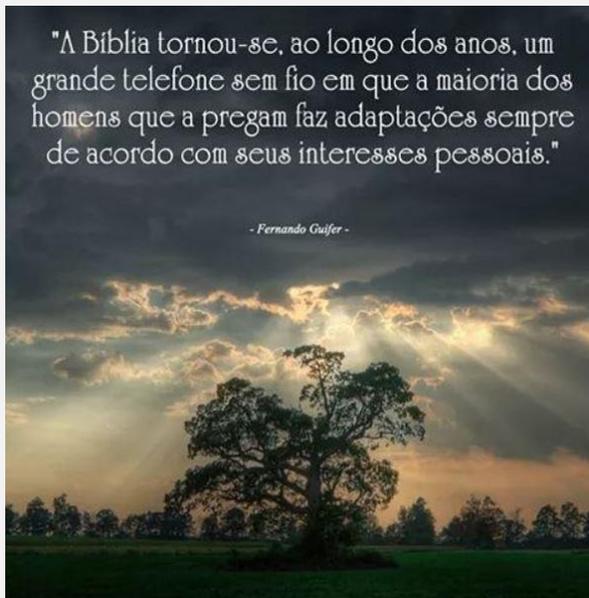
Eles, como não são bobos, estão cientes a respeito dessa percepção que temos, e isso nos torna uma presa ainda mais fácil.

Enfim... por tudo isso não vejo como exagero falar sobre este assunto, concorda?

Não se trata de empresas que fabricam biscoitos, meu amigo. A pauta gira em torno do segmento religioso, de igreja, da fé mercantilizada, e isso muda tudo, uma vez que essa “brincadeira” leva o nome de Deus e tem impacto direto na sua vida e/ou na de outras milhões em todo planeta.

Estamos falando sobre pessoas que precisam de ajuda, de carinho e de milagre positivo. Não de possíveis enganações e (mais) perdas, além das que a vida já lhes propôs.

E quando o assunto é Deus, meu grande pai e a quem sou grato por tudo o que fez por mim, desculpe. Mas aí não posso deixar de me posicionar.



Uma vez minha mãe disse uma coisa que nunca mais esqueci:

– Filho, quando você faz alguma afronta ao mal, Deus vem e nos protege; agora, quando faz ou fala algo contra Deus, não tem ninguém que o defenda! – e esse ensinamento ficou marcado.

Vejo a fé como sendo algo individual e, acima de tudo, sagrado. Por isso, tenho pena das pessoas que brincam com a fé dos outros, sabe? Não é raiva e nem ódio. É

Para pensar na cama...

pena. Porquê o acerto de contas será doloridamente em dobro. Eles podem adiar, mas não podem evitar.

Para Deus é assim: “Mexeu com meu povo, mexeu comigo!”. E o lema de todas as pessoas que acreditam Nele também deveria ser: “Mexeu com meu Deus, mexeu comigo!”, do mesmo jeito que o Próprio faz quando nos traz paz de espírito, amor, compaixão, bênçãos e livramentos diários – sem medir esforços para tais.

No entanto, é uma prática da sociedade (que acredita em Deus) absorver os possíveis abusos que se vê/ouve a respeito do nome e do legado que o Senhor nos deixou e dos milagres que produz diariamente.

Conforme disse lá no início, entende-se como errado questionar os métodos de uma placa de igreja e, com isso, deixa-se de defender e vangloriar a quem realmente interessa.

Que Deus tenha piedade.

Ps: fui criado em berço evangélico e, independentemente de qualquer coisa, nunca deixei de ser temente a Deus (que, para mim, estará sempre à frente das coisas e no topo do meu pódio de vida).

Me considero um servo que diariamente mantém sua comunhão com Ele, embora não permita que atualmente exista interferência de terceiros em nossa relação.

E, por que atualmente? Porque fui membro da Igreja Universal durante 14 anos da minha vida e tenho propriedade para falar sem qualquer tipo de interesse.

Fernando Guifer

Óbvio que não sou tolo em dizer que jamais voltaria à igreja (Universal ou qualquer outra), já que conheço minhas limitações humanas e sei que o dia de amanhã não pertence a mim.

Além disso, não tenho a menor dúvida de que, assim como em qualquer outro lugar, a igreja tem sim poder de nos trazer paz de espírito, e não importa qual seu nome fantasia, pois não falo no aspecto de estrutura física, mas sim, por a própria bíblia dizer que? *“Onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estarei!” (Mateus 18:20).*

Tudo é uma questão de fé!

Para pensar na cama...

Mudar de opinião é sinônimo de amadurecimento. Mas, calma!



Ao contrário do que muitos pensam, mudar de opinião não é algo que deva ser considerado ruim e/ou que fira nossa credibilidade.

Eu, por exemplo, adoro tudo o que remeta à reflexão e que me leve a, quem sabe, mudar de opinião sobre algo ou alguém.

Fico realmente fascinado quando encontro um ser que consiga me fazer mudar de opinião, já que é esse tipo de pessoa que agrega de maneira positiva em minha vida, independentemente se é um amigo de infância, familiar,

Fernando Guifer

parente ou alguém que acabamos de conhecer por aí de forma despreziosa.

Pessoas capazes de nos fazer mudar de opinião são valiosíssimas, meu caro. Afinal, geralmente somos, não só turrões, mas também figuramos como “bons” donos da verdade, e isso valoriza ainda mais a presença dessas pessoas, principalmente se analisarmos que a capacidade de influenciar não é tão comum quanto a capacidade de ser influenciável.

Pessoas com esse tipo de habilidade, (quase) sempre têm embasamento suficiente para nos fazer pensar com um lado oposto ao utilizado habitualmente pelo cérebro, ou ver uma situação por outro ângulo, ou enxergar algo através de uma ótica diferente, enfim.

Sim, todos somos cegos em grande parte das convicções que temos, talvez até pela própria criação e/ou grupo social ao qual estamos inseridos.

Fato é que, este movimento de ideias e essa metamorfose de opiniões, são alguns dos aspectos que atuam na formação de um “homo sapiens” ao pé da letra.

E só um adendo: mudar de opinião não é sinônimo de ser trouxa ou duas caras. Já dizia um autor desconhecido por aí: “Não confunda obra de arte do mestre Picasso, com pica de aço do mestre de obras”.

Falo da mudança de opinião no aspecto que engrandece e enriquece o caráter de qualquer pessoa, já que

Para pensar na cama...

sabedoria não é ter pensamento uniforme e/ou no cabresto simplesmente por que fulano de tal (que aparenta ser “mais esclarecido”) pensa de determinada forma.

Mudar de opinião é uma dádiva e uma característica de grandeza sim, mas óbvio que deve ser algo administrado com sabedoria, ou seja, somente quando você entender ser o correto a fazer e não por outros desejarem que você pense diferente do que realmente pensa.

Ler livros, jornais e revistas, acessar portais, ver televisão e ouvir rádios. Essas talvez sejam as melhores maneiras que temos para aprimorar os conhecimentos, organizar as opiniões, e assim, mudar o rumo de nossos pitacos sempre para melhor – mesmo que não agradem a todos (e, ainda bem, não agradará).

Ah! E como se esquecer das Redes Sociais como fonte de informação, né? Mas, é valido mesmo?

Claro, super válido.

Lá estão os melhores especialistas – e donos da verdade – sobre todo e qualquer assunto do momento ou de vidas passadas, o que gabarita, por exemplo, Facebook, Instagram, Youtube, Linkedin e Twitter para formação de nossas opiniões, certo?

Errado!

Pelo menos em partes, e explico meu ponto de vista.

Let's go:

Passo crucial da sabedoria é respeitar opiniões, diversidades e, óbvio, raças/etnias, religiões, condições sexuais e/ou posições políticas, o que dificilmente vemos quando estamos online, concorda?

Geralmente a disseminação do ódio e da intolerância é mais forte nas redes sociais e está severamente arraigada ao subconsciente de muitos “amigos”. Muitas vezes não por maldade, mas por ignorância acerca de determinado assunto.

O que quis dizer foi: não leve ao pé da letra o que lê ou vê no feed, e não utilize embasamentos “facebookianos” para mudar de opinião ou formar alguma. Vá com calma.

Repito: mudar de opinião é salutar, mas deve ser feito na extrema certeza para não se prejudicar. Sua opinião é seu patrimônio, e ela merece o mínimo de autorrespeito.

Apesar disso, a rede social pode sim influenciar de maneira positiva na formação de nossas opiniões, vendo que se trata de uma extensa geradora de conteúdos e um grande mural de achismos ou certezismos que podem, eventualmente, agregar com algo bacana em nosso hall de conhecimentos.

A única dificuldade é: como discernir aqui o que é certo ou errado, para que eu tome determinado fato como minha nova verdade e assim exerça o ato ‘mudar de opinião’ sem quebrar a cara e ser taxado de otário-modinha-piolho-maria-vai-com-as-outras?

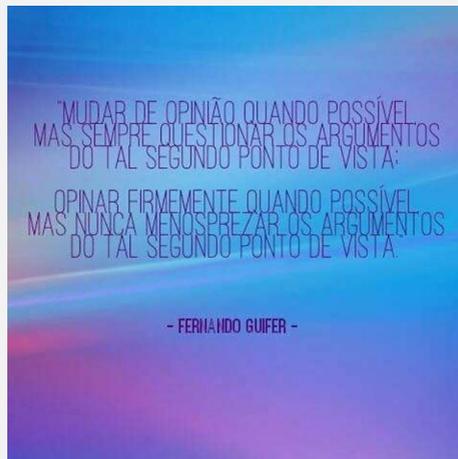
Para pensar na cama...

Pois é, meu amigo. Essa é só uma das trilhares de perguntas que não saberei lhe responder.

Mas, embora eu creia que tudo mereça ser ouvido, analisado, discutido, respeitado e até utilizado como fonte na hora de mudar uma opinião, (inclusive dados provindos de um Facebook da vida), alerto que a maioria das coisas que vivemos online não passa de uma grande utopia.

Então, olho vivo no que vai ler, engolir e sair vomitando por aí.

Isso serve para mim também, pois estamos tão robotizadamente inseridos nesse mundo virtual que, por vezes, na correria do dia a dia, caímos em pequenas armadilhas contraditórias impostas sem querer (querendo) pelas pessoas desinformadas ou até mesmo pela grande e tendenciosa mídia.



Fernando Guifer

Palavra final:

- Mudar de opinião sempre que possível, mas nunca deixar de questionar quando surgir em sua frente um segundo ponto de vista;
- Opinar sempre que possível, mas nunca menosprezar um segundo ponto de vista quando este surgir em sua frente.

(assim como nosso saudoso Raul Seixas – e eu) prefira ser uma metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.

E certamente será mais feliz!

Fim.

Para pensar na cama...

Sabedoria X Conhecimento



Imagem: Pixabay

A sabedoria sem conhecimento sobrevive; o conhecimento sem sabedoria não vale de absolutamente nada.

A vida é um jogo muito mais labirintoso do que qualquer tabuada, regra de três ou tabela periódica que você já tenha decorado. E por conhecimento que acredite ter, quanto mais você achar que é sábio, menos você será – e então todos os tombos que levar serão acentuadamente maiores e mais doloridos.

Inteligência é uma dádiva dispensada a todos nós desde o útero da mamãe, e apesar de (com o passar dos anos)

Fernando Guifer

nos tornarmos adultos que não representam de forma adequada o que entendemos por racional, é exatamente neste ponto em que nos diferenciamos dos demais animais (irracionais), estes que, não raras vezes, são capazes de nos ensinar muito mais do que podemos imaginar – deixando explícito o fato de que, ser racional ou irracional, não necessariamente é sinônimo de inteligência ou “burrice” efetivamente.

Mas, ok. Isso é UMA coisa, e o que abordaremos mais abaixo é OUTRA coisa, um tiquinho mais complexa.

Existem os inteligentes, que ocupam 100% da população que vive ou já viveu nesse mundão de meu Deus, e dispomos ainda de mais quatro categorias que representam singelas frações na % de um todo – que hoje anda estimado em nada menos do que 7 bilhões de humanos perambulando por aqui.

Estou falando daqueles que dominam as artes do conhecimento, da sabedoria, dos que somente “vieram a passeio fazer peso na terra”, e claro, dos privilégios que esbanjam os dois primeiros itens citados acima, ou seja, uma junção de ‘conhecimento and sabedoria’.

Busque sabedoria, e, se der tempo, corra atrás do conhecimento. Lembre-se: os dois são essenciais. Mas, entre um e outro, fique sempre com o primeiro.

 PENSADOR

Fernando Guifer

Para pensar na cama...

Saber é ≠ de conhecer

Sabedoria é muito mais do que ler diversos livros ao ano e/ou ter uma escolaridade invejável repleta de cursos entre pós-graduação, doutorado, mestrado, idiomas ou até mesmo intercâmbios, etc. Isso nós intitulamos “apenas” de conhecimento.

Não que seja pouco, mas, nem sempre tornar-se um “CDF” fará de você uma pessoa admirável, sábia, e com plenas condições de fazer a diferença de forma significativa para o mundo em que vive, propondo, talvez, um legado que mude para melhor a vida de alguém.

Quantos Fulanos a gente olha por aí e pensa:

– Caramba! Esse é muito dedicado, estudioso, e não tem como dar errado na vida. Vai ganhar muito dinheiro fazendo o que ama e tornar-se uma grande e positiva referência sobre o que é certo a ser feito.

Este pensamento é baseado naquilo que nos vendem na infância, ou seja, de que devemos colocar um cabresto e virar noites estudando se quisermos nos tornar bons fodões lá na frente.

E, segundo os mestres do giz, essa é a ordem natural dos fatores mesmo: estudou, desfrutará o sucesso quando adulto, e ponto. Concordando ou não, torna-se coerente pensar assim mesmo, já que fomos condicionados a esse raciocínio “lógico” na juventude.

É, meu amigo...

Mas o mundo real é muito mais impiedoso do que qualquer falácia que nos tenha sido pregada nas aulinhas – com método de ensino ultrapassado – daquele professor ruim de didática no Ensino Fundamental/Primário.

Estudar vai lhe trazer conhecimento, e isso é sim, inegavelmente, meio caminho andado.

Todavia, sinto informar com o coração apertado que, colecionar formaturas, é somente a metade da trilha para ser um alguém de valia para o globo.

Portanto, se você for (ou achar que é) mega dotado de conhecimento, porém, um alguém que sofre gravemente com deficit de sabedoria, vai nadar, nadar, nadar, e morrer na praia como se jamais tivesse aberto um livro durante sua existência. Simples assim.

É muito comum espantar-se com alguém que nunca pisou na escola e que é extremamente sábio.

Na verdade, esse assombro parece trazer até uma sutil carga de preconceito, mas não vejo como tal. Enxergo como uma reflexão plausível dentro desse arcaico pensamento que a sociedade propaga desde sempre.

Jamais desdenhe de alguém mais velho e que, de repente, não disponha uma escolaridade que considere “à sua altura”.

Para pensar na cama...

É gigante a probabilidade de este saber mais que tu mesmo com menos títulos expostos na parede do quarto ou do escritório.

E, acredite: geralmente essa ausência escolar não foi por uma questão de escolha, e caso resolva ir a campo pesquisar mais a fundo, verá que isso tem mais relação com a falta de oportunidade/condição social à época vivida do que qualquer outra coisa.

Quando nos dizem que devemos respeitar os mais velhos, não é uma afirmativa fundamentada somente por causa da idade, e sim, porque são maduros o suficiente para nos ensinar muito mais sobre a vida do que possamos imaginar.

São pessoas dotadas de uma sabedoria ímpar que não é conquistada em sala de aula fazendo provas ou, longe dali, rabiscando lições de casa. O que carregam (não só na cachola, mas na alma) é aquela famosa experiência fortalecida ano após ano devido à vivência, ao saber perder, ao valorizar ganhos, ao respeito ao próximo e também pela casca grossa criada por tantas vitórias e percalços.

A sabedoria sem
conhecimento sobrevive;
já o conhecimento sem
sabedoria, tsc tsc tsc...
não vale de absolutamente
nada.

 PENSADOR

Fernando Guifer

Fernando Guifer

“De que adianta mestrado e doutorado se não é capaz de dar bom dia ao porteiro?” (autor desconhecido)

Já li a frase acima circulando algumas vezes nas redes sociais e ela retrata com exatidão o que estamos abordando neste artigo.

Estudar em um bom colégio (particular ou público), desfilhar com carro do ano, ser o paga-tudo na balada, calçar o melhor tênis, e/ou ser um frequentador de teatro assíduo, são situações triviais que geralmente não são encaradas com a simplicidade que merecem e, portanto – e infelizmente, andam casadas com o tal do “rei na barriga”.

E, cá para nós, uma pessoa que trata o próximo com diferença somente por ela ter menos estudo e, conseqüentemente, menos dinheiro ou oportunidades na vida, pode até gozar de algum tipo de conhecimento, contudo, não é sábia “nem aqui e nem na China”, pelo contrário.

Tem muito o que aprender - e não é segredo para ninguém que a vida ensinará mais cedo ou mais tarde. O problema é que a vida não costuma ensinar com muito carinho.

Conduzir-se de forma cortês, entender que a existência é uma enorme dinâmica de grupo, contar até 10 e não agir por impulso, resistir às tentações, respeitar os animais e meio ambiente, utilizar diariamente palavrinhas/frases

Para pensar na cama...

mágicas (obrigado, desculpe, por favor, com licença, eu te amo), saber dizer 'não', agarrar oportunidades, e ter facilidade em tomar decisões para colocar-se à frente das situações embaraçosas, são, enfim, atitudes que caracterizam o comportamento assertivo de um sábio.

Isso, claro, se ele souber levar tudo na simplicidade, vendo que o controle emocional é sim premissa básica para se chegar aonde quer que seja e, mais do que isso, manter-se por lá o tempo que achar conveniente.

De novo:

Busque sabedoria, e, se der tempo, corra atrás do conhecimento.

Lembre-se: os dois são essenciais. Mas, entre um e outro, fique sempre com o primeiro.

Conhecimento se adquire estudando; sabedoria se adquire vivendo.

Quais máscaras você pretende vestir hoje?



Imagem: Google Imagens

Quanto melhor relacionado com a sociedade, mais hipócrita é o serumaninho (!?)

Casa, família, parentes, amigos, trabalho, chefia, estudos, professores, academia, treinadores, telemarketing, transporte coletivo, posto de gasolina, trânsito, consultório médico, etc, etc, etc... UFA!

Bom, cada um de nós convive todos os dias com, pelo menos, a metade dessas circunstâncias que citei acima, correto?

Para pensar na cama...

– Sim, Guifer, correto! – tu pensaste aí do outro lado que eu sei. 😊

Então, baseado nisso, me diga uma coisa:

- 1- Você é turrão o suficiente para afirmar que é sim a mesma pessoa em todas essas situações da vida;
- 2- Você é humilde o bastante para admitir que precisa se moldar a cada contexto vivido no dia a dia para, digamos, “evitar a fadiga”.

Respondeu 2, né? Eu também. Tocaí 🖐

Pois bem.

Em meu primeiro livro *‘Diamante no acrílico: entre a vida e o melhor dela’*, lançado em 2015, publiquei um trecho falando exatamente sobre este tema, e que pode ser lido - depois - através do link: (<http://bit.ly/2VFPolq>).

Nele, abordo a tal “hipocrisia positiva” e busco exemplificar, de um jeito mais didático, a importância que tem nossa adaptação aos variados ambientes de acordo com a necessidade de cada ocasião.

Mas isso, claro, se o interesse for em ser aceito pelo grupo social que compõe aquele lugar e/ou situação.

E sim, queremos ser aceitos!;

E sim, agimos o tempo todo como bons hipócritas criados pela vovó!;

E não, nem sempre sabemos o grau de falsidade adotado por nós mesmos em determinadas situações. Até

porque, na verdade, o mais comum (e cultural) é nos autointitularmos como “sinceros e verdadeiros – doa a quem doer! e blá, blá, blá, blá, blá...”.

Mas isso não engana mais ninguém, né, meu chapa? Deixemos a síndrome de sincericídio na gaveta e sejamos verdadeiros pelo menos aqui, agora.

Independentemente da quantidade de primaveras e da quilometragem rodada nessa estrada da vida, quando nos perguntam sobre aspectos de destaque em nossa personalidade, achamos complicado reunir meia dúzia de palavras que nos defina, pois o volume de personagens que interpretamos todos os dias é absurdamente grande e, sendo assim, nos causa severa confusão mental sobre o perfil que envolve essa carcaça feia que a terra um dia ‘A’ de comer.

– Nossa, é tão difícil falar da gente, né? hihihhi... – muitos dizem (geralmente com risinho amarelado) ao serem sabatinados de surpresa.

Sim, amigo, é difícil. E não por arrogância. Mas por não nos conhecermos verdadeiramente. E, obviamente, é terrível dissertar sobre o que não dominamos intimamente.

Desta forma, dificilmente – ou nunca - conseguimos expressar com exatidão qual de nossas variadas “caras” gostariam de saber naquele instante face-to-face, seja num papo descontraído na mesa do bar ou em uma entrevista de emprego mais formal, por exemplo.

Para pensar na cama...

- Então, como falar de mim se nem eu mesmo sei quem sou?

Bah... sei lá, oras.

No trabalho você é um, em casa você é outro; na escola/faculdade você é um, na igreja você é outro; na academia você é um, no metrô/trêm/ônibus você é outro; sozinho você é um, com os amigos você é outro; e por aí vai.

Sabe quando você é você mesmo?

Nunca!

E, apesar de parecer absurdo ou assustador... relaxa, não é.

Virando a chavinha do humor e da personalidade praticamente de hora em hora, pratica-se a boa e velha política da boa vizinhança para não matar ninguém e também para que ninguém o mate.

Já imaginou se tu for o sincerão 24 horas por dia? Impossível.

Então, continue assim que está mais do que de acordo.

Mas fica a questão aí para pensar na cama:

Quem SOU ou quem ESTOU?

Hein!? Hein!?

Qual sua máscara de momento?

Fernando Guifer

Sua vida é sua empresa!

Se tua vida fosse
tua empresa, você
se consideraria
um empreendedor
de sucesso?

-Fernando Guifer-

O que costuma dizer grande parte das pessoas que não têm problema em ser liderado em vez de liderar é: “Ah, mas eu não tenho vocação para ser dono do próprio negócio e, inclusive, nem anseio em ser patrão!”

Ok. Entendo. E respeito.

Entretanto, ser empreendedor é muito mais do que uma simples questão de escolha, meu amigo.

Na vida empreendemos como nunca a todo instante, seja negociando (vendendo, comprando, trocando),

Para pensar na cama...

arriscando, aprendendo, ensinando, transformando, gerundiando, compartilhando, nos relacionando, faturando ou, simplesmente, levando brabos prejuízos.

Além dos monstros que carregamos diariamente na pochete, somos morada de um organograma cheio de tentáculos subdivididos por sócios minoritários, cuja hierarquia é definida de um jeito não premeditada e de acordo com o grau de afinidade para com os que nos rodeiam de luz e afeto – responsáveis diretos pelo sorriso ou cara feia que distribuímos diariamente aos quatro ventos.

Deseja desfrutar a felicidade e, com isso, ser considerado uma pessoa de sucesso? Seguinte:

- Não tenha receio em ser audacioso e arriscar;
- Prefira fazer e dar errado do que não fazer;
- Não seja adepto de atrasos e preze pelo respeito aos que estão em seu aguardo. Seja pontual nos compromissos;
- Acredite em si e não deixe o medo dos outros se espelhar em você. Uma vez um amigo me disse: “o medo dos outros não são os teus medos”. Guardei essa frase. Guarde você também;
- Aprenda dizer ‘não’ com facilidade (e sem remorso) quando for preciso, e utilize-o sem moderação muito mais do que o sim. Afinal, muito ‘sim’ é prejudicial à vida de

qualquer pessoa, acredite. E, um 'sim' dito na hora errada, pode comprometer toda uma caminhada vitoriosa;

– Faça planos para o futuro e os coloque no papel de projetos prioritários.

Sempre que possível, faça-os rodar de verdade, conforme um bom e estruturado plano de negócios.

Indicador de sucesso

Independentemente do contexto, corporativo ou social, o indicador daquilo que entendemos por sucesso será sempre a boa, imortal e, eternamente jovem, tal felicidade.

Por isso nosso foco no objetivo deve ser extremamente pessoal e intransferível, afinal, quem mais deseja mais a minha felicidade do que eu mesmo? Ninguém, e ponto.

Apesar disso, chegar ao ápice da felicidade e ter culhão de proferir aos quatro ventos que se é uma vida/empresa de sucesso, certamente é a coisa mais difícil de toda nossa passagem desde o início, do nascimento até a morte.

Ser uma pessoa de sucesso, ou seja, feliz, é uma busca incessantemente eterna, repleta de poréns e curvas sinuosas que nos desviam o tempo todo do objetivo final de sorrir, amar e dormir como anjos.

Para viver tranquilamente sob as asas do triunfo, precisamos sim de um comprometimento acima do normal. Na vida profissional, pessoas comuns não

Para pensar na cama...

chegam aonde querem. E no âmbito pessoal não há uma vírgula de diferença.

Não é segredo para ninguém que, conseguir se diferenciar na multidão, é tarefa atribuída somente aos melhores.

E estar entre os melhores é o grande 'X' da questão, já que, ao mesmo tempo em que é para todo mundo, também sabemos não é para qualquer um.

Pequenas atitudes valorizam você no mercado da vida e o insere como referência positiva e disputada na bolsa de valores daqueles seus iguais que realmente valem a pena.

Sejamos top e encaremos nossa vida como uma estrutura de empresa, pois, assim, toda disciplina do empreendedorismo nos guiará ao sucesso sem dores e/ou insônia.



Fernando Guifer

Maternidade

Assim que, ainda na maternidade, o médico desfere um tapão em nossas nádegas minúsculas, nos tornamos, a partir daquela singela bordoadada, sócios majoritários da própria existência.

É como se a maternidade fosse uma espécie de “Sebrae”, e o start à vida de chefe tenha sido dado pra valer ali, após nove meses fazendo reuniões de planejamento, visando amadurecer o embrião small que sairia do útero com potencial para, lá na frente, se tornar big.

Horas depois, no cartório mais próximo, é o momento de efetivar a primeira parte burocrática da coisa que, neste caso em específico, vem até antes do plano de negócios: abrir um CNPJ acompanhando da razão social e nome fantasia. Neste caso, ambos camuflados por outro papel timbrado, cujo nome é popularmente conhecido por ‘Certidão de Nascimento’.

Tchanam! Começa – praticamente – ali uma incessante busca por aquilo que anos depois conheceremos por sucesso, tanto no âmbito pessoal/social quanto na esfera profissional que dará a sonhada sustentação financeira (sustentação, porém, não necessariamente significa estabilidade).

Para pensar na cama...

Infância

Durante essa primeira fase de nossa existência, já podemos nos considerar sim uma empresa de grande porte, que atinge resultados excepcionais, diminui de um jeito considerável os custos e, conseqüentemente, converte sua existência em lucro abundante.

Porquê a pureza da infância nos faz feliz na simplicidade, então, mesmo se estivermos passando por uma fase delicadíssima, provavelmente a venceremos sem que isso nos cause um desespero seguido por decisões precipitadas.

Uma das premissas na personalidade de quem está iniciando a vida, é o entender, de forma subliminar (pero tranquila), que não é possível ser feliz sozinho e que nenhum resultado virá se as percepções estiverem banhadas ao orgulho.

Os pequenos sabem que as melhores brincadeiras são aquelas praticadas em grupo, compartilhando gargalhadas e exercitando duas competências fundamentais a qualquer ser humano: disciplina e trabalho em equipe.

Não precisamos de dinheiro, falsidade, hipocrisia ou puxa-saquismo para sermos felizes quando crianças, e por isso as milhões de saudades que temos dessa época não são ao acaso.

Não há dúvidas de que tudo ali, naquele processo de desenvolvimento, era verdadeiro e ungido com amor extremo.

E, quando nossa empresa/vida conquista a maioria, tudo o que jamais fez falta passa então a fazer. Ou seja, começamos a valorizar inconscientemente a falsidade, a “hipocrisia positiva” e o puxa-saquismo, malefícios causados pela gana em conquistar dinheiro – essa folha suja, mal diagramada, criada para mercantilizar dignidade, que agora tomou o lugar da pureza, do amor, da compaixão, da empatia e do altruísmo, características que estavam desabrochando pouco a pouco, dia após dia.

Clientes, fornecedores e concorrentes

Conforme acontece no mundo mágico do universo corporativo, somos sim rodeados por máquinas tecnológicas que evoluem para nos substituir aos poucos.

Contudo, hoje isso funciona somente até a página 2, já que nosso contato ainda é (em sua maior parte) com humanos, seres estes de carne e osso representados na figura de amigos, parentes, familiares, inimigos ou desconhecidos que, querendo ou não, convivemos todos os dias praticando a já clássica – e citada por aqui: política da boa vizinhança.

Neste caso, não podemos classificá-los como “funcionários”, mas, sim, como clientes, fornecedores,

Para pensar na cama...

concorrentes e, obviamente, sócios minoritários, por que não?

Clientes, porquê, a todo instante, precisamos vender de alguma forma uma ideia ou até mesmo nossa índole, nossos valores e nosso jeito de ser.

Isso tudo faz parte do famoso marketing pessoal para que tenhamos facilidade em sermos aceitos e considerados um alguém adequado para determinado grupo social no qual estamos inseridos ou desejamos nos inserir;

Fornecedores, porquê são os que nos fazem ser melhores humanos e profissionais a cada amanhecer.

Neste caso, podemos exemplificar com nossos pais, que trabalham duro para educar e moldar nosso “plano de negócios” ao infinito e além, com uma lisura que só eles, né?

Outras pessoas que entram nesse nicho, são os professores e também os ídolos famosos ou anônimos que temos como referência e influência para seguir determinado caminho que pode (ou não) reverter em consequências positivas;

Concorrentes, porquê serão as pessoas que encontraremos na estrada da vida rivalizando uma oportunidade de trabalho ou um espaço naquele vestibular mega concorrido, por exemplo.

A concorrência em nossa vida particular (desde que saudável) tem uma importância ímpar, pois é ela quem nos impulsionará à busca pela excelência, através dos estudos, da iminente evolução, e, claro, do jamais desistir de um objetivo. Até porquê, todo monopólio é burro, vendo que nos estagna em uma zona de conforto extremamente perigosa e doentia.

Ps: e nunca é demais lembrar que concorrente não é sinônimo de inimigo. Por favor: *“Não confunda obra de arte do mestre Picasso, com pica de aço do mestre de obras”*.

Sócio minoritário

Bom, este lugar no organograma da vida real acaba sendo uma junção de todos os anteriores, uma vez que a própria vida jamais será impactada por uma atitude apenas nossa.

Todos os que afetam de alguma forma os “negócios”, podem ser considerados parte dele. Por isso são popularmente conhecidos como sócios que, mesmo com menor poder de influência, conseguem fazer barulho significativo em nossa trilha durante a busca pelo almejado sucesso.

Entretanto, deve-se haver cuidado em não transferir as responsabilidades para um alguém que não carrega autoridade suficiente para bater o martelo.

Para pensar na cama...

Este papel é teu.
Incompetência não deve ser terceirizada e, conforme o a frase que cresci ouvindo dos meus tios: “o dono do defunto deve pegar sempre na cabeça.”

Nesta reflexão, por exemplo, podemos dizer que tratar a vida como uma instituição, é trabalhar incansavelmente em todos os departamentos e cargos, porque, lá no fim das contas, será você e Deus, sempre.

Em suma: Não existe atalho para tornar-se 100% empreendedor da própria vida. E essa matemática fecha simplesmente porque a solidude jamais será sinônimo de felicidade plena.

Sabe por que nos tornamos adultos melancólicos e frustrados?

Porque pensamos ser autossuficientes e acreditamos que é possível encontrar a felicidade trabalhando ME ao invés de LTDA ou S/A.

E a decadência ladeira abaixo começa exatamente por aí.

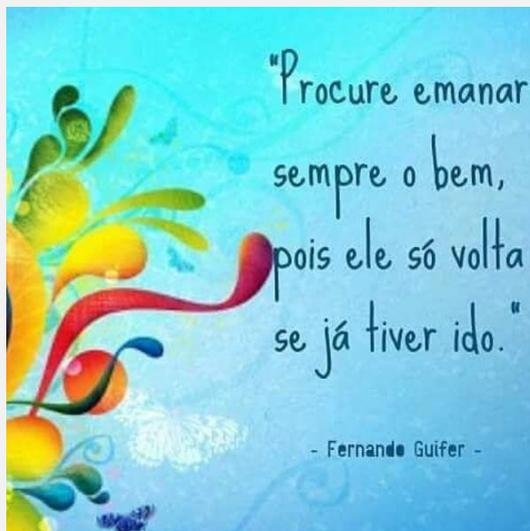
**"Custamos em praticar o desapego do projeto
em curso por medo justamente do improvável,
aquele que, seguramente, nos colocará
no trilho da vitória pra valer!"**

- Fernando Guifer -



Para pensar na cama...

Liderança humanizada | Desça do salto e afrouxe sua gravata!



Liderança em si é um tema que nem sempre foi debatido com a relevância que realmente merece, uma vez que, até alguns anos atrás, o natural era lidar com o perfil chefia, ou seja, de seres que não conseguiam entender o real significado do ambiente corporativo e o tratava conforme uma tribo repleta de índios que dizia “amém” para tudo, além de utilizarem a força bruta para desempenhar o arroz com feijão nosso de cada dia – conforme bons cães adestrados.

O raciocínio jamais foi tão bem-vindo às empresas como agora, no início dos anos 2010, se avaliarmos que o

‘pensar’ sempre foi sinônimo de ameaça para os maus patrões que, não raras vezes, caíram de paraquedas em determinado cargo executivo e conseguiram ser sustentados durante anos pelo tal banho-maria regado aquela pitadinha escrota de sorte.

Entretanto, o mundo mudou. E, junto a ele, alternou-se também as características daqueles que saem de casa todas as manhãs para buscar o sustento dos filhos.

Chegamos ao ano de 2017 com a humanidade trabalhadora tentando acompanhar uma aceleração tecnológica que, aliada à irregularidade do mercado, faz com que o tempo de estratégia, produção e de “fazer as coisas darem certo” diminua significativamente.

E, mesmo não sendo uma tarefa das mais fáceis, chegou-se ao ponto em que não é apenas uma questão de querência, então, ou vai ou racha.

Com esse desenvolvimento desenfreado que o mundo vive e que nossas mentes tentam acompanhar sem que fiquemos muito defasados, tornou-se essencial enxergarmos que tipo de gestores temos à frente das empresas, pois, todos os que optarem pela inércia do próprio ego, perderão seus postos – até então cativos – de capatazes da CLT.

Costumo dizer que não há liderança bem feita sem dois ingredientes básicos de sobrevivência a qualquer mortal: educação e empatia.

Para pensar na cama...

Como farei a gestão de um time se não sei pedir ou delegar com respeito?

Como tomar uma decisão importante sem antes entender qual a dor do liderado que está sob minha tutela?

Você pode ser o melhor negociador do mundo, pode falar sete idiomas e ter um currículo recheado de títulos e graduações. Entretanto, se não for, antes de qualquer coisa, um ser humano, jamais poderá ser considerado um alguém de sucesso pra valer.

Um líder não gera medo em seus parceiros. Sim, porque o liderado nada mais é, do que um parceiro de trabalho e um alguém que está junto ao líder em prol daquele resultado comum a todos.

Parceiro não deve ser tratado como inimigo ou rival, e sim, como a pessoa mais especial da vida do gestor durante aquelas horas de trabalho. Afinal, ela é quem vai contribuir para que o pão do então dirigente também chegue à mesa do café no dia seguinte.

O bom líder traz consigo muitas características indispensáveis ao exercício da função, como a “clichê” humildade com todos os profissionais que o cercam, independentemente de cargo ou departamento.

Além disso, ser uma pessoa autêntica, verdadeira, acessível e leal com seus pares, também são fatores que contam pontos em favor deste ser que não consegue

resultado algum sozinho (e sabe disso mais do que qualquer outra pessoa).

O ambiente corporativo nem sempre é considerado prazeroso, mas isto também é reflexo da gestão que conduz o departamento.

Por que não criar um clima organizacional em que as pessoas tenham prazer em vir trabalhar?

E olha que não é preciso grandes investimentos para se manter um time com o ponteiro de combustível assinalando 'full' quase que o tempo todo.

Para isso, seja um líder positivo, otimista, alto astral, que não vende problemas ao grupo, mas, sim, desafios a serem superados.

Incentive mudanças, proponha inovações aos processos da área, possibilite ao liderado que faça um "job rotation" em outras áreas em que seu negócio impacta diretamente, e certamente isso contribuirá para uma visão sistêmica da coisa e, conseqüentemente, para seu melhor desenvolvimento e produtividade de forma sustentável.

Ser um líder que inspira com boas atitudes, sensibilidade, generosidade, confiança e credibilidade, é sim possível.

Fácil?

Não, não é.

Mas com assertividade, até o "dizer não" acaba sendo melhor recebido pela equipe – que, inclusive, a essa

Para pensar na cama...

altura, já está com sua inteligência emocional bem azeitada.

Fazer a equipe jogar o mesmo jogo do líder é essencial para os resultados surgirem com agilidade e assertividade. No entanto, o comandante deve estar aberto ao diálogo, dando voz ao liderado para que ele se sinta importante, valorizado e estratégico no processo final.

Mais do que braços, hoje as pessoas também são cérebros, e isso (pasmem chefes à moda antiga) é mais do que fantástico para uma ideia se transformar em várias ideias e, no decorrer dessa chuva de positividade, tchanam: receita!

Atualmente, não se deve agir mais com esse autoritarismo de pensamentos próprios. Quanto mais a criatividade de seu liderado for explorada, maiores as chances de você sorrir no fechamento do ano fiscal.

Tanto ouvir quanto mudar de opinião é um movimento salutar, e, embora difícil, humaniza o líder e o coloca no mesmo patamar do liderado. E isso não é vergonha, é sabedoria.

Lembre-se de que existe diferença entre conhecimento e sabedoria, então, se você dominar todas as técnicas, mas não for um alguém sábio, vai nadar, nadar, nadar, e morrer na praia.

Querer efetivamente que o próximo alcance o sucesso e o ápice de sua felicidade é um ato de grandeza, sabedoria e generosidade. Mas isso, meu caro, é privilégio de pouquíssimos.

 PENSADOR

Fernando Guifer

A matemática corporativa de liderança chega a ser bem simples para quem tem o coração aberto para aprender, veja só:

Colaborador feliz = resultados melhores em quantidade e qualidade, ponto. Não há muito o que inventar.

Em suma, o perfil de líder para daqui em diante é totalmente humano.

Parece Piegas? Sim. Porque é mesmo. Mas reforçar o clichê as vezes é necessário para dar um start à mente que acredita ser mais brilhante do que realmente é.

É óbvio que se, meu maior capital é humano, devo agir de forma humanizada e não como se estivesse trabalhando com robôs e os tratando como lixo.

E quanto aos resultados? Sim, eles virão, acredite. É o foco, é a meta, é o alvo – e isso não se perde das vistas.

Para pensar na cama...

Mas o resultado é o grande centro e, se todo entorno não estiver redondinho, ele se apresentará quadrado e sem qualquer sustentação.

Quanto menos muros e mais pontes entre líder e liderado, maior será a produtividade e o faturamento da empresa.

Olhe só mais um tiquinho de liderança assertiva, ó:

- Tratar o colaborador com educação;
- Ser um facilitador e atuar lado a lado em seu desenvolvimento profissional;
- Elogiar em público e corrigir no privado;
- Deixar claro qual sua meta e o porquê ela existe;
- Reforçar sempre sua posição estratégica dentro do negócio;
- Nunca mandar, e sim, pedir;
- E, quando pedir, que seja “por favor”, utilizando sempre um “obrigado” após a entrega;
- Incentivar pausas durante o expediente;
- Saber delegar e dar autonomia para que ele execute com tranquilidade sua função;
- Absorver ideias e, se forem aplicáveis, utilizá-las;
- Pedir opiniões (deixando claro quem bate o martelo);
- Não impor regime ditatorial;
- Criar um ambiente amigável em que as pessoas tenham tesão em ir trabalhar;
- Não boicotar as ideias do liderado;
- Procurar dar créditos aos pensamentos do liderado em uma reunião com a diretoria, por exemplo;

- Não pegar no pé do colaborador como se ele fosse uma criança. Se você o contratou, é porque confia nele. Se contratou errado, a culpa é tua e não dele;
- Extrair o melhor do profissional e inseri-lo em contextos que possa fazê-lo render o máximo possível;
- Não agir como se tivesse medo em ser superado. Um líder que carrega esse tipo de receio, não confia em si próprio e, portanto, não está apto em exercer tal posição na organização.

E, por fim, ser líder é saber que o gerenciamento de crise é constante. Trata-se de um eterno arriscar e fazer apostas.

Estar à frente da gestão de uma empresa ou de um departamento é como residir em uma bolsa de valores.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas, ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana!” (Carl Jung)

Para pensar na cama...

O sucesso, a fama, a inveja, e a relatividade do 'ser bem-sucedido'



O sucesso e a fama | Parte 1

Antigamente, com raras exceções, a fama vinha escoltada pelo reconhecimento de um trabalho bem desenvolvido e de relevância para alguma esfera do grupo social ao qual estamos inseridos.

Ou seja, primeiro você atingia o sucesso em sua área/atividade, e depois era contemplado com a (já difícil) chance em ser famoso.

Hoje, porém, com a tal da “democracia digital”, todos querem ser populares e, quem não é, acha desafio não ser, mesmo que não tenha feito nada para merecer esse, não raro, feedback – utopicamente – positivo.

Será que o público formado por jovens de antigamente era mais seletivo que o formado pelos jovens de hoje?

Claro que não. Tudo a seu tempo.

Não existe essa de “minha geração foi melhor que a sua”. O que existe é uma metamorfose de comportamento mega acelerada que assusta um pouco, mas que deve ser mais entendida do que criticada, até para que possamos frear um pouco o emburrecimento e buscar, em médio/longo prazo, melhorias e adaptações que não conduza nossa raça à extinção.

Repare que não há mais satisfação em ter aqueles velhos amigos com quem se pode realmente contar para o resto dos dias, já que a busca (incessante) agora é por fãs, seguidores – e suas respectivas esmoladas travestidas por um botão nomeado ‘curtir’.

– Oras! Se tenho seguidores, os amigos tornam-se indispensáveis. De que adianta ter amigos se não tenho fãs?

Parece raso e preocupante, mas é um discurso esbravejado de forma inconsciente por milhões de pessoas que, aliás, jamais assinariam essa fala, não por constrangimento, mas, por ser algo tão despropositado

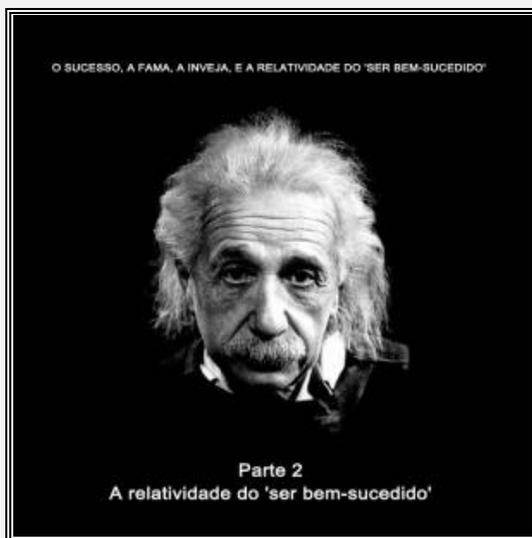
Para pensar na cama...

que nem a criatura que pensa dessa forma sabe que pensa.

Fato este que talvez torne o atual momento da raça humana o mais confuso de sua história, se analisarmos que, aparentemente, não sabemos mais quem somos, onde queremos chegar ou quem já fomos um dia.

E um dos maiores pecados da atualidade está justamente no confundir fama com sucesso.

Conforme dito no primeiro parágrafo, você pode ser um profissional de sucesso em qualquer profissão ou segmento. Não precisa estar na TV para ser uma pessoa de sucesso, pois ali geralmente estão os famosos (que nem sempre são profissionais de sucesso).



A relatividade do 'ser bem-sucedido' | Parte 2

Hoje qualquer coisa viraliza na internet. Desde algo bacana até situações bizarras e desastrosas, que transformam anônimos em celebridades instantâneas.

A fama é uma constatação, mas, o sucesso, não. Este é integralmente relativo.

Por exemplo:

O rapaz que faturou milhares de visualizações e que é reconhecido na rua por ter sido filmado bêbado na balada – é uma pessoa famosa ou um profissional de sucesso?

E aquele ajudante de pedreiro que o mundo nunca ouviu falar, mas que trabalha com amor e desenvolve bem sua função a ponto de tornar-se uma referência entre os

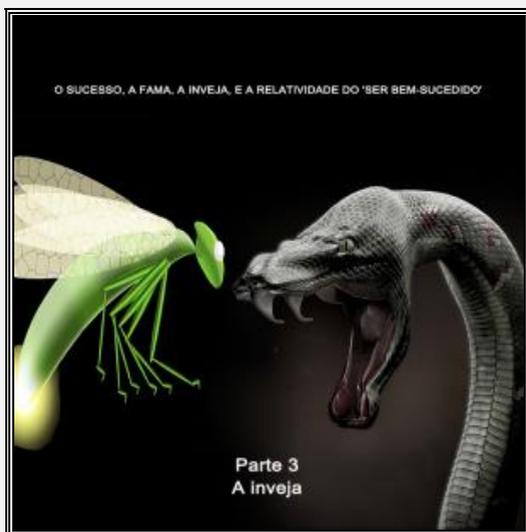
Para pensar na cama...

colegas de profissão – é uma pessoa famosa ou um profissional de sucesso?

Percebeu?

A diferença é muito clara. E quando se corre atrás da fama antes do sucesso, é uma tentativa malsucedida de inverter o irreversível.

Raramente isso dá certo, e as consequências geralmente são desastrosas para o emocional de quem achou que era mais relevante do que realmente era. Até porque, a mentira disfarçada de glamour é uma espécie de ficha que resolve cair somente no instante em que a cabeça encosta no travesseiro, e aí a “celebridade” se vê totalmente sozinha, sem a fama ou, menos ainda, o sucesso que jamais se fez presente de fato.



A inveja | Parte 3

Tornou-se uma prática olhar torto e procurar defeito naquele famoso que nunca vimos ao vivo ou sequer trocamos uma palavra na vida, mas que, por ele ser considerado bem-sucedido pela sociedade, é automaticamente – sem qualquer justificativa – promovido a inimigo da gente, como se tivesse cometido algum crime inafiançável.

E, embora isso seja (repugnantemente) real, não creio em maldade efetiva ou atitude calculista de quem emana, sabe? No máximo, um desvio típico da juventude se pensarmos que, depois, quando bem crescidinhos, aceitamos tranquilamente nossa condição de mero mortal dispensável à maioria dos que não estão nem aí para nosso belo par de olhos castanhos remelentos.

Para pensar na cama...

Mas, o que explica o comportamento das pessoas em odiar gratuitamente o “coleguinha” que alcançou a almejada visibilidade midiática?

Impossível afirmar com exatidão, mas, minha percepção, aponta mais na direção de algo que esteja presente em nosso instinto, e que exista para cumprir o papel de uma defesa pessoal criada pelo ser humano para se autoenganar e ter o ego massageado com a falsa sensação de que é mais (ou, pelo menos, igualmente) notado e considerado ‘alguém’ por aqueles que lhe cercam.

E mesmo sem qualquer embasamento antropológico, arrisco em dizer que o passar do tempo nos conduziu a uma realidade tão “falsiê”, que o desfoque nas prioridades transformou nossa raça em uma persona malcriada e sem resquícios do que já foi um dia. Ou seja, quando ainda dávamos valor ao que realmente merecia ser valorizado – tempo esse que minha geração acredito nem ter pego.

Contudo, mesmo revelando-se como sintoma de defesa, é sim uma prática (em atividade) que não perde seu tom preconceituoso, se pensarmos que julgar mal alguém que não se conhece apenas pelo fato de esta possuir atributos considerados de relevância para os padrões atuais da comunidade, não é nada amigável e/ou admirável, e fica até vergonhoso aos que explanam de um jeito mais agressivo esses ares de inveja.

Para pensar na cama...

Nascer, trabalhar, consumir, morrer!



Fernando Guifer

5 de dez de 2017 às 17:24 • 🌐

A rotina do trabalho nos insere em um vicioso e maléfico círculo de zumbis, daquele que nos torna marionetes guiadas por sonhos que acreditamos ter, mas que, por falta de tempo (e de tesão), mal lembramos quais são de fato.

Desde pivete somos aculturados ao tal ‘trabalho’ com a insistente desculpa de que ele nos dignifica:

“Ah, o trabalho dignifica o homem!”

Mentira!

O trabalho não nos honra, tampouco tem o poder de formar o caráter de alguém.

O trabalho nunca dignificou ninguém.

Aliás, a única função do trabalho é nos alienar para uma mentirosa realidade de que precisamos dele para conquistar coisas que nos farão felizes no fim do dia ou da vida.

Fernando Guifer

Balela esta que preferimos aceitar por ser bem conveniente ao nosso bom sono, e:

- Primeiro: porque sabemos que reclamar não vai mudar em nada – já que trata-se de um problema que vem “desde que o mundo é mundo”;

- Segundo: por sabermos que, se formos nos apegar em alguns casos que não tem mais volta e que explicitamente nos coloca na condição de “estar sendo feito de babaca”, iremos enlouquecer ou apertar um gatilho contra a própria cabeça.

Então, visando facilitar o aceite, preferimos viver como zumbis programados em acabar nossas vidas nas estafantes rotinas das empresas e, claro, condenados ao próprio fim ao exercer funções pelejantes em troca de um miserável tanto de papel sujo mal diagramado chamado dinheiro – e que foi criado para mercantilizar dignidade.

Ninguém deve ser julgado por um critério cujo trabalho seja fator principal, pelo contrário. Jogar nove ou mais horas do seu dia no lixo, conviver com imbecis e se reportar aos ditadores/pseudointelectuais em troca de verdinhas no fim do mês, não tem nada de digno.

Vivemos na fantástica luta para ter nosso vazio preenchido, e isso vai desde a alma até o bolso. Mas o problema está mesmo na dificuldade em enxergar que o bolso nunca precisou estar cheio para o sorriso dar às caras, e claro, entender que não são ‘coisas’ as grandes responsáveis pela nossa felicidade.

Para pensar na cama...

Jamais podemos encarar como digno uma atividade que nos priva da própria liberdade – aquela de direito adquirido ainda na maternidade, saca?

Jamais podemos encarar como digno uma atividade que nos escraviza em troca de alguns poucos (ou muitos) tostões, se lembrarmos que não foi para isso que Deus criou a terra e nos incluiu entre os animais que aqui habitariam.

Recentemente li uma frase que dizia: “O homem é o único animal que paga para viver na terra”, e fiquei reflexivo nessa exclamativa por ser tão simples e ao mesmo tempo tão verdadeira.

Assim como todos os animais, nós ganhamos um planeta de brinde para viver, procriar, plantar e se alimentar com o que fosse gentilmente oferecido pela natureza.

Em troca, cuidaríamos da fauna, da flora e atuaríamos fortemente na proteção do meio ambiente, que, óbvio, nos manteria em condições de sobrevivência eterna.

Ou seja: teríamos basicamente que viver com o necessário e cuidar do nosso planeta, e só. Isso nos bastaria. Aliás, isso nos basta (se não fossemos tão gananciosos, claro).

O tempo passou e qual foi a principal atividade exercida pela humanidade ao longo dos últimos séculos?

Descumprir o combinado. Acabar com o planeta e se matar (na unha) de trabalhar.

Inventaram o tal dinheiro, o tal trabalho, os tais cargos, as tais áreas, os tais comércios, as tais indústrias, as tais tecnologias, os tais dias úteis e as tais leis... aí deu nisso.

Não nos contentamos em desfrutar somente aquilo que Deus nos presenteou e sempre procuramos uma forma de colocar nossa própria raça em extinção. Afinal, somos os inteligentes racionais da terra, não é mesmo?

Resolvemos dar uma de “espertinho” inventando esse tal trabalho e explorando o planeta ao máximo sem o menor pudor, até chegarmos ao ponto de presenciar a população morrendo aos poucos devido todo stress que a rotina das atividades lhes causa diariamente.

Aí pergunto: precisava existir trabalho? Qual benefício real, se não o do dinheiro que cai na conta todo dia 30? Nenhum.

Aliás, benefício que, inclusive, nunca poderia ser considerado benefício de fato. Mas infelizmente é, né? Trata-se do tal “cultural” ou “círculo vicioso”.

Nada acontece por acaso.

Os malefícios do trabalho são apenas colheitas do que foi historicamente semeado pelos “sapietes” no passado, e que agora fomos obrigados a herdar meio que “de paraquedas”.

Para pensar na cama...

Bom... agora, vamos lá, vai... chega de conversinha.
Amanhã é dia de labuta novamente. Dia de acordar de madrugada. Dia de condução lotada. Dia de olhar para a fuça dos que te odeiam. Dia de comer marmita. Dia de ficar longe da família e dos verdadeiros amigos.

Mas, calma. Fique tranquilo. Isso vai durar “só” o dia todo, ok

Precisamos trabalhar para enriquecer os que inventaram isso, e também, porquê, graças à sapiência humana, devemos um caríssimo aluguel ao planeta (casa em que Deus nos permitiu viver de graça, mas que, por idiotice, cobramos IPTU uns dos outros).

"A atividade remunerada (chamada trabalho)
é capaz de nos transformar positivamente
como profissional e ser humano,
contudo, também tem o poder de
nos matar aos poucos.

A linha é tênue.
Cuidado!"



- Fernando Guífer -

Para pensar na cama...

Será que as universidades têm ensinado jornalismo em sua essência ou Jornalismo tornou-se apenas o título de um curso 2.0 de Publicidade e Propaganda?

Contexto: Neymar e Bruna Marquezine param de seguir um ao outro no Instagram.

Fonte: <https://bit.ly/2JpQhTP> (UOL Esporte -



Imagem: Reprodução/Internet

Incrível como parte dos “profissionais” se esqueceram de alguns conceitos básicos dessa que é uma área tão indispensável à transformação da sociedade.

É deprimente se deparar com veículos de comunicação detentores de grande influência pautando quem deixou de seguir a atriz Bruna Marquezine no Instagram e, mais

Fernando Guifer

ainda, imaginar que, por detrás de um texto do tipo, existe um ser humano que passou quatro anos enfiado na universidade ouvindo tudo ao contrário.

Talvez se as universidades estendessem de alguma forma as aulas de ética, e/ou os professores atuassem de forma mais incisiva no aspecto ideológico do que representa a palavra jornalismo, quem sabe...

Ou (por que não?) fosse incluso na grade curricular do curso uma matéria do tipo “como não fazer jornalismo”.

Enfim...

O momento já é extremamente delicado se avaliarmos as dificuldades que, em cadeia, afetam tudo e todos na profissão, especificamente no que diz respeito ao acentuado nível atual de desemprego que, atrelado à maligna meta por clique, obriga o profissional a se “prostituir” com pautas que não agregam absolutamente nada na vida de quem quer que seja e, conseqüentemente, seguir na contramão do que de fato é o tal do jornalismo.

Precisamos driblar o momento ruim sem fazer gol contra; passar pela má fase sem descredibilizar a área.

Não é fácil, mas também não é impossível. Até porque, já já a maré ruim se vai e tudo voltará ao seu devido lugar, assim espero.

Para pensar na cama...

Porém, para seguir ileso nessa assombrosa crise, é indispensável que se pare de fabricar “robôs jornalistas” estes que apenas reproduzem fatos como meros papagaios, sem que se sintam obrigados em contribuir de forma mais efetiva com a nação através de um raciocínio analítico e ou no despertar de reflexões.

Sinto muito conformismo dos que estão chegando e dos que também são medalhões.

E, para trazer a profissão de volta do coma, o jornalista precisa voltar a ser um eterno inconformado.

A tragédia da Chapecoense e a vergonha que
sinto – às vezes – da minha profissão
(jornalismo)



Embora indispensável e de suma importância à sociedade, o jornalismo trabalha com o retrógrado e presunçoso vício do “posso tudo e, se não puder, grito logo que é censura”, ou “não erro e vivo acima de qualquer humanidade, então, quem são vocês para dizerem o que devo ou não fazer?”.

Amigo jornalista,
você fica tão preocupado em escrever bem, em não deixar faltar aquela crase, em aplicar corretamente os ‘porquês’ ou em corrigir a gramática/ortografia do

Para pensar na cama...

coleguinha, que se esquece de fazer o trabalho conforme jurou na formatura.

“Atenção: imagens fortes”

É esse tipo de chamada que lemos sempre que um veículo publica algo impúblicável, de utilidade pública ou relevância jornalística zero, mas que opta por não abortar o material por ser, em sua essência, um mendigo de likes que acredita na necessidade deles para sobreviver.

Sim, caros leitores. Já há algum tempo existe uma prática abominável nos – grandes – veículos de comunicação, que é a tal da “meta por clique”. E isso, claro, corrói totalmente o conceito da profissão e, principalmente, daqueles que estudaram anos e, agora, para colocarem comida na mesa, precisam se tornar vendedores ao invés de jornalistas confiáveis.

E é exatamente nesse ponto em que a credibilidade vai para o ralo e os bons pagam pelos maus, já que não se hesita upar títulos sensacionalistas, imagens de corpos dilacerados, vídeos de conteúdo agressivo e/ou textos sem a real preocupação em informar com qualidade.

Funciona (aparentemente) meio que assim, ó:
“Não importa o conteúdo: se o leitor clica e o anunciante paga, eu ganho. Então, objetivo atingido!”

Desculpe, mas isso nunca foi e/ou jamais será jornalismo.



Chapecoense

No caso específico e horrendo da tragédia com a equipe da Chapecoense, para exibir imagens do resgate e local do acidente, o que vemos é essa tal frase '*Atenção: imagens fortes*', utilizada como uma espécie de alibi/descargo de consciência do tipo: "eu avisei, caro leitor. Abriu porquê quis".

A questão principal é:

Se a imagem é forte, por que mostrar? No que isso acrescentará de novo à informação ou à credibilidade da notícia?

O leitor precisa ver corpos mutilados para acreditar que o avião caiu e ficar sensibilizado?

Não. E pensar que 'sim' ultrapassa o mínimo do aceitável. É um grande absurdo, principalmente quando analisamos o histórico e chegamos à conclusão de que

Para pensar na cama...

não se trata de erro, mas sim, uma infeliz prática cultural desse “jornalismo” que, não recentemente, respira com ajuda de aparelhos.

O acidente com a Chapecoense não é o primeiro a ser tratado como publicidade pelos jornais, e certamente não será o último.

Desde as primeiras notícias da tragédia, na manhã do dia 29.11.2016, tem sido impossível ficar calado diante de uma cobertura tão absurda de parte dos colegas de profissão.

Óbvio que não dá para ser injusto e generalizar, vendo que muitos bons (e humanos) jornalistas e veículos também buscaram honrar nosso relevante ofício. Mas, parte dos mal-intencionados ainda é maioria, e infelizmente dominam os grandes conglomerados de transmissão.

Além da divulgação de fotos desnecessárias, tudo o que se viu ao longo das últimas horas foi uma sequência de equívocos, como, por exemplo, o anúncio aleatório da lista de mortos (sem que oficialmente algo fosse liberado pelas autoridades colombianas).

Entre os casos mais graves, está o do goleiro Danilo, que morreu e ressuscitou diversas vezes pelos microfones da imprensa brasileira. Uma vergonha para os que prezam pela verdade e se preocupam com a família do ser humano que faleceu.

Inclusive... cadê a empatia, amigo jornalista? Poderia ser seu filho ou sua mãe ali.

Todos querem dar o tal furo primeiro e, para isso, pouco importa o preço a ser pago. Dane-se o jornalismo, dane-se as famílias e dane-se a população que clama em oração para que as notícias sejam boas.

Ah! E como se toda desgraça ainda fosse pouca, perdemos nada menos do que 20 colegas de profissão nesse acidente.

Então, pergunto a quem esteve imerso à cobertura:

Você fez um trabalho respeitoso com relação à memória de seu companheiro que se foi? Está satisfeito com a cobertura que você ou seu veículo realizou? Seus filhos e seus pais estão orgulhosos de você?

Antes de apertar o 'Enter' para publicar qualquer coisa, deve-se pôr a mão na consciência e refletir que, ali, poderia ser qualquer um de nós ou alguém que amamos profundamente.

Não podemos nos esquecer dos valores que aprendemos na infância e, mais do que isso, lembrar sempre de que estamos jornalistas, mas somos antes de tudo, humanos.

Em suma: faça jornalismo, e só!

Para pensar na cama...

Apure e notifique somente depois de confirmada a tal informação;

Reporte com imparcialidade e pluralidade;

Erre e reconheça o erro – procurando evoluir na próxima;

Coloque-se na condição de servidor público e não de uma autoridade privada.

Jornalista (aprenda): você existe para servir.

E se isso não condiz com seu ego ou com aquilo que escolheu para sua vida, não tem problema, é uma escolha que será respeitada. Apenas faça um favor à sociedade? Largue esse trabalho, pois você ajudará indiretamente na reconstrução de uma credibilidade que tem se esvaído dia após dia por quem não está comprometido com a verdade.

Essa coisa da liberdade de imprensa tem gerado mais “libertinagem de imprensa”, isso sim. Visto que, mesmo após 36 anos, o brasileiro (e o jornalismo do país) ainda não aprendeu a lidar com a democracia – e desde sempre vem sentindo uma dificuldade imensa em acertar o tom dos discursos que dissertou durante esse período pós-ditadura.

Chega de levantar a bandeirinha de que se é o ‘quarto poder’. Bora trabalhar honestamente sem apego aos vícios criados fora de campo.

Desde que esse tipo de termo foi criado, o que se presencia no jornalismo é uma espécie de abuso de autoridade por ele achar que deve estar imune às críticas,

e claramente aproveita sua arma (microfone) para utilizar argumentos persuasivos e influenciar a sociedade para que ela aplauda qualquer lixo publicado.

Importante que o jornalista e os que mandam na comunicação do país entendam o fato de que, cada dia mais, a população tem se tornado uma grande cabeça pensante que não engole mais qualquer produto ou notícia sem fazer seus adendos ou apontar o dedo questionador.

Então, não há nada oculto que não venha a ser revelado, e logo se descobre os eventuais desvios de conduta nas matérias, gerando julgamentos públicos que são compartilhados em uníssono.

Antigamente, o leitor que desejava opinar sobre o jornal ou revista precisava enviar uma carta à redação para, no mês seguinte, tê-la publicada. No entanto, as cartas eram escolhidas a dedo e publicava-se aquilo que convinha e não o que necessariamente deveria ser publicado (o que denotava claramente uma censura ao consumidor, esta que o jornalista prega tanto ser contra).

Ganhar dinheiro não é pecado e é mais do que necessário encontrar mecanismos que façam o negócio ser rentável. Mas o segmento noticioso é diferente e requer, acima de tudo, humanidade, para não ser conduzido de um jeito amador ou como uma empresa que vende biscoitos.

Mas, olha. A realidade é que...

Para pensar na cama...

O tempo passa e essa profissão regride na mesma velocidade em que a tecnologia avança. Afinal, criou-se uma zona de conforto em torno do impresso que impede o digital em se desenvolver com qualidade – mesmo que tenhamos nas mãos todas as ferramentas para alcançar um sucesso superior ao que o papel já nos proporcionou um dia.

Embora indiscutível, a inteligência dos profissionais que comandam os veículos de comunicação parece ainda não ter sido suficiente para que parte deles volte sua mente para 2016 ao invés de continuarem estagnados lá nas décadas de 80/90s.

Aliás... 2016, não.

O comunicador-empendedor deve estar à frente de seu tempo, preparando-se, inclusive, de forma sustentável, para buscar (quem sabe) a reinvenção da notícia no próprio papel e então concretizar esse meio como sendo tão imortal quanto o livro, por exemplo.

Mas, a verdade é que diretores, gerentes e editores mal conseguem entender direito qual seu público-alvo, imagina prever, criar e inovar alguma coisa?

Realidade atual lamentavelmente utópica.

Em nome do jornalismo, desculpe!

Fernando Guifer

Capítulo 2

Ao encostar a cabeça no travesseiro



Para pensar na cama...



Fernando Guifer



Agora mesmo • 

ATENÇÃO, PROFESSORES!

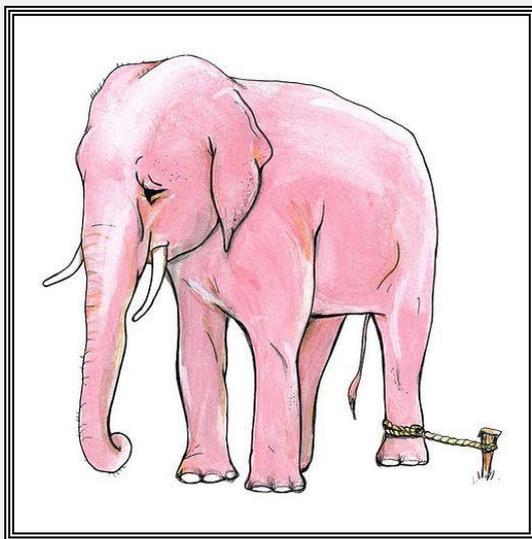
Ensinem seus alunos sobre interpretação de texto, pelamordeDeus.

Esqueçam gramática, ortografia, ditongo e hiato, e foquem na IN-TER-PRE-TA-ÇÃO-DE-TEX-TO, entendeu?

Ao lado da empatia, é a única coisa que pode salvar o mundo dos imbecis.

Isso é mais importante por agora.

A “democracia” brasileira e a parábola do elefante no toquinho



“Era uma vez... um frágil bebê elefante, de circo, que, de tão pequenino, era amarrado pelos adestradores em um minúsculo toco de madeira – para que não fugisse.

Os anos passaram e, o animalzinho, que se tornou um elefante adulto, grande e forte, continuou sendo amarrado naquele irrisório toquinho e mesmo assim jamais fugiu.

Moral da história: o elefante foi aculturado àquela condição e perdeu a referência de sua própria força, já que, bastava um pouco de inteligência para, com um chutinho, quebrar a corrente e ganhar sua liberdade.”

Para pensar na cama...

Agora, com vocês, a parábola do brasileiro e seu toquinho chamado ditadura:

“Era uma vez... uma nação frágil, ignorante, de 3º mundo e que, de tão passiva, era enclausurada por políticos e militares num minúsculo toco chamado ditadura, que foi criado para evitar que ela pensasse, questionasse ou até mesmo se expressasse.

Os anos passaram e, essa nação, que tornou-se grande e forte, continuo sendo aprisionada ao toquinho chamado ditadura e jamais conseguiu desvincular-se dele.

Moral da história: a nação foi aculturada àquela condição ditatorial e perdeu a referência de sua própria força, já que, bastava querer para, com um pouco de inteligência, quebrar essa corrente e ganhar pra valer sua liberdade, também conhecida por real democracia.”

Viram só?

Este é você, direita ou esquerda, ignorante pela própria natureza, que, embora não diga ou escreva, externaliza através de lamentáveis atitudes o seguinte pensamento:

“Sou favorável à democracia, desde que o outro pense exatamente igual a mim!”

Percebe como você não aprendeu absolutamente nada sobre o que é democracia mesmo depois de tanto tempo sob a tutela desse regime político?

Percebe como você não passa de um elefante no toquinho, que vive imerso ao próprio mundo e acredita

que tudo o que lhe cerca deva girar ao redor do próprio umbigo?

Pois é...

E as eleições 2018 vieram justamente para comprovar isto: que a democracia definitivamente não é para amadores. Ou seja, não foi feita para nativos dessa pobre república federativa.

Mais do que toda polarização que vivemos, a falta de respeito com o arbítrio alheio (que tomou conta do país nos últimos meses) é a maior prova de que o brasileiro aparentemente saiu da ditadura, mas a ditadura jamais deixou a essência do brasileiro.

Para pensar na cama...

O que vocês estão fazendo com vocês mesmos?

Contexto: Omran Daqneesh: esta é a face mais cruel da guerra da Síria. Mas não é a única.

Fonte: <https://bit.ly/2Y5wtYV> (Huffpost –



Imagem: Reuters

“O que vocês estão fazendo com vocês mesmos?”, disse, para nós, o aterrorizante olhar do pequeno Omran Daqneesh

Fernando Guifer

Esqueça tudo o que acontece ao seu redor neste momento e olhe essa foto aí de cima com uma atenção mais do que especial, mirando fixamente na retina dessa criança que teve sua inocência brutalmente dilacerada pelos adultos no Oriente Médio.

Trata-se de praticamente um bebê que tem a vida inteira pela frente, contudo, jamais será o mesmo depois que o dia 18.08.2016 lhe mostrou a verdadeira face dos pseudo-humanos que habitam no planeta em que Deus o colocou para morar há bem pouco tempo.

Se você já viu o vídeo, assista-o de novo através deste link: <https://bit.ly/2bqDAFV>

Apesar de chocante, atentar-se ao vídeo indicado é o melhor exercício que podemos fazer para nos melhorar diariamente como pessoas, repensando nossas peçonhentas atitudes para, minimizar ao máximo, qualquer possibilidade em criar ou se tornar um monstro no futuro.

Faça isso e depois volte aqui no texto, por favor, ok? Precisamos conversar!

Encarou bem a foto? Assistiu ao vídeo? Pois bem...

Ele é Omran Daqneesh, sírio de 5 anos, que foi bombardeado mesmo sem nunca ter cometido qualquer

Para pensar na cama...

pecado que fosse contra os que tiveram a petulância de atacá-lo dentro de sua própria casa.

Embora o semblante do pequeno estampe toda tristeza de um alguém que está ali, perdido e longe da família, sem entender o que houve ou muito menos tendo a consciência de que foi alvo da maldade dos grandes, repare que o comportamento não inclui um mísero – e desabafante – chorinho, natural a qualquer mortal que passe por semelhante provação a que ele acabara de se exposto.

As lágrimas de Omran relutaram, mas, não caíram. E o nome que se dá para reações do tipo é ‘estado de choque’.

Ao sentar no banco da ambulância com o corpo todo coberto pela poeira da explosão, ele se observa rapidamente, olha ao redor, toca o rosto ensanguentado, afronta suas encardidas mãos e, sem sucesso, procura entender o motivo que o fez parar ali, desprotegido e sem o colo da mamãe e do papai que, ele sabe, jamais o abandonariam na dificuldade da falta de um ‘tetê’ na mamadeira, ou no perigo de uma covarde guerra (mesmo que ele nem saiba o que isso significa ainda).

A rapidez com que tudo aconteceu e a grande movimentação que sucedeu o ataque foram responsáveis por criar essa confusão mental no garoto.

E essas condições adversas possibilitaram que a única reação possível fosse exatamente a capturada pela lente

mágica da câmera: encarar o planeta inteiro não apenas com olhar de “por que fizeram isso comigo?”, mas sim, de colocar a humanidade em xeque com o puro atrevimento de: “o que vocês estão fazendo com vocês mesmos?”.

Afinal, o que são bombas (ou até mesmo palavras) perto de um olhar sincero ou uma expressão corporal tocante e reflexiva como essa?

Dentro da ambulância, suas pupilas fixamente perdidas em um horizonte sem perspectivas, fazem um paralelo com o momento também obscuro que vive a humanidade ao qual ele foi jogado para fazer parte há cinco anos.

A condição dele no atentado é desoladora, porém, infelizmente, não é nem de longe um caso isolado, e sim, um alerta e um reflexo do que temos vivido nos quatro cantos do mundo e também no Brasil, país em que o número de homicídios diários ultrapassa o de guerras como ‘Israel VS Palestina’.

A guerra geralmente se dá pela religião, princípio superior criado para unir os povos – e não exterminá-los.

Porém, com seu papel sendo invertido historicamente, o fanatismo religioso parece ter como função única matar ou apedrejar – mesmo com palavras – os que pensam diferente e não seguem as escrituras que determinadas seitas consideram sagradas.

Neste caso, cada religião tem sua escritura, então, depende de nós termos “sorte” e escolher uma que demore a nos matar (na bomba, no bolso ou na mente).

Para pensar na cama...

É óbvio que agir como assassino não é privilégio apenas do “religioso-louco-de-pedra”, certo? Como ignorar as clássicas disputas por dinheiro e poder regadas à muita inveja, que também sempre terminam em dolorosas tragédias, desde os centros até os cantos mais periféricos e marginalizados da terra? Impossível!

Contudo, a raiz de todo ódio espalhado pelo “homo-sapiens” não foge ao clichê de um ponto de partida em comum, ou seja, homens matam homens, primeiro: por não saberem nada sobre a essência do amor e da vida; segundo: por acharem que sabem tudo a respeito do amor e da vida, e com isso não ouvem e nem enxergam mais ninguém à frente ou não dão a menor relevância a qualquer ponto de vista que seja contrário ao deles.

Resumindo: chegamos à origem causadora das catástrofes, que é a falta de informação e, principalmente, de educação.

Bom, se nós desvendamos a ausência de educação e informação como sendo as raízes de selvagerias como as deste vídeo e foto, é nítido que a possibilidade em mudar o mundo caiu efetivamente (como se já não soubéssemos) sobre nosso colo, concorda?

Então, o que faremos a partir de agora para instituir nossa parte em prol do sorriso das crianças e pela erradicação do choro delas?

O que temos ensinando aos nossos filhos é condizente ao futuro que desejamos para nossos netos?

Entenda que educar está em nossas mãos. E, priorizar a educação (no lar), é o único passo que podemos dar para que, no futuro, crianças não sejam violentamente mortas aqui, aí, lá ou acolá, já que, enquanto adultas, estarão "azeitadas" ao respeito, à disciplina, à empatia, ao altruísmo, à paz e ao amor.

Não temos controle suficiente para evitar que nossos filhos vivenciem um dia de Omran, mas, impedir que se transformem nos criminosos que friamente bombardearam Omran, sim, isso sim está em nossas mãos.

Lembre-se: não devemos deixar que nossas crias aprendam tudo na escola. Não podemos abrir mão dos valores pessoais – e de bem - que herdamos da família em casa, para jogar tudo nas mãos dos professores, pois não é uma responsabilidade deles.

O básico que nós, pais, devemos saber desde que decidimos ter um filho é:

Escola = ensinamentos;

Pais = educação.

Assim sendo, não terceirizemos nossas (prováveis) incompetências!

Vamos mudar o mundo, gente? Por vocês, por mim, por nós, pelo Omran, por nossos filhos, pelo planeta e pelo ser superior que acreditamos existir e que, portanto, devemos satisfações?

Para pensar na cama...

Do contrário, amanhã (sendo bem otimista) seremos as vítimas.

Paz e luz. Deus nos proteja!

Fernando Guifer

Uma representatividade que não merecia renúncia

Contexto: PCdoB decide retirar candidatura de Manuela D'Ávila à Presidência

Fonte: <https://glo.bo/2DCq2nw> (O Globo - 06.08.2018)



Imagem: Vangli Figueiredo/UJS

Para pensar na cama...

Em tempo (e apenas para registro), venho somente para trazer minha decepção com Manuela d'Ávila, candidata derrotada à vice-presidência.

Ela, que vive com a camiseta 'Lute como uma garota', representava um fio de esperança às mulheres, principalmente diante de uma eleição cujo líder das pesquisas nunca fez questão de esconder seu "apreço" pelos direitos femininos.

Era uma luta ao cubo. Válida. Legítima. Por direitos. Por igualdade. Pelo fim dos privilégios masculinos. Por todas e por todos.

Uma representatividade que não merecia, em hipótese alguma, renúncia, arrego ou desistência, seja lá por quem fosse.

Talvez estivesse até nas mãos dela a oportunidade em colocar novamente a figura da mulher em seu devido lugar de direito: o topo! E muitos apostaram nisso.

No entanto... não lutou. Não honrou o lema que carrega no peito pra cima e pra baixo o tempo todo.

Pelo menos não como deveria, metendo os pés na porta e não aceitando condição inferior ao que conhecemos por protagonismo.

Até pq, depois de tanto esbravejar por mudanças e mesmo tendo plenas condições de sair com um resultado histórico, aceitou o medíocre papel de coadjuvante. De vice. De um homem.

A mesma posição de alternativa e não de prioridade que historicamente as mulheres sempre foram obrigadas em aceitar caladas.

Trocou o hipotético duvidoso pelo certo, este que, na verdade, desde o início sempre foi o certo e não o duvidoso, se analisarmos o cenário eleitoral na época de oficialização das candidaturas.

Não deu um pio a eleição toda. Merecia mais.

Enfim, todos perdemos.

Para pensar na cama...

Se quisermos melhorar nossa polícia, não podemos imunizá-la das críticas (e nem apenas criticá-la)



Imagem: Nani

Toda vez que alguém ousa fazer uma crítica à Polícia, uma enxurrada de reclamações ganha vida nas redes sociais, e sempre com a mesma – e inteligente – frase:

“Já que não gosta da Polícia, quando estiver em apuros chama o Batman!”.

Fernando Guifer

Bom, não precisa ter um QI acima do normal para ver o quão absurdo é esse tipo de argumento, e claro, que se trata de uma frase-barrasentença totalmente rasa e que segue no completo desacordo aos contextos.

– Primeiro que, criticar ações isoladas da Polícia não significa (em hipótese alguma) que a pessoa é contra a Polícia e favorável à bandidagem.

É uma grande bobagem e irresponsabilidade pensar dessa forma;

– Segundo que, a Polícia acerta muito, ok. Mas a Polícia também erra muito (ou não?).

Se nos dias de hoje a Polícia brasileira não é uma unanimidade entre os pouco mais de 208 milhões de habitantes, é porque algo de errado está acontecendo lá dentro, e, desculpe, mas a culpa não é das pessoas que tiram suas conclusões e opinam, concorda?;

– Terceiro que, nosso papel – enquanto cidadãos – é fiscalizar esse (estratégico) serviço público de extrema importância, elogiando e bonificando quando preciso, e intervindo com sugestões de melhorias/críticas sempre que acharmos necessário. Não há nada de errado com isso;

– Quarto que, críticas, embora geralmente recebidas como pedras, são importantes para qualquer pessoa ou instituição, uma vez que o feedback dessa visão de fora é imprescindível para o aprimoramento e melhoria das funções – essencialmente quando este vem do próprio

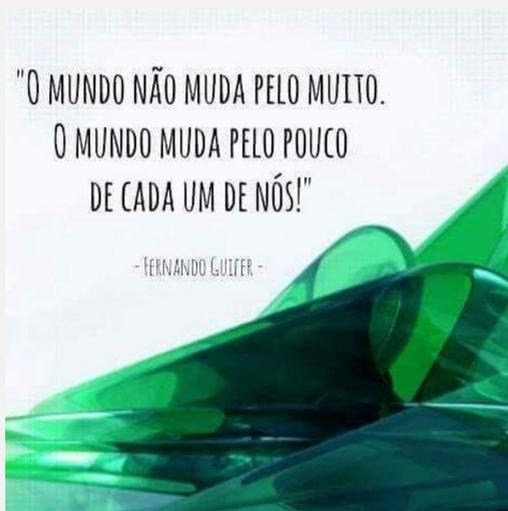
Para pensar na cama...

cliente que utiliza o serviço e banca seu funcionamento (no caso da Polícia, o povo);

– Quinto que, é mais do que óbvio a existência dos muitos policiais competentes que trabalham em prol da segurança de seu povo. Mas, assim como em qualquer profissão e empresa, tem aquela meia dúzia de maçãs podres que exterminam a imagem de confiabilidade da companhia.

E, de nossa parte, antes de abrir o bocão é fundamental ter cuidado para não generalizar e endossar um coro ludibrioso;

– Sexto que, mais do que ficar apontando o dedo a distancia, devemos tirar a bunda da cadeira, sair da rede social e lutar também por melhores condições voltadas à Polícia no que tiver relação com salário, benefícios e treinamentos.



Fernando Guifer

Não basta repreender o trabalho da organização sem aprofundar-se nas condições de trabalho que têm sido ofertadas a ela para que aprimore sua inteligência emocional e física, o nível de armamentos e planejamento estratégico, programas motivacionais e reconhecimento, e, principalmente, os investimentos de combate à corrupção interna.

Da mesma forma que brigamos por melhores condições aos professores, por exemplo, também devemos questionar o Governo sobre os avanços aplicados à segurança pública.

Para pensar na cama...

Parem de tratar a tragédia em Brumadinho como acidente, porque não foi acidente, foi crime!

Contexto: barragem da Vale se rompe em Brumadinho, na Grande BH/MG.

Fonte: <https://bit.ly/2WjCbFS> (R7 – 25.01.2019)



Imagem: Record TV Minas

Primeira definição do dicionário Michaelis para a palavra 'a-ci-den-te': 1. O que é casual, fortuito, imprevisto.

Ou seja, cada vez que uma pessoa e veículos de imprensa se referem ao acontecido como sendo um acidente, estão automaticamente livrando a cara dos verdadeiros responsáveis por mais essa catástrofe, que

terão como álibi – para tirar o corpo fora – a tal “obra do acaso”.

E não!

Não é fortuito;
Não foi obra do acaso;
Não foi culpa do azar;
Não foi imprevisto;
Não foi casualidade.

Foi crime. E só!

No trânsito, por exemplo, se você beber, dirigir, atropelar e tirar a vida de alguém, responderá por homicídio doloso, aquele aplicado quando a lei entende que houve intenção de matar.

E, mesmo que você não tenha tido essa intenção, é o que acontece por ser algo evitável, uma vez que, ao beber e dirigir, você assumiu o risco de destruir uma família.

Logo, não é acidente, mas sim, crime.

Então, se a já desconfiada justiça do Brasil ainda pensa em alcançar qualquer fragmento de credibilidade, punirá com rigor máximo os responsáveis pelo acontecimento em Brumadinho/MG, enquadrando-os no delito de homicídios dolosos “quintuplicadamente qualificados” – mesmo que isso ainda nem exista.

Para pensar na cama...

E que o Sr. Sérgio Moro, em parceria com todas as forças armadas e tropas deste país, mova-se até o limite da própria honra para se chegar aos culpados, já que é exatamente isso que a sociedade espera do trabalho de um Ministro da Justiça minimamente competente.

Queremos nomes!

Queremos pessoas físicas sendo responsabilizadas!

Não adianta só bloquear bilhões de reais na conta da Vale. O dinheiro será importante na reconstrução da cidade, mas não é sinônimo de justiça, principalmente às famílias, que serão confortadas apenas quando virem que os grandes facínoras estão apodrecendo na cadeia.

Desta vez, não será aceito que passem mel na boca da população com papo furado. A Vale é Pessoa Jurídica. Não pode sentar em um tribunal e olhar no olho dos familiares para prestar contas de uma forma humana.

Queremos cadeia pesada para os “humanos” (ir)responsáveis!

Queremos CPFs e não CNPJ!

Chega de mamata para esses executivos violadores dos direitos humanos.

Hora de fazer os criminosos pagarem por essa falta de sensibilidade e responsabilidade. Lembremos de que, em 2013, o país vivenciou tragédia semelhante em Mariana/MG, e até hoje absolutamente ninguém foi preso.

Uma vergonha que, em se tratando de Brasil, infelizmente não nos surpreende.

Primeiro a Samarco; agora a Vale. E tudo sempre terminando em pizza.

Acho que chega, né? Já deu! “Honre suas calças” e abra essas duas gavetas de uma vez, Mr. Brasil!

– Ah, mas esse atual Governo pegou o bonde andando e não tem culpa.

Ok. Não vi/ouvi ninguém dizer que tem.

No entanto, a nova chapa já tomou posse no dia 1º de janeiro de 2019, portanto, agora está sim nas mãos dela lutar por justiça, conforme prometeu e martelou na cabeça dos eleitores ano passado, essencialmente no que diz respeito aos crimes mais graves.

Bandido bom não é bandido morto?

Pois bem... aguardo o Sr. Exmo. Jair Bolsonaro, nos informar a data e local de velório desses assassinos engravatados que dizimaram dezenas de famílias, mataram cruelmente nossos animais e provocaram uma contaminação pesadíssima e irreversível no meio ambiente.

Afinal, nada menos do que duas cidades foram riscadas do mapa de uma forma extremamente violenta.

Mães e pais não puderam se despedir de seus filhos, maridos ficaram sem suas companheiras, histórias foram

Para pensar na cama...

literalmente jogadas na lama e filhos perderam suas grandes referências de vida: os pais.

Enfim... as horas passam e a sensação de ter uma pessoa que ama se decompondo no barro é desesperador. Ainda mais quando se tenta imaginar o sofrimento de cada vítima no instante em que suas vidas estavam sendo minadas.



Não há como ficar inerte a uma situação como esta.

Esperamos que essa máxima do “bandido bom é bandido morto” não seja conversa só para os pobres. Agora é que nós veremos se essa “macheza” é realmente tudo isso mesmo.

Fernando Guifer

Que esse pensamento do atual presidente, embora abominável e pobre, valha para todos, começando por esses imprestáveis engravatados corruptos.

A barragem cedeu pela simples falta de sensibilidade e humanidade dos “grandalhões” da Vale e seus respectivos agregados que, espero, tenham os nomes revelados e colocados sob o tribunal.

E refiro-me a alguém (ou alguns) que exagerou (exageraram) na falta de cuidado, de transparência, de vistoria, de autorizações... Bom, negligências houveram e, indiscutivelmente, não foram simples ou comuns.

Se houver uma investigação séria (o que é o mais difícil), certamente teremos informações desvendando casos de corrupção e propinas para que uma empresa com esse risco iminente pudesse operar sem travas dos órgãos fiscalizadores e governo.

Situações grandiosas e sombrias estão por detrás dessa tragédia e não podemos aceitar que a tratem como desastre natural, pois não é nem de longe e, a utilização dessa retórica, tem como único intuito confundir a população e absolver os verdadeiros culpados.

Desastre natural é tempestade, terremoto e maremoto, furacão, ciclone, tufão, seca, tsunami e erupção vulcânica, por exemplo. Nada a ver com o que houve em Brumadinho/MG. Lá foi assassinato em série e, conforme já mencionei, uma ou mais pessoas estão com as mãos sujas de sangue e devem pagar por isso.

Primeiro oremos, depois cobremos.

Para pensar na cama...



Fernando Guifer

2 min • 🌐

O dinheiro não é suficientemente capaz de moldar o caráter de uma pessoa, mas é um instrumento poderosíssimo na hora de revelar qual sua verdadeira identidade.

Fernando Guifer

Greve dos caminhoneiros é a prova de que o brasileiro merece o país que tem

Contexto: greve dos caminhoneiros: a cronologia dos 10 dias que pararam o Brasil.

Fonte: <https://bbc.in/2xR1Qxz> (BBC – 30.05.2018)



Imagem: Marcelo Casal /Agencia Brasil

A greve dos caminhoneiros resumida em 8 simples passos (e o porquê ela é a prova de que o brasileiro merece o país que tem)

- 1- Rindo na cara do brasileiro, o Governo aumentou de forma abusiva o valor do combustível (pra variar);

Para pensar na cama...

2- A única classe que percebeu esse estupro ao bom senso foi a dos caminhoneiros, que resolveu dar um basta e boicotar a compra do Diesel;

3- Embora violentada pelo mesmo motivo há anos, o restante da população, que deveria tomar atitude semelhante recusando-se em pagar valores abusivos para abastecer, fez fila nos postos como bons cordeirinhos (“povo marcado êêê... povo feliz”);

4 - Percebendo que a população começou a pagar até R\$10,00 pelo litro, o Governo continuou rindo na cara da população e os políticos começaram a cochichar entre eles: “a gente rouba a grana que era para investir nisso, põe o preço que queremos e esses idiotas ainda fazem fila para pagar”;

5- Irredutíveis, os caminhoneiros continuaram a luta, não somente por eles, mas por todos. Afinal, a maioria da população tem carro para uso doméstico ou profissional, e a redução no valor do combustível beneficia diretamente todos;



6- Os demais motoristas e as demais classes continuaram fazendo filas nos postos, pagando absurdos para ter o carrinho andando (já que ninguém nesse país consegue dar um peido e pé) e, com isso, perderam a oportunidade em se juntar aos caminhoneiros e fazer uma grande e histórica revolução, botando o dedo na cara do Governo – e não permitindo o contrário, como aconteceu;

7- Para não reduzir o valor e chegar a um preço mínimo aceitável, o “pseudo-presidente-de-meia-tijela”, Michel Temer, convocou as Forças Federais para tirar os caminhoneiros do caminho na base da porrada e das balas de borracha, com a desculpa de que está fazendo um favor ao povo;

8- Ao invés de compreender que o dinheiro existe sim e que, se está faltando é porque está sendo

Para pensar na cama...

descaradamente desviado por bandidos engravatados, a população aplaude o presidente Vampiro e acredita ser mesmo necessário tirar os caminhoneiros do caminho no boxe, já que são os trabalhadores que atrapalham o país e não os políticos.

Resumindo: o brasileiro é o maior responsável pelo país que tem.

Ps: Exército, Polícia Militar, Polícia Civil, Polícia Federal ou Polícias Municipais: lamentável não terem se recusado em retirar os caminhoneiros para forçar o fim da greve. A luta também era pela classe de vocês!

Precisamos falar sobre a Cracolândia!

Contexto: Ação de limpeza na Cracolândia com atuação da GCM tem correria e tumulto.

Fonte: <https://bit.ly/2HwNk1G> (Estadão –



Imagem: Werther Santana/Estadão Conteúdo

***“Já que você gosta, adote um crackeiro então!”,
disse o brasileiro que, segundo sua rede social, já
ganhou o prêmio nobel da paz.***

Interessante a iniciativa da gestão do prefeito João Doria, em São Paulo/SP, em acabar com a Cracolândia, afinal, estamos falando de um lugar em que habita, antes

Para pensar na cama...

de qualquer coisa, o sofrimento humano em sua maior escala.

E lugares que não edificam positivamente nossa existência, precisam realmente de um atestado de óbito para nos libertar e possibilitar uma vivência honrada na busca incessante por algo que é do direito de todos: a condição básica de cidadania, e claro, a felicidade.

No entanto... cautela, amigos. Muita calma nessa hora!

Eu sei que é desesperador olhar aquela região no centro velho da cidade e todos os que ali diariamente se suicidam na unha como se fossem invisíveis perante a sociedade, à mídia e o estado. Mas não se pode tomar atitudes precipitadas “para mostrar serviço” diante de um problema tão acentuado e que pulsa firme há anos sem demonstrar qualquer sinal declarado de falência.

Do contrário, fica difícil defender as boas intenções que possam existir por parte da prefeitura nesse cenário, já que no inferno só tem capeta bem-intencionado também.

Ponto um: não acredite piamente nessa utópica-verdade-absoluta de que na sofrida Cracolândia só tem bandido – e que, portanto, todos lá precisam ser fuzilados e/ou tratados como lixo.

Vejo algumas pessoas propagando frases como “tem que matar todo mundo mesmo” ou “vai lá e adota um crackeiro já que você gosta!” e “blá blá blá blá blá...”.

Esse é o comum/barra/controverso discurso de paz que alguns propagam em prol de um país melhor. Sem contar que, geralmente, aspas desse tipo vêm daqueles que inundam nossas timelines com frases politicamente corretas, com mensagens bíblicas ou com citações de amor à lá Clarice Lispector.

Não se esqueçam de que o ódio disseminado por vocês, população “de bem”, se reflete nos governantes que temos e traduz muito bem o luto em que vive o Brasil desde 1.500 d.c.

Cuidado para não tornar ressonante uma voz que vai impactar negativamente seu futuro, seu entorno e também o das pessoas que tu amas.

Ecoe positividade, alegria, entusiasmo, dignidade e a crença nos irmãos que padecem, seja na Cracolândia ou em qualquer um dos quatro cantos desse país que clama pela honradez de seus governantes e habitantes – rememorando sem pestanejar que o dia de amanhã não lhe pertence.

Não é fácil dialogar com usuários que (aparentemente) não querem se tratar, que não aceitam abrigo, enfim. Isso é mais do que compreensível e nesse texto não há defesa gratuita dos usuários na base do “mais amor, por favor, custe o que custar”, pelo contrário.

O traduzido aqui segue na direção do fim da Cracolândia sim, porém, não da forma agressiva como foi/tem sido conduzida pelas autoridades, varrendo as pessoas como

Para pensar na cama...

lama de enchente e as carregando como sacos de estrume sem qualquer valor humano.

Deve ser unânime entre nós a compreensão de que nem todos que ali vivem são bandidos, meus amigos. Existem sim os bandidos (como em qualquer lugar), mas grande parte daquelas pessoas não queriam estar por lá e sofrem demais por amanhecer e anoitecer nesse tipo de situação.

Lembremos que cada “zumbi” da Cracolândia tem família, hall de amigos, memória, saudades, anseios, angústias, fome, frio, sonhos, amor, histórias para contar, falta do colo de mãe, do passeio no parque com o pai, enfim, ausência de coisas e situações que os permitam levar uma trajetória digna de vida durante essa passagem espiritual.

O uso descontrolado de drogas é também uma questão de saúde pública, e isso jamais pode ser colocado em segundo plano por nós, já que exige a responsabilidade dos verdadeiros culpados por tudo isso.

Não há culhão suficiente para fornecer um sistema público de qualidade nesse aspecto, portanto, (para qualquer Governo) é mais fácil expulsar para dizer que algo está sendo feito. É muito mais barato dar porrada do que disponibilizar condições essenciais de vitalidade para que as pessoas nem precisem chegar ao ponto que – por vezes – chegam.

Salve-os de um jeito assertivo, prefeito João Doria!

Fernando Guifer

O sonho não
acabou, e sim,
apenas se
renovou!

 PENSADOR

Fernando Guifer

Qualquer ajuda ou projeto em prol daquela gente será indiscutivelmente bem-vindo. Contudo, nada que envolva esse tema poderá ser feito de qualquer jeito ou, popularmente falando: nas coxas.

Se o primeiro passo no fluxograma do programa é abordá-los, isso deve ser feito de um jeito atrativo e compensador, e não na base do spray de pimenta, bala de borracha e cassetete.

Startar um novo ciclo na base da agressão não demonstra inovação em sua proposta, prefeito. E se não existir novidade positiva desde o primeiro passo, todo programa se igualará a qualquer gestão anterior que nunca deu jeito nessa triste realidade chamada Cracolândia.

Você, João Doria, é um empresário, e, mais do que eu, tu

Para pensar na cama...

sabes que uma ideia ótima pode parar no ralo se for mal executada por quem a conduzi-la desde o início.

É preciso ter sabedoria e inteligência emocional para que seu projeto não fira seres que precisam mais de sua ajuda do que de suas porradas. Não precisa ser vidente para enxergar o tanto de bordoadas gratuitas que a vida já despeja diariamente lá na Cracolândia (ou precisa?).

Prefeito, jamais se esqueça de que lhe deram mais do que a faca e o queijo na última eleição. Deixaram em seu poder a chave da maior cidade da América do Sul e o confiaram a uma posição extremamente privilegiada que, querendo ou não, se traduz em credibilidade.

Portanto, o que se espera de sua parte é que essa confiança e credibilidade jamais sejam quebradas nos próximos quatro anos.

Procure observar além do que sua retina lhe permite, João.

Não somente por gratidão aos que o elegeram, mas, principalmente, pelos valores pessoais que aprendeu com sua família desde a infância, e que, não tenho dúvidas, terem sido do bem (uma vez não sou capacitado em julgar o contrário).

A população que o “contratou” comprando a ideia de um gestor azeitado no sucesso corporativo, imagina ter colocado no poder um ser humano que pensa no outro

ser humano, e que enxerga muito além dos demais 12 milhões de habitantes.

Do contrário, não faz sentido tua presença nessa sala espaçosa, e seu legado não será nada positivo por mais que tente se diferenciar dos demais que já ocuparam esses mesmos metros quadrados aí no gabinete.

Seu trabalho é separar o joio do trigo, é identificar os adoentados para tratá-los como adoentados, e prender os bandidos para tratá-los como bandidos. Não se pode colocar todos no mesmo saco, porque não são partes da mesma farinha. Aos bandidos e traficantes, punição e cadeia; aos usuários dependentes, uma vida nova.

O senhor está aí para ver o que ninguém vê, ter uma perspectiva 360 graus dos problemas, contar até 10, respirar, ser imparcial nas decisões, ouvir com sabedoria e, principalmente, ter humildade para entender que não se é o dono da verdade absoluta – e que, assim como as pessoas lá da Cracolândia erram, você também erra.

Note grande parte daquelas pessoas com os olhos de um alguém que poderia ter um filho ou uma mãe vivendo uma situação parecida, não por ser bandido ou bandida. Mas talvez por estar realmente doente e não ter quem lhe estenda às mãos – ou por estar vazio e não ter quem os preencha o fundo da alma.

Estendemos nossas mãos e abaixemos nossas armas.

Para pensar na cama...

**“Emane sempre o bem, pois
ele só volta se já tiver ido!”**

(Fernando Guifer)

Fernando Guifer

Vaquejada: quando a brincadeira besta ganha status de ‘manifestação cultural’

Contexto: STF derruba lei e proíbe vaquejada no Ceará.

Fonte: <https://glo.bo/2TN5ymg> (Globo Rural –



Ilustração: Estevão Branquinho/Papel Branco Blog

No início de outubro de 2016 veio à tona uma polêmica em torno da proibição da tal Vaquejada, imposta pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que derrubou a Lei 15.299/2013, do Ceará, que regulamentava essa

Para pensar na cama...

atividade recreativa-competitiva como prática desportiva e cultural no estado.

Durante a semana pós 06 de outubro de 2016, algumas pessoas se posicionaram veemente contra a Vaquejada, outros, porém, fizeram campanhas vigorosas nas redes sociais em favor dessa chamada “manifestação cultural”.

Aos que não conhecem a Vaquejada, trata-se de um costume (mais comum na região nordeste) em que dois vaqueiros montam em seus cavalos e correm atrás de um boi para agarrá-lo e torcê-lo pelo rabo, até que o animal caia com as quatro patas para cima.

Para se ter uma noção das consequências promovidas por esse “admirável” passatempo de “humanos”, entre alguns danos causados aos bois, estão: fraturas nas patas e rabo, ruptura de ligamentos e vasos sanguíneos, e eventual arrancamento do rabo e comprometimento da medula óssea. Sem contar que os cavalos também sofrem esporádicas lesões.

Resumindo: a “brincadeira” envolve nada mais do que o sofrimento do animal, e só. Ver o bicho estrebuchando no solo com expressão de dor e de “o que eu fiz para merecer isso?” é o único prazer dos amantes da Vaquejada, que saboreiam tudo em uma arena com ares de ‘evento do ano’, tendo pessoas felizes e vibrantes na arquibancada como se estivessem em uma final de Copa do Mundo de futebol.

O grau de bizarrice e crueldade faz parecer mentira, mas não. Infelizmente, não é.

De um lado, o STF quer extinguir a “festa” sob o argumento óbvio de que “manifestações culturais não se sobrepõem ao direito de proteção ao meio ambiente”.

Do outro, o Governo do Ceará trabalha com a desculpa de que a Vaquejada é importante para a economia por movimentar cerca de R\$ 14 milhões/ano, além, é claro, do papinho (sempre) furado de “cultura regional, tradição e bibibí bobobó”.

Bom, quer dizer então que o faturamento monetário e o aspecto cultural de uma região são mais importantes do que o bem-estar da fauna, que, inclusive, é o que abastece, de forma sustentável, nossa vida? Entendi.

Traduzindo:

– Dane-se o sofrimento do bicho, o que é importa é a nossa felicidade momentânea – dizem os que são a favor... mesmo sem abrirem efetivamente a boca.

Pesquisando sobre o tema, encontrei na web o texto de uma pessoa que defende a Vaquejada, e o que mais chamou minha atenção foram as razões apontadas caso se confirme o fim das apresentações pelo Brasil.

Entre suas alegações, estão peripécias do tipo:

“(...) Como ficará o locutor de voz brejeira?

Está proibido do vaqueiro se apaixonar pela filha do fazendeiro?

Para pensar na cama...

E a filha do fazendeiro não pode mais chorar ao ver que sua paixão “botou o boi da disputa” e ganhou a vaquejada?

De que viverá o boiadeiro?

E a casa da ração, será demolida?

Já podem vender os caminhões?

Fechar a serralheria do cabra que fez a gaiola?

Chico Couro Velho do cortume, Xixico de Zequinha da Casa dos Arreios, não podem mais tirar seu sustento?

O veterinário interromperá o tratamento do cavalo de esteira e do cavalo puxador?

E Seu Zé Sapateiro que faz botas encomendadas?

E o rapaz que me vendeu um Pen Drive cheio de toada de vaquejada?

O caba do espetinho? A menina que vende boné? Vocês vão para onde? (...)

Aí eu te pergunto:

- Dá para aplaudir uma “cultura” como essa?
- Dá para levar a sério argumentos como este (que não foram escritos brincando, pois a pessoa realmente falava com aparente verdade)?
- Dá para apoiar um costume que judia de animais baseado em alegações bizarras como as citadas acima?

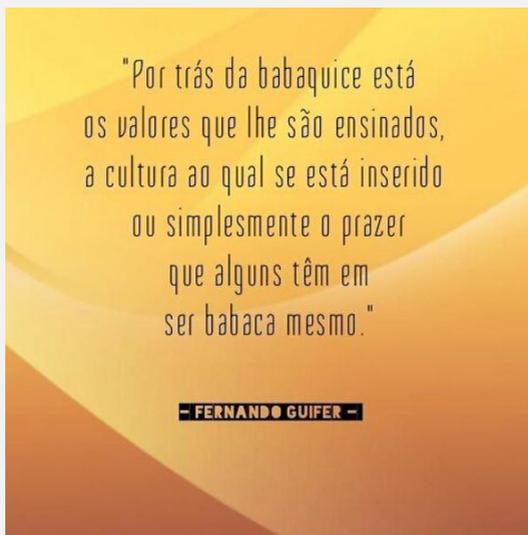
Faça-me o favor!

Isso só pode ser uma brincadeira de muito mau gosto, né? O que todas essas pessoas que hoje têm sua renda complementada com a Vaquejada vão fazer da vida é problema delas.

Se a Vaquejada é a única fonte de renda, que arrumem um novo emprego, pois ninguém é quadrado. Apenas parem de agredir os animais gratuitamente!

Quando vejo que existe polêmica, em 2016, em torno de obviedades no naipe das Vaquejadas e Rodeios, por exemplo, me sinto um homem das cavernas, sabe?

É como se estivesse em um planeta a que não pertença – e convivendo com uma sociedade que não aprendeu absolutamente nada sobre o conceito de humanidade ou sobre a essência do amor (embora pregue isso aos quatro ventos diariamente por ser “cool”).



Não podemos achar natural maltratar animais para fins de diversão e, ao mesmo tempo, entender como absurdo

Para pensar na cama...

um cara de bem ser espancado por desconhecidos na esquina.

Qual a diferença entre os casos? Nenhuma.
Ambos não fizeram nada para serem agredidos.
Não há lógica de raciocínio.
É contradição atrás de contradição.

Terráqueos se tornaram tão assustadores, que hoje é normal não agir de forma coerente sobre o que se diz e o que se pratica.

Fulano diz que ama os animais, posta foto com cachorrinhos e gatos fofos, mas basta surgir uma Vaquejada ou Rodeio confirmando showzinho de dupla sertaneja que o bonitão vai lá contribuir com o show de horror, dando seu dinheiro ao organizador – e financiando a manutenção da tortura para o próximo ano.

As pessoas criaram o hábito em pôr a palavra empatia debaixo dos braços para pregar um falso moralismo de que se colocam no lugar do outro em prol de um mundo melhor.

Mas, me desculpe. Se você é um sujeito que se preocupa com o próximo, jamais deveria se tornar parte integrante (direta ou indiretamente) de uma prática que celebra o espancamento animal, como a Vaquejada.

E não estou falando somente daqueles que desempenham o ato em si, subindo no cavalo e agredindo bois covardemente. Refiro-me a qualquer

envolvido, desde o bilheteiro, vendedor de pipoca, jornalista que cobre (e/ou dá mídia para isso), artista/esportista que toca em eventos como este e, claro, o fã/torcedor, que vai à arena bancar esse tipo de perversidade.

A proibição da Vaquejada mostra que ser empático não é se atentar apenas ao umbigo de seres humanos, pelo contrário.

Não permitir que espetáculos repulsivos desse tipo aconteçam legalmente e punir os que transgredirem a lei no caso de proibição, é o indício básico do amadurecimento de uma nação que anseia em se melhorar, mesmo vivendo em um país conhecido por ser “terra de ninguém”.

A discussão ainda vai longe, mas espero de verdade que, pelo menos uma vez na vida, a justiça brasileira seja firme e assertiva em uma decisão, já que não se trata de favor, e sim, do mínimo para nos fazer resgatar aquele restinho de fé na humanidade que está na raspa do tacho.

Aguardemos as cenas dos próximos capítulos. E que o bem vença, como sempre!

Ps: Nasci em São Paulo, minha descendência paterna é baiana, a materna é mineira, e essa mistura fez de mim um grande admirador da cultura brasileira em todas as suas esferas (incluindo a cultura nordestina, a quem o Brasil deve muito!).

Para pensar na cama...

Quem é o Fulano que “tem a solução” do Brasil nas mãos?

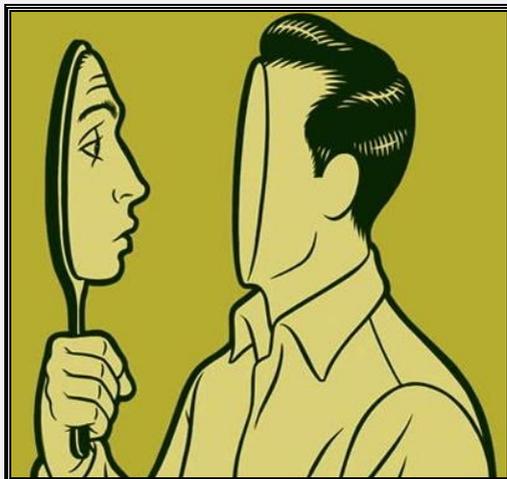


Imagem: Reprodução/Medium

Fulano é engajado, e por que vai às ruas protestar vez ou outra, pensa ser mais brasileiro do que aqueles que preferem protestar estudando um pouco de história no quarto e, quem sabe, fazer a diferença de verdade no futuro da sociedade.

Fulano é patriota e diz amar incondicionalmente o país, independentemente de partido.

Fulano quando ocupa algumas praças públicas leva bandeiras bem coloridas (entre azuis e vermelhas, por exemplo), embora não raras vezes se esqueça de levar a bandeira do próprio país.

Fernando Guifer

Apesar de jurar que não, Fulano ama o candidato 'A' mais do que a própria vida – mesmo sem nunca tê-lo visto na vida.

É um amor platônico, daqueles que, mesmo sabendo que o candidato 'A' nem saiba de sua existência', o faz ser capaz de colocar a mão no fogo por seu ladr... digo, político de estimação.

Até por que, o candidato 'A' diz que tem a salvação do mundo todinho na cachola e isso, claro, brilha os olhinhos do Fulano, este que, embora grite aos quatro ventos ser a favor da democracia e do amor, xinga os amigos nas redes sociais e briga até com a família para defender a índole do tal desconhecido 'A'.

Fulano prega ódio a todos os que cogitam votar no candidato que ele não gosta, o 'B', só pq ele veste uma cor de camisa diferente a que defende – e ponto.

Mas, olha... não tenha medo!

Fulano é de confiança, Fulano não é bipolar, Fulano é equilibrado.

Fulano adora postar frases da Bíblia e poesias para motivar as manhãs da humanidade.

Fulano diz que não é o dono da verdade, mas Fulano é sim. Ele é muito bom em ser o dono da verdade.

Para pensar na cama...

Fulano manja de todas as PECs e leis, domina a constituição de cabo à rabo e está super por dentro das contas do governo.

Fulano sabe qual é a solução econômica do país, mesmo Fulano não conseguindo solucionar nem as próprias dívidas que o colocou na Serasa/SCPC.

O candidato 'A', de quem o Fulano mais parece ser fã e não eleitor, já foi pego várias vezes com a boca na botija, contudo, Fulano diz que o mundo inteiro está errado e só vai acreditar que o candidato 'A' é ladrão no dia em que lhe der um abraço e sua carteira ou seu celular sumir do bolso.

Fulano é esperto. Fulano é estudado.

Aí chega a eleição, Fulano vota no candidato 'A', mas quem vence é o candidato 'B'.

Por birra, Fulano torce para o candidato 'B' fazer uma péssima gestão, porque seu candidato do coração, o 'A', tomou pau nas urnas.

Para Fulano, o povo é burro. Para Fulano, só ele é esperto.

Não importa o que o candidato 'B' faça, Fulano vê defeito em tudo e propaga pelas redes sociais que apenas o candidato 'A' salvaria o país do mal.

Fulano é vidente. Fulano sabe que o candidato 'B' fará uma gestão ruim mesmo sem ele nem ter tomado posse.

Fulano sabe tudo de política;
Fulano é eleitor;
Fulano não é massa de manobra;
Fulano não tem interesses;
Fulano não é influenciável;
Fulano tem personalidade e opinião formada;
Fulano é inteligente;
Fulano é o manjão de história da rede social.

Fulano é, acima de tudo, brasileiro. E o Brasil está cheio de Fulanos.

E então, meus amigos... quem é fulano?

Para pensar na cama...

Massacre nos EUA: Culpa sua!(?)

Contexto: ataque em boate gay deixa 50 mortos em Orlando, nos EUA.

Fonte: <https://glo.bo/1PV2sVA> (G1 – 12.06.2016)



Imagem: pixabay

Mais de 50 pessoas perderam suas vidas para o ódio disfarçado de mandamento religioso.

E, ao contrário do que foi divulgado pelas autoridades, o atirador não entrou na boate sozinho para cometer este crime pavoroso.

Junto a ele, todos vocês, que disseminam diariamente preconceito contra homossexuais, também apertaram aquele gatilho várias vezes em direção aos seus irmãos.

Fernando Guifer

Preste atenção no que vocês têm ensinando aos próprios filhos. Se não considerarem este assassinato em série um sinal de alerta para que reflita sobre alguns discursos, certamente é uma pessoa problemática e por quem o mundo deve ficar com um pé atrás daqui pra frente.

Não adianta ir à igreja, dar o dízimo, oferta, fazer jejum, frequentar vigílias, falar a “língua dos anjos” ou se batizar, se quando na hora em que Deus mais precisa de você para levar a palavra dele de “amar ao próximo como a si mesmo”, tu resolves virar suas costas às minorias, que são os cidadãos que mais precisam de apoio e afeto.

Use um pouco o cérebro e se liga no mundo em que está construindo.

Desligue-se do pastor um segundo e vá ler sua bíblia para interpretá-la sozinho, como um ser inteligente que é sim capaz de tal feito.

Deixe de ser um cão adestrado e aprenda: o amor não tem sexo. Cada um pode (e deve) ser feliz da forma que melhor lhe convir, e não seguir as regras de acordo com o que você e sua religião acreditam ser o correto.

Vale, inclusive, reforçar aos desavisados que homossexualidade não é uma escolha, mas, sim, uma condição. Então, entenda que não estamos falando de doença ou birra. A pauta é: fulano nasceu assim (hetero ou gay), e ponto final.

Para pensar na cama...

Você, heterossexual, conseguiria “virar” homossexual? Claro que não. E não porque tu és o rei do gênero (acredite!). Acontece que isso não se “vira”, meu amigo... se nasce. E se Deus permite que a pessoa venha ao mundo já com essa condição é por obviamente cancelar que isso não é nenhum crime aos seus olhos.

Acorda!

Ninguém optaria em ser gay para ter o mundo todo enchendo o saco, para ser morto ou para ser agredido gratuitamente aonde quer que fosse.

**A homofobia é,
indiscutivelmente, o
ódio disfarçado de
mandamento religioso.**

 PENSADOR

Fernando Guifer

Sabe de uma coisa? As pessoas estão morrendo por causa dessa idiotice que você insiste em propagar pelo mundo. E o pior: em nome de Deus. Muito cuidado com isso. Se liga!

Não é aquela história do “pare que está feio”. Antes fosse.

Agora se tornou real: pare, porque pessoas estão morrendo – e suas mãos cada dia mais sujas de sangue.

Fernando Guifer

“Uma esmola pelo amor de Deus!”



Agir dissimuladamente e postar diariamente opiniões que se contradizem, uma atrás da outra, são atitudes que dão o tom à nova realidade virtual na qual estamos (conscientemente) inseridos. E tudo isso para absolutamente nada, concorda?

Aliás, desculpe... tudo em prol da maravilhosa busca por likes (curtidas), artifício criado para massagear egos e fazer pensar ser alguém que não se é, como se isso nos tornassem pessoas mais especiais e bem-sucedidas perante Deus, o mundo ou sei lá quem.

Para pensar na cama...

Não podemos perder a essência e nem esquecer os valores pessoais que possuímos desde nossa criação na infância.

Não importa o que somos, no que cremos, o que consumimos ou onde estamos. Somos únicos. Peça exclusiva de valor inestimável, e ponto.

Lembre-se: Não é preciso ser popular para sentir-se abraçado, assim como não é preciso ser conhecido para ser notavelmente indispensável.

A fascinante cultura do brasileiro que ‘ama se ferrar’ sorrindo! #1AnoPósRio2016



Imagem: Silvia Izquierdo/AP; reprodução Google

Nada contra sua felicidade com os Jogos Olímpicos Rio 2016, já que, há um ano, eu também estava radiante com o resultado positivo do nosso quadro de medalhas, e claro, com a “imagem otimista” que transportamos aos amigos do primeiro mundo, que vieram turistar e “salvar” o Brasil da infundável crise financeira.

Recordo, inclusive, que, na ocasião dos Jogos, provamos com maestria que “a gente (brasileiros) é zica memo”, e que podemos sim ser os melhores quando quisermos, afinal, nossa autoestima elevou-se de forma significativa com o clima que criou-se naquelas duas

Para pensar na cama...

semanas de competições, e talvez não seja absurdo dizer que, entre os dias 05 e 21 de agosto de 2016, nos tornamos uma população infinitamente mais satisfeita, orgulhosa e melhor preparada para enfrentar os problemas do dia a dia.

Valeu mesmo, COI; valeu mesmo, COB; valeu mesmo, políticos.

Indiscutível legado. Eu vos amo!

Claro que minha ironia para sugerir sua leitura não tem qualquer relação com revolta ou o desejo de – gratuitamente – jogar água no chope dos outros (já bebido e urinado há um ano), pelo contrário.

Essa é, na verdade, uma pitada de provocação que dá o tom a este texto mesmo: refletir sobre quem somos e o que buscamos com nossa não surpreendente inconstância emocional.

Apesar de não ter feito post anterior ao evento, reconheço que me posicionei contrário à realização da Rio 2016, e depois, como bom patriota que sou, coloquei-a debaixo do braço e a protegi como se fosse uma bebê só minha.

E justamente essa fugacidade no comportamento brasileiro de encarar as coisas (na qual me incluo) que deveria - ou não - nos preocupar.

Alguém se recorda da Copa do Mundo, em 2014? Pois é. Aconteceu episódio semelhante também.

Assim que a FIFA nos chancelou como país sede do principal campeonato de futebol do planeta, “todos” apoiaram desde o início, e “ninguém” foi às ruas protestar contra os gastos obscuros de um dinheiro que aparentemente jamais existiu.

Entretanto, como num estalar de dedos, “plim”, a população se abraçou e se emocionou quando a bola rolou para Neymar e Cia, no dia 12 de junho daquele ano.

Tirando as pessoas envolvidas diretamente com os dois eventos (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos), como atletas, dirigentes e políticos, não conheço qualquer pessoa que tenha se manifestado 100% em favor de suas realizações, até pelo menos duas semanas antes das cerimônias de abertura, com alegação legítima de que “o país não tinha condições de cuidar nem de si mesmo, quanto mais produzir espetáculos de tamanha grandiosidade para gringo ver”.

A maioria ecoou em alto e bom tom que qualquer investimento deveria ser feito em prol do povo, isto é, injetando dinheiro público em prioridades, como educação, segurança pública, saúde, habitação, etc.

O “auê” todo durou, porém, somente até acabarem os shows da Cláudia Leitte e da Jennifer Lopez, em 2014 (na Arena Corinthians), e/ou até o Vanderlei Cordeiro de Lima acender a pira olímpica, no RJ, em 2016.

Para pensar na cama...

De repente, do nada: puff... viramos completamente a chave do “lutar por nós mesmos” para o “ta bom, vai...”.

Copa do Mundo e Jogos Olímpicos foram idênticos em quase tudo, desde o desempenho esportivo das delegações brasileiras até a participação de uma nação que deu show de “nunca critiquei!” no decorrer das competições.

– Oras, Guifer... mas já que a Olimpíada ou a Copa iriam acontecer e não tinha mais como cancelar, meu papel era o de apoiar mesmo, certo? Vou ficar arrotando protestinho enquanto todo mundo canta o hino? – podem dizer os mais afoitos.

Então, afoito... não sei.

Colocar uma venda e fingir que estava tudo bem foi realmente o mais correto a ser feito por você e por seus iguais?

Será que era sua bandeira e/ou teu hino que estavam ali representados, ou será que eram apenas interesses de poder público e de instituições privadas, como o próprio COI (Comitê Olímpico Internacional), que sugou nosso sangue até a última gota – repetindo sem disfarce o que a FIFA já havia feito conosco dois anos antes?

Por qual motivo apoiamos um evento que, na época, quase levou à falência um dos estados mais importantes economicamente e culturalmente do Brasil perante o mundo, que é o RJ?

Com qual justificativa respaldamos um acontecimento que (também) ficou marcado por escancarar de vez nossa velada ditadura, ao censurar os legítimos protestos de “Fora (Michel) Temer”?

Já parou para pensar que é justamente por não termos a menor vergonha na cara que as coisas por aqui caminham em passos de formiga e sem perspectiva de evolução?

Cá para nós, amigos: cadê (nossa) coerência nisso tudo?

Será que finalmente aqueles papos de “tenho personalidade forte e irrevogável” ou de “odeio hipocrisia” caíram por terra de vez?

Afinal, de que adiantou criticar maciçamente o aceite da Copa e dos Jogos Olímpicos desde que o país foi escolhido, em 2007 e 2009, respectivamente, levantando placas e indo às ruas, para, durante sua realização, tornar-se a pessoa mais inerte e conformada do universo?

Para pensar na cama...



Ver alguns dizendo que apoiaram desde o início a candidatura do Brasil para se tornar país sede dos Jogos Olímpicos – e também apadrinharam cada modalidade esportiva desde o início do ciclo – foi, no mínimo, bizarro, e, deu sim, vergonha alheia cada vez que certas pessoas utilizavam hashtags do tipo: #SomosTodosOlímpicos e #BláBláBlá.

Confesso que, até por ser uma pessoa sensível, emocionei-me demais com algumas publicações do povo brasileiro nas redes sociais.

Foram lágrimas sinceras ao ver todo engajamento dos colegas no momento de agir dissimuladamente, postando opinião contraditória, uma atrás da outra, somente pela maravilhosa prospecção de curtidas, tão frequentes na realidade virtual na qual estamos imersos.

É como se as pessoas nunca mais tivessem sido elas mesmas desde que a esmola por joínhas foi criada.

Fernando Guifer

Mas, olha... tudo bem, gente.

Como diria o ditado: “tá no inferno? mata o cão!”, certo?
Ok!

Então, baseado nisso, devemos ser justos com uma das classes envolvida no processo: os atletas.

Até porque, nenhum deles deve carregar culpa por nossa vulnerabilidade enquanto cidadãos “pensantes”. Aliás, é somente pelos esportistas que nos deixamos levar pela emoção em épocas do tipo, concorda?

São eles os legítimos representantes da nação nessa joça, e as pessoas por quem devemos alguma reverência por lutarem tanto para nos representar – mesmo praticamente não tendo qualquer apoio digno para seguir lutando.

Imagine só dois políticos batendo papo no momento em que resolvem trazer esses “presentes de grego”, como foram esses grandes eventos, para uma república falida como a nossa:

– Cara, o povo não é bobo. Não vamos nem candidatar o Brasil para sediar um evento como esse porque será um fiasco de público, e ainda por cima todos vão querer nossa cabeça – diz o primeiro.

– Você está louco? – responde o segundo, que continua:

– Como assim o brasileiro não é bobo? Brasileiro, como você bem conhece, é sim bipolar ao extremo, meu amigo.

Para pensar na cama...

Faremos esse evento por que é nossa chance de arrancar até as cuecas desse povo. No início, vão pagar de nervosinhos, falar mal, ir às ruas com cartaz de canetinha, enfim... nos pichar bastante. Porém, depois, quando as coisas estiverem prestes a acontecer, serão somente aplausos e ninguém vai nem se lembrar do dinheiro que sumiu do bolso deles. Sempre agem dessa forma, relaxa. Não tem erro! – completa com sorrisinho amarelado.

A pergunta que fica é: dá para discordar – e duvidar - de um diálogo político como este? Não, amigos... não dá. Somos realmente bipolares, e eles são realmente capazes disso.

Não temos metade da personalidade que pregamos, e mesmo assim adoramos pagar de donos do próprio umbigo (e quiçá do nariz dos outros).

É um comportamento cultural histórico e que dificilmente passará por uma metamorfose positiva no futuro se nada acontecer de verdade “para ontem”.

Veja só, um exemplo chulo do nosso intermitente raciocínio é a rivalidade ridícula e infantil criada (e alimentada pela imprensa) em torno dos jogadores Neymar e da Marta à época dos Jogos no Rio, alguém se lembra?

Deu para perceber o quanto mudou-se de opinião em torno destes atletas durante o período de 10 dias? Recordam-se daquela camiseta do Brasil cujo nome do

Neymar foi todo rabiscado por um garoto, que abaixo escreveu o nome da Marta?

Ele estava bravo com o mau futebol apresentado pelo atacante da seleção masculina, e na certeza da medalha de ouro do time feminino agiu dessa forma, por impulso – arrancando gargalhadas e anuência do senso comum na internet e pelas ruas.

Poucos dias depois, o que foi que aconteceu?

Time masculino, de Neymar, campeão; time feminino, de Marta, eliminado.

Viu só como esse é um case que diz muito sobre a falta de consistência em nossas convicções?

Ainda temos o velho costume de reproduzir a primeira coisa que assistimos, lemos ou ouvimos, e, claro, levamos tudo como verdade absoluta sem fazer qualquer questionamento para com a pauta em questão, independentemente do que seja.

Se já é ridículo comparar Neymar e Marta por serem atletas de gêneros diferentes, mais grotesco ainda é observar o povo igual bolinha de ping-pong nas opiniões, enquanto a mídia, também desesperada por cliques e audiência, dá risada em pleno domínio das raquetes.

Políticos continuam sendo apenas um reflexo de nossa sociedade, e não o contrário.

Para pensar na cama...

Enquanto você suportar, colocarão em sua goela aquilo que acharem conveniente, pois sabem que, ao final, daremos risada da própria desgraça.

O singelo aprendizado que podemos extrair de tudo isso é: quando algo soar estranho na forma como nosso território é conduzido, busque respostas primeiro em sua conduta particular para, em seguida, avaliar como (e porque) essa cultura de “se f**** sorrindo”, mantém nosso comportamento sempre omissos.



Fernando Guifer está 🤔 se sentindo pensativo.

2 min • 🌐

ENQUETE RÁPIDA 🤔

Baseado na metrica escolar proferida por alguns professores de que todo mundo pega a prova já com Nota 10 e ao longo da avaliação vai perdendo pontos, qual sua opinião sobre a reflexão abaixo:

"Todo mundo que entra na politica é filho da puta e deve provar ao longo do mandato ser uma pessoa de bem ou todo mundo que entra na politica é de bem e acaba provando ser filho da puta ao longo do mandato?"

Para pensar na cama...

O problema é você!



Candidato 'A' é entrevistado...
Eleitor/militante/torcedor 'A' diz que o **jornalismo morreu.**

Candidato 'B' é entrevistado...
Eleitor/militante/torcedor 'B' diz que o **jornalismo faliu.**

Candidato 'C' é entrevistado...
Eleitor/militante/torcedor 'C' diz que **jornalismo é parcial.**

Todas as vezes que determinado candidato for entrevistado e os jornalistas forem achincalhados por seus eleitores/militantes/torcedores/fãs/baba-ovos, significará que ali foi exercido o verdadeiro jornalismo.

Sabe por quê?

Fernando Guifer

Por que jornalismo existe justamente para botar o dedo na cara do **seu** candidato e fazer a ele as perguntas que precisam realmente ser feitas (e não as que você e ele querem ouvir). Todo resto alheio isso é mera publicidade.

Se o **seu** candidato não é capaz de dar uma mísera entrevista para falar sobre sua história e os planos que têm para o mandato, significa simplesmente que ele não está nem um pouco preparado para assumir um cargo público de grande responsabilidade.

E se mesmo assim você insiste em votar nele ou até mesmo defendê-lo, acredite: o problema não está nem nele ou menos ainda no jornalismo... está em você!

Para pensar na cama...

Por que não levamos em consideração as indelicadezas de Silvio Santos?



Imagem: Folha

– Porque ele pode. É um mito. E você, quem é? – alguém pode ter pensado aí do outro lado mesmo sem nem ter tido o trabalho em ler o texto até o final.

Acalme-se, meu caro!

Busco ter cuidado em não expor percepções sem qualquer fundamento, e o intuito do artigo que discorre abaixo é exatamente humanizar o homem do baú, colocando-o próximo a nós, meros mortais, inclusive com seus direitos e deveres no que diz respeito ao referir-se às pessoas de forma cortês e educada, pois isto é, indiscutivelmente, uma questão de valores e não dinheiro ou popularidade.

Fernando Guifer

Dono de um carisma incontestável e uma história de superação inquestionável, Señor Abravanel (ou Silvio Santos para os mais íntimos) conquistou o coração dos brasileiros graças ao espírito empreendedor que o levou da sofrível vivência enquanto camelô, para um desfrute merecido do sucesso após tanta luta para se tornar dono do SBT e de tantas outras companhias consideradas bem-sucedidas.

Apresentador versátil, Silvio Santos inovou a televisão com sua forma de pensar à frente do próprio tempo, peitando ideias e bancando programas e quadros que se tornaram clássicos aos domingos, quando, desde sempre – e principalmente nos anos 90, invadiam nossas salas de casa com entretenimento de qualidade e voltado à toda família.

Ele tornou-se, ao longo de toda carreira, uma grande referência de ser humano que deu certo e que venceu sem pisar em ninguém, geralmente apontado como um homem generoso e genial por aqueles que tiveram o privilégio em conviver de um jeito mais íntimo.

**Mesmo que não haja intenção,
imagino que a extroversão e a
inconveniência andem
praticamente de mãos dadas.
Sendo assim, cuidado. Essa
linha é muito tênue e por vezes
escorre pelo pior lado do muro.**

 PENSADOR

Fernando Guífer

Para pensar na cama...

Mas, se nem tudo são flores na vida de qualquer um de nós, anônimos banais, imagine para as figuras públicas, que precisam lidar com julgamentos o tempo todo – não importa o tamanho que tenha sua fama ou os triunfos acumulados com suor ao longo da carreira? Difícil.

E, obviamente, com Silvio Santos não é diferente, mesmo sendo ele o maior nome (vivo) da televisão desse país. Silvio acerta muito mais do que erra, e não é preciso enumerar os tiros que deu “na mosca” para valorizar sua quase que impecável biografia - porque são eles que o fizeram ser o que é.

Entretanto, maximizar os acertos de uma pessoa não significa minimizar os equívocos, e me parece que esse tal “passar um pano” é o que acontece quando a pauta é Silvio Santos e suas peraltices, independentemente do que ele tenha aprontado em frente às câmeras.

Além da “torta de climão” que causou tentando aproximar (de um jeito insistente e à lá Joselito) a apresentadora Máisa Silva do jornalista Dudu Camargo; de já ter feito a mesma Máisa chorar no palco ainda quando criança; ou, por exemplo, insinuar o desejo em fazer cenas de amor com a modelo Helen Ganzarolli em um filme, separei trechos que fugiram completamente do padrão SS de qualidade ao qual estávamos acostumados, para deixar todos nós com cara de “eita!” diante da TV:

“Você está parecendo uma bichinha na novela”, disse o apresentador ao receber o ator João Guilherme Ávila, filho do cantor Leonardo;

“Você quer vir? Espera aí, porque vou ter que mandar reforçar o chão. Vai quebrar aqui”, falando para uma ‘colega de trabalho’ da plateia que estava um pouco acima do peso;

“O que você acha melhor: sexo, poder ou dinheiro?”, questionando uma criança durante seu show de calouros;

“Fica aqui em minha frente já que você quer se esfregar”, posicionando-se atrás de outra ‘colega de trabalho’;

Quando a atriz mirim, Júlia Olliver, disse que gostaria de ser atriz e apresentadora quando crescesse, ele disparou: “Com esse cabelo?”, referindo-se aos cachos crespos da pequena;

“Se o meu filho fosse homossexual eu não iria gostar”, comentou durante um de seus programas;

“Isso é enchimento, é silicone”, perguntou ao apalpar o bumbum de uma convidada do Teleton, que representava modelos plus size;

“Você é muito graciosa. Embora seja a única negra entre as brancas, é bonita” – disse para uma das dançarinas do Teleton.

Enfim...

A pergunta que fica é: será que se todas essas gracinhas tivessem partido de qualquer outro apresentador, o mundo também levaria na ‘brincadeira’?

Para pensar na cama...

– Ah, mas o Silvio pode!

Discordo.

Pode por quê?

O “tudo posso” não pode, meus amigos; o “sem limites” precisa sim ter limites.

E isso não deve ser para um ou outro e de acordo com a quantidade de fama e de dinheiro que se tem.

Aliás, celebridades formadoras de opinião e empresários que nadam no dinheiro, são grandes influenciadores. E por serem um espelho para muitos, devem se comportar de acordo com seu poder perante o povo, uma vez que, cada atitude ou palavra, toma uma proporção gigantesca para o bem ou para o mal – e lá na frente, quem sabe, pode apresentar algum tipo de consequência.

Em suma: a responsabilidade é triplicada.

Entendo a ânsia do Silvio em viver como se não houvesse o amanhã, mas custo em compreender a relação que isso possa ter com o prazer em constranger convidados, plateia e elenco, produzir pegadinhas de mau gosto e/ou realizar piadas que possam soar machistas, homofóbicas e gordofóbicas.

Mesmo sem querer e, mesmo que não haja intenção, imagino que a extroversão e a inconveniência andem praticamente de mãos dadas. E, não raras vezes, essa linha tênue escorre pelo pior lado do muro.

Apesar disso, quando se está entre amigos, tudo bem, releva-se. No entanto, deve sim haver um cuidado maior quando você quer ser engraçadinho com alguém que nunca viu na vida ou que até já tenha visto, mas cujo grau de intimidade é nulo.

O nome disso é bom senso, e dependendo do quão em falta essa característica estiver dentro da pessoa, ela pode causar grandes danos ao futuro de terceiros, principalmente se essa ausência de discernimento partir de uma das pessoas mais famosas que existe.

Silvio é da geração pré-mimimi, sabe? Aquela em que o politicamente correto simplesmente não existia porque tudo era levado na gozação.

Até concordo em partes que o mundo ficou mais chato em alguns aspectos mesmo. No entanto, não posso esquecer de que meu direito termina quando começa o do coleguinha, então, é importante pensar para falar ou até para brincar quando não se tem a menor liberdade para tal.

Aliás, até esse termo 'geração mimimi', também gera mimimi – e com certa razão.

Será mesmo que essa geração atual é excessivamente banhada em mimimi, ou, na verdade, é mais pensante e questionadora, e por isso não encara com sorrisos amarelados brincadeiras que sempre foram de mau gosto, porém, nunca consideradas como tal?

Para pensar na cama...

Sou grande fã da história do Silvio há muitos anos, e sim, o respeito demais como sendo um dos maiores nomes dentro da televisão - e também fora dela, como empresário a ser reverenciado.

Pelas entrevistas que já vi, ele me parece uma pessoa simples e gente boa, e também acho incrível quando resolve aparecer com aquelas roupas extravagantes durante as férias de verão, em Orlando (EUA) rsrs.

Mas é notório que se criou uma blindagem tão latente em torno das atitudes de Silvio Santos, que a impressão mais coerente é de que as pessoas têm receio em levantar qualquer possibilidade de comentário negativo a ele, por enxergá-lo como um herói intocável.

Não é autorizado propor um raciocínio diferente ao já condicionado pelo senso comum a respeito dessa figura, pois é como se isso fosse uma audácia e nos tornasse pior entre os piores do mundo todinho.

Vivemos um paradoxo em que achamos natural escrachar um Faustão (que não deixou o convidado falar) ou um Galvão Bueno (que puxou exacerbadamente o saco de um jogador), mas não nos sentimos confortáveis em posicionar pensamentos contrários ao Silvio quando ele insinua que um garoto seja 'bicha' de forma irônica, por exemplo.

Não há coerência.

Não há quem ouse desaprovar Silvio Santos pela cultura em sempre se colocar como inferior a ele ou as outras celebridades, simplesmente por não ter a metade do que eles têm no que diz respeito a rendimentos financeiros ou popularidade.

Ok. Mas não podemos nos esquecer de que, não é pelo fato de o Silvio Santos ou qualquer outra pessoa (famosa ou não) ter vencido na vida, que podem se portar como sendo donos do mundo, certo? Ou podem?

E você? E eu? E nossos pais? Não vencemos na vida todos os dias também ao pegarmos condução pública lotada no intuito em trazer o mínimo para a mesa dos filhos? Sim, vencemos!

Isso por acaso nos dá chancela suficiente para sermos mal-educados, preconceituosos ou constranger o próximo? Creio que não.

**Silvio, meu ídolo. Você é “só” o patrão da porra toda.
Mas dá uma segurada aí, porquê está foda!**

Para pensar na cama...

Não. O país não está um lixo por causa do futebol!



Imagem: Divulgação/FIFA

Enquanto você acreditar que o problema do Brasil é o futebol, jamais conseguirá compreender que a grande “zica” do país é você!

As merdas de seu candidato de direita ou esquerda acabaram com a porra do Brasil, aí, quando começa um torneio de futebol lá na Rússia, ninguém pode falar que gosta e está entusiasmado por que você, senhor de todas as verdades, acha que o país está na bosta por causa disso.

Fernando Guifer

Mais do que um esporte, futebol é parte da nossa identidade cultural e, especialmente para o brasileiro, um entretenimento consumido com intuito em se desligar por míseros 90 minutos dos problemas cotidianos, para tentar sorrir e não enlouquecer de vez.

Não é porque o país está afundado em transtornos políticos e econômicos, que o povo precisa ficar carrancudo, com cara de meleca e sem qualquer divertimento.

Quer chamar de pão e circo? Chame. Talvez seja mesmo.

Mas não se esqueça desse termo 'pão e circo' quando você for ao cinema, ao teatro, às exposições e aos shows do artista que mais gosta, já que também são formas de entretenimento – e que, enquanto você os consome, a corrupção continua pegando fogo.

O país não está um lixo por causa de futebol.

O país está um lixo por causa de você, que vota em ladrão, defende bandido e acha que o futebol é o maior de nossos problemas.

Álibi errado, amigo.

Para pensar na cama...

Extra! Extra! 23 dias sem corrupção no Brasil!



Imagem: Google Imagens

Graças a você, que protestou pelo celular e boicotou esse pão e circo chamado Copa do Mundo (na Rússia), ficamos 23 dias sem corrupção no Brasil!!!

Nenhum político roubou, a desigualdade social foi para o saco, os hospitais agora atendem com qualidade, os impostos caíram, a taxa de homicídios despencou e nossa moeda valorizou 300%.

Ah! Sem contar que o presidente (Michel) Temer só não renunciou por não haver tempo, já que o time foi para casa antes da hora.

Não é demais tudo isso? Eba!

Fernando Guifer

Impressionante como realmente mudou. Nem tenho reconhecido essa joça de tão “maravigold”, parabéns!

São, sem dúvidas, recordes históricos de evolução em nossa história e que você, reclamão, tem grande mérito devido o sacrifício que fez em pôr os dedinhos no ouvido e cantarolar “lalalalalalala...” – com os olhos fechados e a cabecinha virando de um lado ao outro...

Creio que podemos bater no peito e finalmente dizer que somos uma nação melhor e de primeiro mundo. Obrigado.

Portanto, você me convenceu.

Agora que o maldito futebol parou de atrapalhar o desenvolvimento do nosso país, prometo desligar a fucking televisão e lutar junto contigo por uma nação mais justa.

Vamos nessa!

Para pensar na cama...



Fernando Guifer



5 de out às 22:31 • 

Impor que seus amigos e parentes votem no candidato que VOCÊ quer, significa que VOCÊ não aprendeu sequer o básico sobre o que tanto diz defender: democracia.

Assim sendo, volte uma casa (à escola) e, quando estiver menos imbecil, é possível que alguém peça sua opinião sobre determinada situação que envolva o país.

Por hora, cale-se. Você não vai convencer ninguém fazendo posts babacas e sendo um baita de um bolha contraditório que age totalmente na contramão ao que prega.

"Sou favorável à posse de armas por que ninguém é burro em sair matando as pessoas apenas por ter um revólver em casa."



Imagem: Antônio More/Gazeta do Povo

Hey, amigo. Cola na grade!

Você está falando do Brasil:

- O país que, entre 2011 e 2015, matou mais pessoas do que a guerra da Síria;
- O país em que um bom número de pessoas morre por arma de fogo devido brigas bestas de trânsito;
- O país em que fardados-armados matam (sem querer, querendo) inocentes todos os dias e "seeegue o jogo!";
- O país em que, a cada 19 horas, um homossexual é morto apenas por existir;

Para pensar na cama...

- O país em que quase mil mulheres foram brutalmente assassinadas por companheiros, em 2017.

Enfim...

Todos geralmente mortos por "pessoas de bem" e membros da "família tradicional".

Isso sem contar que a proibição do armamento vigorar desde sempre por aqui, certo? Já pensou se uma autorização do tipo é sancionada? Hein? Hein?

Tu achas mesmo que alguém nessa joça tem cérebro suficiente para lidar com posse de armas?

E olha que sequer mencionei o fato de o Brasil ser um país em que:

- É preciso gastar milhões com campanhas para ensinar o homem lavar o próprio pau;
- É preciso defender o direito óbvio de uma mãe em amamentar seu filho em público;
- É preciso colocar cordinha na caneta da Casa Lotérica para que ninguém a roube;
- É preciso avisar que Ditadura Militar não se celebra.

Ahn han... "ninguém é burro em sair matando só porque tem arma"... vai nessa!

Aqui, você sabe: se pisar no pé de alguém na fila do banco, ela já saca a faca. Como costumamos dizer na periferia: "É pouca ideia!"

Às vezes, tudo o que precisamos por um instante (para nos tornarmos seres humanos melhores) é pesquisar, ler, refletir, aprender e quebrar alguns paradigmas que nos colocam numa inércia de raciocínio tão alienado, mas tão alienado, que acabam por transformar nossa existência em algo ruim para o mundo e, sem que percebamos, para nós mesmos.

O bem vence sempre!
Paz.

Para pensar na cama...

Capítulo 3

Em tempo...



Imagem: HealthGoesUp

Fernando Guifer

Vivemos tempos assombrosos...

Contexto 1: Desembargador que concedeu liberdade a Lula foi indicado por Dilma.

Fonte: <https://glo.bo/2DE4Nln> (O Globo – 08.07.2018)

Contexto 2: Entenda por que a descontração entre Moro e Aécio repercutiu.

Fonte: <http://bit.ly/2DBTpX5> (UOL – 07.12.2016)



Imagem: reprodução Twitter; reprodução/Rogério Favreto

Nunca neste país nossas canetas e martelos estiveram em mãos tão suspeitas, cujas digitais vergonhosamente

Para pensar na cama...

descambaram de forma explícita ao interesse de uma pessoa ou partido.

Veja bem (de uma vez por todas): sempre será: PSDB vs PT. Nunca será: Brasil vs Corrupção.

É o poder, é o ego, é o enriquecimento ilícito, é a popularidade a qualquer preço, é, enfim, o jogar para a torcida.

Seja político, seja juiz, seja desembargador, seja lá qual for a porra toda: não é pelo país. Nunca foi pelo país.

É por qualquer coisa, menos pelo país, entendeu?
Acorda!

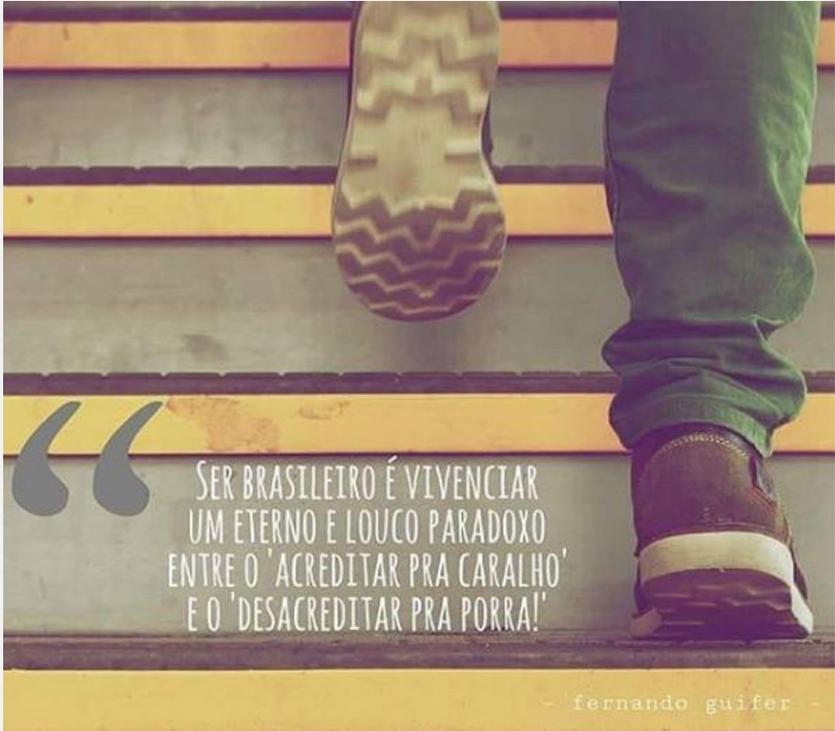
Quem não enxerga isso ou é mau caráter ou é ingênuo. E os que corroboram e se colocam em qualquer extremidade da corda desse infeliz cabo de guerra, é tão corrupto quanto – independentemente do lado.

O que aconteceu hoje é para nos deixar de orelhas em pé porque não é engraçado, pelo contrário.

É bizarro. É uma vergonha pra (in)justiça brasileira.

Mas confesso que tenho mais medo de vocês, militantes baba-ovos, do que deles, lixos interesseiros, uma vez que são vocês os responsáveis por endossar e defender partidos sem ideologia e pessoas que simplesmente não conhecem.

São tempos assombrosos.



“

SER BRASILEIRO É VIVENCIAR
UM ETERNO E LOUCO PARADOXO
ENTRE O 'ACREDITAR PRA CARALHO'
E O 'DESACREDITAR PRA PORRA!'

- fernando guifer -

Para pensar na cama...

Homem, branco, heterossexual e paulistano...



Imagem: Google Imagens

Sofrerei as possíveis consequências? Claro que sim. Afinal, ninguém estará imune à legalização da intolerância.

Contudo, tenho consciência de que não sou o principal alvo de mentes doentias.

Na linha de frente ao ódio gratuito, estão as mulheres, os negros, os índios, os homossexuais e os nordestinos/nortistas.

Fernando Guifer

E, até por isso, faço cara de “ué” quando vejo pessoas que compõem esses grupos sociais dizendo que votam em Jair Bolsonaro, entende?

Seja lá por qual motivo for, creio que ainda não tenham compreendido a periculosidade da coisa no que diz respeito à própria existência, igualdade e/ou segurança – se comparado aos “olhos azuis de um ogro nascido no sudeste”.

É literalmente a formiga votando no tamanduá.

Enfim...

Pelos direitos, igualdade e segurança da **mulher**, do **negro**, do **indígena**, do **homossexual** e do **nordestino/nortista**, meu voto será contrário a Jair Bolsonaro.

Não só por eles, mas, principalmente por eles. Já que eu jamais viraria minhas costas aos irmãos que diariamente padecem nas mãos dos intolerantes.

Deus se orgulha apenas do amor, do respeito, do altruísmo e da empatia. Então, vamos nessa, porque o bem vence sempre! ♥

Para pensar na cama...

Família, amigos, parentes, e o sentimento incondicional de quem sofre com a indiferença de quem se ama



Aquele intrigante momento em que você para, pensa, e percebe: o lugar em que se adorava ir não tem mais o mesmo brilho, e as pessoas que sempre se amou, defendeu, admirou e valorizou, não corresponderam de maneira positiva e recíproca seus anseios e expectativas.

De alguns a gente espera um afago, um ombro ou um mero olhar com sentido de “estou aqui e conte sempre comigo!”; de outros, porém, não se espera absolutamente nem um genuíno sorriso amarelado no canto dos lábios.

Sabe o que há de errado com isso? Nada. Trata-se apenas de um paradoxo natural que é corriqueiramente praticado em uma relação que envolva humanos e “humanos”.

Mas, sabe... a dor jamais se aflora quando a indiferença surge daquele lado frio, cinza, e de quem nunca se aspirou o contrário.

As lágrimas escorrem como uma navalha na face quando são motivadas por iguais de quem se espera e não mais se tem, principalmente por um dia já ter tido em abundância.

Ficou-se pelo caminho os pequenos gestos de carinho e afetividade.

Você amou, mas não foi amado; você se doou, mas não obteve doação semelhante.

E somente o tempo foi capaz de mostrar, um a um, quem era realmente quem durante uma adversidade, ou até mesmo quando o tal do poder chegou às mãos de quem ainda precisava de maturidade para administrá-lo.

O envolvimento com um familiar, parente ou amigo, é o suprassumo da alma por ser verdadeiro mesmo seguindo na contramão do intencional, entende?

Já que, quando a atitude é voluntária, enfatiza de verdade o poder do tal 'sentimento puro e sem interesses'.

E, mesmo assim, caso fosse uma ligação premeditada e forçada, certamente não doeria, já que nós mesmos não deixaríamos doer e teríamos controle absoluto sobre a razão ou não de ser o que estivesse sobre o alcance da própria decisão.

Para pensar na cama...

Mas, o amor é assim mesmo: in-con-tro-lá-vel (ainda bem!).

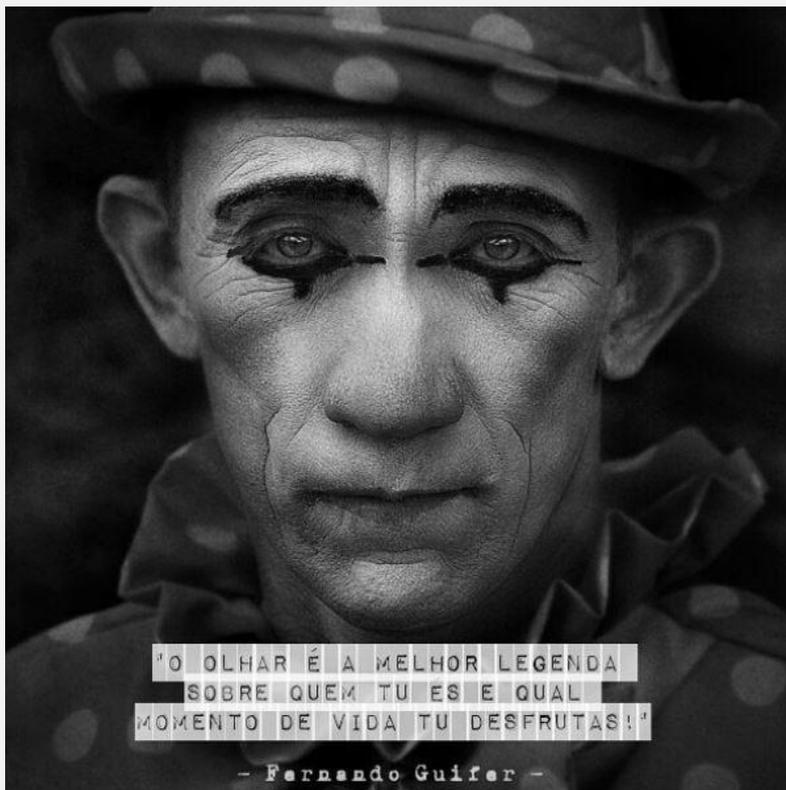
E apesar de ferido, o coração permanece amando incondicionalmente, mesmo que com menor intensidade, pois a potência diminui com a distância, mas o que é de verdade se acultura ao imortal.

Vida que segue...

De um lado, ela, e do outro, eu, buscando incessantemente manter intacto o mesmo sentimento construído durante toda uma vida desde a infância, afinal, amar também é um grande exercício e aprendizado diários.

Por hoje, é só...

***“Quando você não mais servir eles vão te esquecer.
Mas, aí: ganha quem sabe perder!”
(Charlie Brown Jr.)***



"O OLHAR É A MELHOR LEGENDA
SOBRE QUEM TU ES E QUAL
MOMENTO DE VIDA TU DESFRUTAS!"

- Fernando Guifer -

Para pensar na cama...

Até que a primeira crise os separe!

Quer ser feliz no amor? Mude. Ou morrerá sozinho(a)!

Sabe por que alguns casamentos duram 50 anos ou mais?

Certamente não é porque são compostos por almas-gêmeas, e sim, por serem compostos por almas distintas que resolveram engolir o próprio ego e entenderam que são diferentes e, portanto, precisam ser adaptavelmente tolerantes. Simples.

O mais belo não é ter apenas que lidar com as qualidades do parceiro; o mais belo é ter sabedoria para lidar com os defeitos, pois é isso que vai determinar a durabilidade (ou não) da relação.



Victor Moura/Reprodução

Fernando Guifer

O futuro afetivo não é uma matemática exata que possa ser medido, por exemplo, pelas páginas de uma revista “Capricho” ou pelas previsões de um (astrólogo) João Bidu da vida.

O universo que rege o amor e as relações de afeto é mais abrangente e possui muito mais nuances do que a mente humana pode imaginar.

Não tem essa de “meu número” ou “tampa da minha panela” ou o tal “encaixe perfeito”. Não há segredos para o amor se não o simples ato em amar.

O que existe é: pessoas mais tolerantes e pessoas menos tolerantes; pessoas mais turronas e pessoas mais flexíveis.

Se você (der sorte e) se relacionar com alguém tolerante, terá 50% do caminho andado. Aí, então, deverá cruzar os dedos para ser parte dessa completude, ou seja, torcer para que você seja os outros 50% de tolerância que falta para dar ‘match’ e seguir com sua relação de forma estável.

Todos podemos ser o par perfeito de alguém, desde que estejamos dispostos a mudar para então dividir momentos marcantes ao lado desse determinado alguém.

Do contrário, não seremos o par perfeito de ninguém e nem um bom par para qualquer alguém que seja.

Para pensar na cama...

O relacionamento começa a dar certo quando entendemos que nosso par é diferente de nós e achamos isso natural.

Mas, olha... não é na crise que isso será descoberto.

Vocês terão que passar pela crise para conseguir absorver, mastigar, entender, internalizar e então tirar a venda dos olhos. A crise na relação nos cega para as qualidades e nos desperta para os defeitos do parceiro, por isso nenhuma decisão deve ser tomada durante um transtorno de convivência.

E apesar das especulações sobre a tal dificuldade de convivência (namoro, noivado ou casamento), não há como dizer quando será o ápice do desentendimento, simplesmente por não ser possível prever qual será o estopim causador das primeiras “discussões de relação” (ou ‘DR’ para os mais íntimos).

Algumas pesquisas apontam que a primeira grande crise acontece geralmente quando o casal está há dois anos juntos, período em que o gostosinho já não é mais tão gostosinho, e que os defeitos, até então camuflados, começam a dar às caras e criar um círculo vicioso de irritabilidade na dupla.

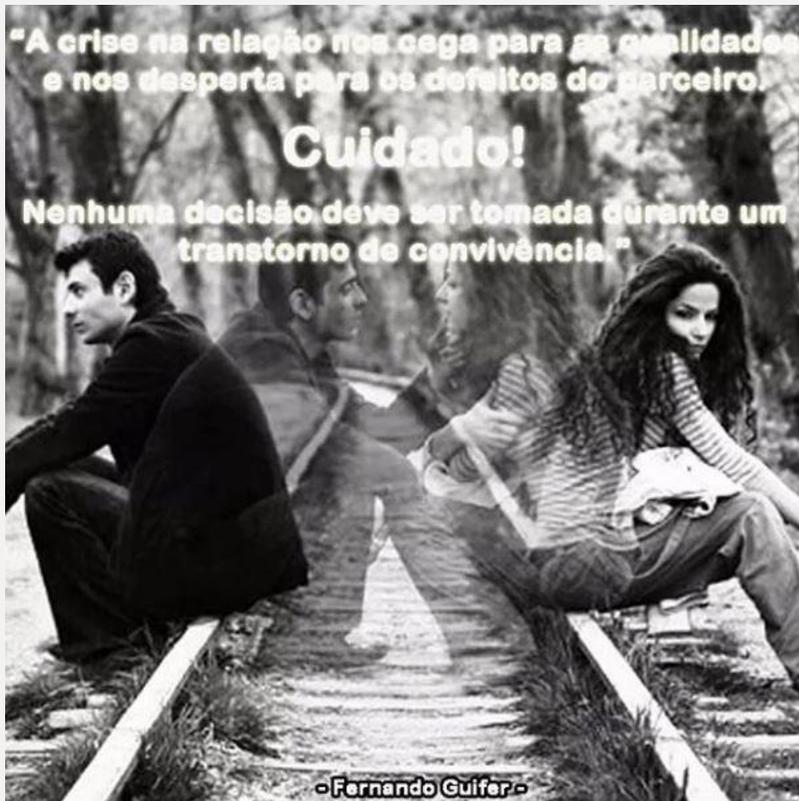
Sabe aquela história do *‘não adianta fazer tudo igual e esperar resultado diferente’*? Pois é. Se quiser manter uma relação até a tal morte dar um basta, tu vai ter que se mostrar outro, entendeu? Não existe atalho nesse sentido.

Por um lado: se você insistir nessa de “é meu jeito e não mudo por nada” e “me conheceu assim, agora aguenta” – certamente vai morrer em uma decadente carreira solo;

Por outro: se você resolver tomar juízo em prol de uma feliz vida a dois, envelhecerá em uma dupla de sucesso.

Novamente o destino deu voltas e jogou a escolha no teu colo.

É simples: quero ou não quero, aceito ou não aceito.



Para pensar na cama...

Casou? Esqueça a vida de solteiro. Não é prisão, é respeito. Não queira para o outro o que não deseja pra si. Não se trata de frouxidão, mas de empatia.

E ela, a empatia, será sempre a primeira grande prova de amor.

Quanto mais tempo juntos, maior o desgaste e, conseqüentemente, maior a probabilidade do fim.

Bem, pelo menos é isso o que dizem os “sábios” sobre o começo do fim dos relacionamentos amorosos, não é mesmo?

Contudo, apesar dessa pitada de lucidez no fundo do pote, não é (nem de longe) uma verdade que deva ser levada ao ferro e fogo ou muito menos um parágrafo que mereça ser encerrado com ponto final.

Insisto na tese de que as vivências – sejam lá quais forem elas – são pessoais e intransferíveis. Caímos naquele clichê de que “ninguém vive das experiências dos outros” e que cada um poderá definir o destino através de escolhas e atitudes e, portanto, desfrutar de um final diferente do que outros viveram – para o bem ou para o mal.

O tempo médio para uma relação formada por fios descascados dar início às faíscas/curtos-circuitos varia de casal para casal, e a maturidade (ou a falta dela) é quem vai ditar a união até que a morte ou até que a primeira crise os separe.

Somos um diamante bruto que, nos casos de relação afetiva, precisa ser lapidado por nós mesmos.

Primeiro: porque ninguém é capaz de nos mudar;

Segundo: porque ser feliz é uma alternativa que deve partir sempre do maior interessado (ou seja, nós mesmos).

Não existe quem seja capaz de fazer a gente mudar, mas a gente é profissionalmente habilitado em mudar por um alguém especial. Tudo é uma questão de esforço e tentativas.

Não é tarefa fácil dar um gás na personalidade ou nos hábitos já condicionados na vida de solteiro, mas quem disse que seria? Quem foi o insano que proferiu aos quatro ventos que a felicidade cai no colo?

Essa adaptabilidade é difícil e requer uma força de vontade absurda, assim como qualquer mudança brusca na vida. Costumo dizer que nós, humanos, somos muito resistentes às mudanças, entretanto, o lado bom é que nossa capacidade em adaptar-se ao novo também é incrível.

Para pensar na cama...



E quando essa mudança e inquietude têm como propósito ser feliz, elas tornam-se prioridades imediatas. É progresso, meu amigo.

Vá lá, reflita, mude, cresça, ame, e seja feliz!

Vamos conversar um pouco?



Imagem: Armandinho

Se puder, separe 15 minutos do seu dia e recolha-se a um canto em que seja possível meditar sobre o retrocesso em que vive a humanidade atualmente (nos mais diferentes âmbitos).

O que eu senti e sinto, e que provavelmente você sentirá, é mais do que um silêncio ensurdecedor. É algo realmente assustador, deprimente e, pasmem: enlouquecedor!

Para pensar na cama...

Poderíamos abordar muitos aspectos importantes e inacreditáveis de peripécias do bicho-homem – que nos levaria à máxima de que cada dia mais o “poste está mijando no cachorro”. Mas, não.

Vamos a uma discussão-barragem-reflexão por vez, pode ser?

Embora poucas pessoas realmente interajam nas redes sociais quando falamos de algo que necessite uma troca ou debate saudável sobre determinado tema relevante, proponho apenas uma rápida avaliação dessa imagem que publiquei.

Adoro tirinhas, adoro grafite e adoro charges. E essa - do Armandinho -, embora simples, chamou minha atenção pelo tema.

Meu questionamento é muito simples:

Por qual motivo estamos, em pleno 2016, discutindo sobre preconceitos, condições, escolhas, opções, pluralidade, diversidade, igualdade, gênero, número e grau?

Não deveria ser normal cada um fazer o que quer da própria vida e respeitar a opinião do semelhante, mesmo que contrária à sua?

Por que as pessoas se odeiam, se agredem ou se matam quando outro alguém faz algo que vai contra seus valores, mesmo quando não se tem nada a ver com a

vida da pessoa e não se coloca um mísero pão na mesa deste?

Seria realmente por puro intrometimento na vida alheia?

Resumindo a relação com a imagem:

Qual o problema em pessoas do mesmo gênero ficarem juntas por se amarem? Estão cometendo algum crime?

É somente isso que eu gostaria de saber, pois, ou sou radical demais em aceitar coisas que vejo serem óbvias (como a liberdade em se amar), ou o mundo está mesmo cercado de babacas, o que é perigosíssimo para o futuro de nossas gerações.

É errado pensar que o amor é um sentimento que independe do sexo?

Será mesmo que essa geração atual é excessivamente banhada em mimimi, ou na verdade é mais pensante e questionadora, e por isso não encara com sorrisos amarelados brincadeiras que sempre foram de mau gosto, porém, nunca consideradas como tal?

 PENSADOR

Fernando Guifer

Para pensar na cama...

Será que sua 'ideologia' (política) movida ao ódio não está se esquecendo de algo?



Imagem: Spon Holz

...do próprio Brasil, por exemplo!?

Embora não precisemos ser videntes para profetizar que a situação política no país deva tomar rumos maléficos em curtíssimo prazo, está cada dia mais assustador ver que, aparentemente, as pessoas se tornaram coniventes com o futuro obscuro que nos espera.

A “brincadeira” começou sim a passar de todos os limites, e quando tomarmos consciência do monstro que temos criado terá sido tarde demais para arrumar a casa (e quiçá, a vida).

Entenda: não estou falando da política em sua raiz, como no aspecto corruptivo da coisa, por exemplo. Até porque, isso já foi para o ralo há tempos.

Fernando Guifer

Refiro-me a maneira desrespeitosa com que as pessoas têm se tratado nos últimos meses, já que isso sim é o mais triste e escancara pra valer que o maior problema de toda nação é mesmo a educação, e ponto final.

Inclusive, alguém aí já conseguiu perceber que o Brasil entrou em colapso e que não será novidade alguma se logo logo vivenciarmos uma guerra civil pra valer?

Bom, não sei vocês, mas eu temo demais por toda essa intolerância que nós, “pessoas de bem”, temos propagado diariamente, e que só atinge a nós mesmos e alimenta uma fúria desmedidamente sádica, como se gostássemos de apanhar uns dos outros, mesmo sem nem entender o real motivo da briga.

Não importa se você é a favor ou contra impeachments; se milita por direita ou esquerda; se é a favor ou contra o PT/PSDB/PMDB/PSL e afins.

E o Brasil? Você tem se lembrado dele? Você tem se preocupado com o futuro do país na mesma proporção com que se preocupa o presente do Lula, FHC, Haddad, Cunha, Dilma, Aécio, Temer e Bolsonaro, por exemplo?

Será que sua ideologia movida ao ódio não está se esquecendo de algo maior e mais importante, que é o Brasil?

Passamos da fase em que defendemos ideias para a fase em que o ataque ganhou prioridade. E vejo que tudo

Para pensar na cama...

acaba soando muito estranho. Isso não tem nada de saudável em qualquer ocasião que envolva pessoas com um mínimo de civilidade, muito menos em uma fase como esta – em que deveríamos das às mãos ao invés de mostrar armas.

A coisa tornou-se tão insuportável que, se você tiver simpatia pelo PSDB, é automaticamente taxado de inimigo do PT; se você tiver simpatia do PT, é automaticamente taxado de inimigo do PSDB.

Epa!

Quer dizer então que não se pode ter opinião própria e pensar diferente do que os guerrilheiros de plantão pensam?

Oras... é muita audácia. É muito autoritarismo. É muito desrespeito com a opinião ou ideologia de qualquer outro cidadão que, assim como você, ditador metido a intelectual, paga impostos até para ter direito em respirar.

Como assim não posso andar de vermelho? Como assim não posso andar de azul? Como assim não posso usar a roupa que eu quiser em um país (pseudo)democrático, laico e em pleno 2016? Me poupe!

Hey, amigos! Não existe (ou pelo menos não deveria existir) batalha de cores.

Se você é um soldado dessa contenda de tonalidades, saiba que sua participação não está ajudando em nada o Brasil, pelo contrário.

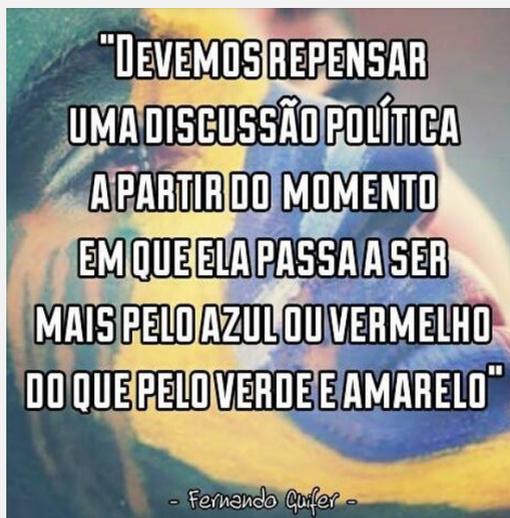
A grande realidade é que você está sim contribuindo para afundar seu país em uma desgraça que, mais cedo ou mais tarde, vai atingi-lo direta ou indiretamente.

Dia após dia torna-se mais absurdo e espantoso ver o retrocesso mental das pessoas que aqui habitam.

Talvez valha lembrar que isso não é futebol (apesar da semelhança no pão e circo) e está muito longe de ser um clássico como Grêmio vs Internacional.

Isso aqui é seu futuro, meu chapa. É sua comida na mesa, é a educação dos seus filhos, é a segurança da sua família, é o hospital da sua comunidade, é o emprego daquele igual desfavorecido que está no semáforo, enfim, é também a moradia do seu irmão que reside nas ruas por falta de opção.

Para pensar na cama...



Lembre-se: Você tem SIM o direito em estar no lado que achar mais conveniente e formar sua opinião a respeito de qualquer coisa. Desde que isso, claro, não passe por cima de seus valores pessoais “de bem”, afinal, seus pais não ficariam orgulhosos em saber que você tem contribuído por um país mais violento, intransigente e sem diálogo (ou ficariam?).

Você opinar ou propor uma discussão saudável é totalmente aceitável; você agredir fisicamente ou com palavras para impor sua “verdade”, não.

Apesar de clichê, sempre é válido ressaltar que nosso direito termina onde começa o do coleguinha. (ba-dum-tis!)

Tornou-se notório que essa “picuinha política” entre a população tem jogado pessoas de bem contra pessoas de bem.

Vocês perceberam que todos desejam a mesma coisa e continuam brigando sem ao menos darem trégua para se ouvirem?

Vocês perceberam que a briga passou a ser totalmente pelo azul ou vermelho e não mais pelo verde e amarelo?

Vocês perceberam que o Brasil chora enquanto o povo se mata defendendo pessoas que nem conhecem olho no olho?

Estamos todos no mesmo barco e queremos as mesmas coisas. Não é uma questão de plebe ou elite, coxinha ou petralha, e não deve ser questão de partido – pelo-amor-de-Deus!

Não levantem bandeira de partido, mas, sim, a do Brasil somente, pois o tempo está se esgotando juntamente com nossas condições básicas de sobrevivência.

Vamos dialogar, vamos tentar salvar o Brasil conscientemente e de uma forma que não gere ainda mais atrasos. Vamos contar até 10. Vamos tentar ouvir o outro e, quem sabe, reavaliar a própria posição/convicção.

Não adianta. O Brasil não será salvo no grito e nem na porrada, ainda mais se ele espancar a si próprio, se autoflagelar – que é o que temos feito.

Para pensar na cama...

Não somos o centro do mundo e jamais seremos. Por qual motivo as pessoas são obrigadas a pensar como penso? Sou melhor do que alguém? Mais bonito? Mais inteligente?

Não. Mil vezes, não.

Não sou e você também não é um ser absoluto de outro planeta que chegou para salvar a pátria e que, portanto, deve ser reverenciado e doutrinado.

E esse coro não deve ser apenas meu, mas de todos nós, pois trata-se do básico do básico.

Precisamos ser caretas e voltar ao ensinamento primitivo de nossos pais que é 'respeitar os outros', e reaprender palavras/frases mágicas, como 'por favor', 'obrigado', 'com licença', 'te amo' e 'desculpe'.

Chega de "meu bandido é melhor que seu bandido".

O Brasil pede uma trégua e precisamos atender ao seu apelo antes que seja tarde.

Por ele, por mim, por vocês e por nós.
Acordemos e oremos. Mais amor, por favor!

Respeite as mulheres, seu bosta!

Contexto: “Errada era ela”, diz suspeito de estupro coletivo no Rio; mulher foi abusada por cerca de 30 homens.

Fonte: <https://glo.bo/1UnRbcm> (G1 – 06.06.2016)



Imagem: Google Imagens

Enquanto acharmos que o estupro é um problema somente das mulheres, os crimes vão continuar de maneira desenfreada e, nós, homens de bem, nos tornaremos cúmplices de cada atentado contra a alma feminina.

Para pensar na cama...

É muito difícil escrever sobre um tema que não domino, mas, como bom teimoso que sou, resolvi dissertar algumas linhas sobre este assunto sem nenhuma preocupação técnica, mas com intuito único em levar uma reflexão mínima aos cabras de boa índole (ou não).

Vejo que não há como se calar diante da recente crueldade que vivenciamos no Rio de Janeiro/RJ, em que uma mulher foi violentada por 30 “homens” numa ação que conhecemos por ‘estupro coletivo’.

Embora o Brasil tenha se tornado “terra de ninguém”, algumas palhaçadas precisam ser contidas “pra ontem”, principalmente quando falamos da honra de uma pessoa ou de toda nação como um todo.

A cada estupro contabilizado, é como se uma ferida fosse aberta na essência da nossa bandeira e, principalmente, no coração dos homens de verdade, aqueles que sabem realmente como uma mulher deve ser tratada.

E nós, os tais homens de verdade, temos a obrigação (sim, eu disse obrigação!) em nos posicionarmos favoráveis às mulheres, abraçando essa guerra lado a lado, como se também fôssemos mulheres, já que só conseguimos ter a dimensão de algo quando nos colocamos nos sapatos de alguém, não é mesmo? Definitivamente, a única coisa com poder de salvar o mundo é mesmo a empatia.

Obviamente que, mesmo querendo se colocar no lugar de uma pessoa que passa pelo constrangimento ou pela agressão propriamente dita, jamais saberemos o que viver uma situação de violência sexual.

No entanto, nós, Homens (com o tal 'H' maiúsculo), devemos ir contra qualquer prática que deprecie a intimidade da mulher; nós, Homens (com o tal 'H' maiúsculo), devemos proteger nossas mulheres de alguma forma com as armas que temos, seja no aspecto jurídico, seja com nossa arte, seja indo às ruas, seja brigando por leis mais eficazes ou, quem sabe, denunciando situações suspeitas – mesmo que o meliante seja alguém próximo.

E quando digo “nossas”, não me refiro somente às mulheres do nosso hall de convivência, mas todas no geral.

Apesar de ser quase impossível não pensar que o estupro poderia acontecer em nossa fuça ou acabar com a vida de alguém que amamos, não é preciso ter mãe, esposa, avó, tia, irmã, prima, cunhada ou filha, para entender que este é o mais cruel de todos os crimes.

Para isso, basta você ter um coração e amar o próximo como a si mesmo, já que, apesar de uma frase bem piegas, quando prezamos por levar essa escritura a ferro e fogo, cuidamos naturalmente uns dos outros.

Para pensar na cama...

A única coisa que todos temos de forma pessoal e intransferível, independentemente de classe social, é a honra, e isso não é – em hipótese alguma – negociável.

A honra de uma pessoa jamais deve ser violentada por ser coirmã dos nossos valores e princípios, aqueles que nos guiam diariamente na busca por sonhos e ideais.

Quando se comete um crime à honra de um ser humano, você também esfaqueia objetivos, privacidade, planos, vigor, dignidade e autoestima, além de integridade física e psicológica.

Sim, porque, grande parte das mulheres que são violentadas continuam vivas e acaba sendo obrigadas em seguir toda trajetória com feridas que jamais serão cicatrizadas.

Mulheres que sempre foram saudáveis, depois que passam por uma situação dessas têm a vida destruída e acabam desenvolvendo problemas seríssimos de saúde, como depressão, ansiedade, hipertensão e síndrome do pânico.



Fernando Guifer

20 min • São Paulo • 🌐

Enquanto acharmos que a violência sexual e doméstica são problemas somente das mulheres, os crimes vão continuar de maneira desenfreada e, nós, homens de bem, nos tornaremos cúmplices de cada atentado contra a alma feminina.

Fernando Guifer

Homens: não podemos enxergar esse tipo de violência como um atentado somente à mulher, e sim, encarar como nossa obrigação de cidadão lutar com todas as forças para erradicar ao máximo essas selvagerias, vendo que não há como contar com leis que efetivamente protegem o sexo feminino dos babacas do sexo masculino.

Enquanto os políticos se digladiam, dane-se a sociedade e a fragilidade (fí-si-ca) das mulheres.

Enquanto o Ministério Público protege bandidos no Congresso e enquanto a Polícia se preocupa em dar borrachada em estudantes, bandidos continuam soltos, violentando nossas mulheres e cometendo atrocidades na barba da sociedade que, pelo o que vejo, leva cada dia mais esse tipo de atrocidade “na esportiva”.

A mulher, meu caro, não é “bicho” como a maioria dos homens são. Ela dar “oi” pra você não significa que ela queria transar contigo.

E o fato de você estar vontade de transar naquele momento não significa que a mulher também esteja (e se ela não estiver, amoleça e guarde esse pinto, seu idiota!).

Aos que não têm a menor capacidade de transar com uma mulher na base do carinho, vou contar um “segredo” pra você virar gente, ok? Basta seguir os dois passos abaixo:

Para pensar na cama...

- Primeiramente: respeitar a mulher e tratá-la como uma rainha;
- Secundamente: primeiramente.

Ficou claro?

Mulher deve ser respeitada, e ponto. Não importa a roupa que ela usa, os lugares que costuma frequentar, a música que ouve ou a dança que a encanta. Dependendo do quão respeitoso você for, ela quem vai decidir se é pro seu bico – e não você!

E se não for para o seu bico, entenda o recado, vaza e não olhe pra trás. Deixe-a em paz!

Toda mulher deve ser reverenciada, admirada e respeitada com a maior das intensidades e a melhor das intenções. E qualquer situação que tenha sentimento ou propósito que se oponha a essa máxima deve ser tratado com descrédito, desconfiança e ser cortado na raiz (por bem ou por mal).

Ah, e outra coisa... se você é daqueles idiotas que acham que a mulher não pode reclamar de violência sexual apenas por utilizar roupas curtas, saiba que você também é um problemão à sociedade e precisa se tratar para ontem, pois os traços que carrega também são de psicopatia, e certamente tu deve ser daqueles “punhetistas” que ficam atrás das “gostosas” no vagão do metrô, não é mesmo?

Olha, sou contra estes “feminismos da moda” que temos visto até com certa frequência. Entretanto, sou a favor das mulheres que lutam por direitos iguais e leis que as protejam.

E se você não gosta das feministas, tudo bem, é um direito seu. Mas então mexa essa bunda da cadeira e levante uma bandeira que defenda nossas meninas de alguma forma.

O feminismo existe porque existem homens babacas e criminosos, e porque existe uma sociedade que os aplaude com as mesmas mãos que apontam o dedo para uma estuprada e diz que a culpa foi dela (por estar com roupa curta).

Enquanto houver uma sociedade corrupta, retrógrada, que pensa no próprio umbigo e trata as mulheres como inferioridade, deve haver feminismo.

Para pensar na cama...

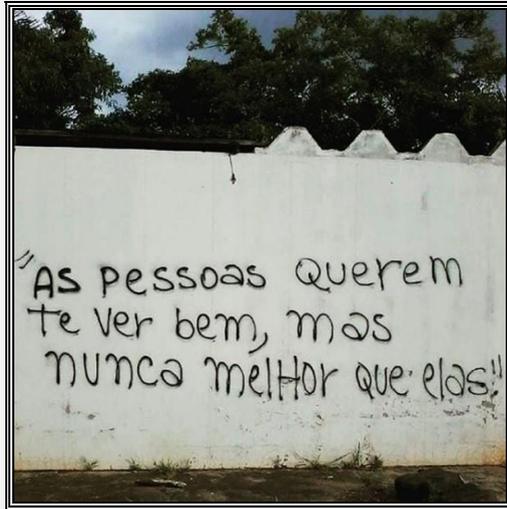


Imagem e texto: autores desconhecidos

Mas, por quê?

Querer efetivamente que o próximo alcance o sucesso e o ápice de sua felicidade é um ato de grandeza, sabedoria e generosidade.

Mas isso, meu caro, é privilégio de pouquíssimos.

Em sua maioria, a humanidade ainda pensa no próprio umbigo e entende que a vitória de alguém próximo significa sua derrota, ou que o fato de alguém subir acarreta em sua decadência.

**Por que disso?
Puff... sei lá. Mas é palpável, não é?**

Fernando Guifer

O que um simples Kinder Ovo pode revelar sobre a nossa educação?



Imagem: divulgação/Ferrero

Fui com minha filha de quatro aninhos e meio comprar um Kinder Ovo e, chegando ao Supermercado, ela viu que na prateleira tinha duas opções para levar: o da caixinha azul e o da caixinha rosa.

Deixei ela escolher, então, obviamente, ela, como menina, pegou seu chocolate preferido da caixinhaaaa... azul! (ooooohhhh!)

Mesmo não dizendo absolutamente nada, as pessoas que lá estavam imediatamente me olharam com ar de

Para pensar na cama...

“Nooossa, você vai deixá-la levar o azul ao invés do rosa?”.

Sorri orgulhoso e disse que, não raras vezes, ela despreza as bonecas para brincar de carrinho, e que isso é normal pra nós (minha esposa e eu).

Teve quem aparentou admiração – como se isso fosse digno de admiração -, e teve quem deu um risinho amarelado do tipo: “Olha o naipe da criação que ele dá à menina. Depois vira lésbica e não sabe a razão!”.

Sim, já que, em algumas ocasiões, o semblante, o olhar e a expressão corporal dizem muito mais do que a própria boca. Ninguém ali precisou falar para dizer.

E não é conclusão precipitada de minha parte deduzir o óbvio do que pensaram.

Há uma tentativa frustrada em camuflar preconceitos e visões reacionárias apenas fechando a boca. Mas, na maioria das vezes, é algo totalmente em vão por sempre existir um “pescador de ar” no ambiente (que nesse caso era eu). Enfim...

Não, gente. Minha filha não vai virar lésbica.

Até porque não é algo que se vira, e sim, se nasce.

Não é opção, é condição.

E, se porventura minha filha for gay, ela já é, e ponto.

Claro que só descobrirá isso no momento certo, uma vez que ainda tem muita infância para viver. Porém, reafirmo que não será o azul ou rosa, o carrinho ou a boneca ou o

futebol ou o vôlei que definirão os rumos de sua sexualidade.

Aliás, não sou eu ou a mãe dela quem determinaremos isso. É a natureza que dá esse veredito assim que o espermatozoide fecunda o óvulo.

Nosso foco é proporcionar uma criação honesta, banhada ao amor, à empatia, ao altruísmo e ao respeito. Se tudo isso for internalizado pela Laís na fase adulta, nossa missão enquanto pais estará mais do que cumprida.

Eu não escolhi ser hetero, apenas nasci assim. E não sou nem melhor e nem pior do que um homossexual por causa disso.

E é exatamente esse discurso que a Laís vai crescer ouvindo para, lá na frente, não se tornar um outdoor-ambulante-e-imbecil-propagador-de-ódio.

Ela ainda é uma criança e se interessa por qualquer coisa de criança que lhe chame atenção, independentemente do que seja. Está descobrindo o mundo, as formas, os números, as letras... as cores trabalham seu estímulo visual e seu desenvolvimento intelectual e cognitivo.

Ela nem sabe o que é “cor de menino” e “cor de menina”. Ela sabe apenas que aquele chocolate é gostoso e zéfini. Não sou eu quem vai proibi-la de escolher um saboroso

Para pensar na cama...

doce pelo simples motivo de que as pessoas acham que aquilo não foi feito pra ela devido à cor da embalagem.

Foi sim. É claro que foi. Foi muito!

É que a cabeça dos marketeiros também está em 1819 – embora insistam em pagar de cool-descolados-fora-da-caixinha.

O preconceito está na cabeça dos adultos que criam separatismos desde a idade da pedra para determinar o que você deve (ou não) consumir de acordo com o que eles acham (ou não) certo, e assim pré-julgar o caráter, a dignidade e a personalidade das pessoas, baseados apenas numa escolha que se faz enquanto consumidor.

Quem inventou que azul é de menino e rosa é de menina? Isso é coisa do “homo-sapiens”, claro. Sempre ele.

Se fomentarmos na criação da nossa filha que isso é de homem e aquilo é de mulher, que isso é de menino e aquilo é de menina, etc., sempre que ela se deparar com algo contrário ao que lhe foi ensinado, vai achar que aquilo é o diferente. E, infelizmente, a tendência é criminalizar o diferente quando os limites da ignorância não lhe foram apresentados quando criança.

Por isso, algo que pode nos parecer simples e sem importância (como esse assunto, por exemplo), tem sim poder para fazer a diferença no futuro para nossas gerações e, conseqüentemente, para o mundo.

É semear o respeito à diversidade e às minorias desde a infância, para colher amor e paz na velhice.



Fernando Guifer

4 h • 🌐

Lembre-se:

Quando a mudança tem como propósito **SER FELIZ**, ela torna-se **PRIORIDADE** imediata!

– Menino usa azul e menina usa rosa, senão é viado ou sapatão, e blá blá blá blá...

Ah... que coisa mais retrógrada, preconceituosa e sem cérebro, né, gente? Tenho preguiça de “humanos” que ainda pensam assim em pleno 2018.

Inclusive, sou da opinião de que a humanidade deveria ser resetada. Mas, enfim, isso é assunto pra outro momento...

Então, respondendo à pergunta do título desse texto: “O que um simples Kinder Ovo pode revelar sobre a nossa educação?”

A resposta é: nada!

Isso mesmo.

Porque não é o chocolate (utilizado como exemplo) que ditará alguma coisa sobre a nossa educação, mas sim, a

Para pensar na cama...

forma como conduzimos a educação dos nossos filhos quando eles entram nessa etapa de escolhas e hábitos de consumo, por exemplo.

Afinal, esse estágio inicial da vida humana é o grande e único momento que os pais têm para mitar na educação e entregar ao planeta um adulto desprovido de hostilidade.

Do contrário, encarando com normalidade o que não é normal, passa-se a endossar preconceitos de forma inconsciente e, quando perceber, já foi. O monstro já estará nas ruas – e então jamais se saberá “onde foi que se errou” lá atrás.

Fiquei orgulhoso em ver que minha Laís se sente à vontade para brincar com qualquer coisa que seja realmente de brincar e adequado à idade dela – independentemente de cor -, sendo criança e aproveitando a melhor fase da vida sem as preocupações bestas que pessoas grandes têm.

Todos os dias acordo com mais certeza de que ser responsável por educar um ser humano é, sem dúvidas, o maior desafio do próprio ser humano.

E quando percebo que estou educando minha filha sem dizer que isso é de menino e aquilo é de menina (e enxergo ela assimilando essa liberdade), meu coração se enche de alegria.

Isso traz uma paz enorme e satisfatória sensação de que minha missão está nos trilhos.

Não existe brinquedo de menino, não existe brinquedo de menina; não existe cor de menino, não existe cor de menina.

Não é!
Nada é!

Ela vai brincar com o que quiser e respeitar os amiguinhos que também optarem por brincar com aquilo o que quiserem também.

Brinquedos e cores não têm gênero. São os adultos que precisam aprender com a pureza das crianças.

Para pensar na cama...

Pitaco sobre o aborto: talvez todos tenham, mas nem todos deveriam dar!



Imagem: PixaBay

Embora um direito de todos, opinião sobre determinado tema deveria ter como requisito mínimo para ser emitida aquilo que conhecemos por vergonha na cara e bom senso.

Até porque, ver “homem” que abandonou o filho à própria sorte expor opinião contrária ao aborto, alegando que pensa na vida humana, na família tradicional ou em Deus, é, no mínimo, com o perdão da palavra: de cair o cu da bunda.

Fernando Guifer

Se fosse pelos motivos apresentados, ele teria honrado esse presente Divino desde o primeiro dia de gestação, e não abortado de forma criminosa e covarde seu amor, convivência e criação a uma criança indefesa.

Sabe por que o cabra é contra?

Por que não sabe o tamanho da responsabilidade que é ter filho em todos os aspectos. Por que não sabe o que é gerar um ser humano e se doar integralmente por ele. Por que acha que pode desovar a criança como lixo e esquecer que ela existe.

Entendeu?

Por isso ele quer que nasça.

Para ele, filho vem ao mundo, cresce, se sustenta, se educa, se alimenta, se veste, vai ao médico, se torna adolescente, entra na escola, se forma, vira adulto, compra remédio, brinca no quintal e, por fim, morre... so-zi-nho... Isso mesmo. Tudo so-zi-nho. Sem a necessidade de um pai como apoio em todas essas importantes e indispensáveis transições de vida.

– Ah, mas ele se for favorável ao aborto, então tudo bem opinar?

Óbvio que não!

Aliás, homem que tem filho e não é pai deveria sentir-se envergonhado em opinar sobre o aborto, independentemente de seu posicionamento, uma vez que

Para pensar na cama...

não tem qualquer moral pra isso. Homem que tem filho e não é pai deveria sentir-se envergonhado emitir qualquer comentário que seja acerca do tema paternidade/relacionamento pais e filhos.

É muito óbvio que um cara, praticante do abandono parental, seja favorável ao aborto. Afinal, ele já deixou explícito que filho na visão dele ele é estorvo, é atraso de vida. Ele já sabe como é, pois já teve e nos comprovou essa tese rejeitando covardemente.

Resumo da ópera aos homens...
Antes de opinar sobre o aborto, siga os passos abaixo:

- 1 – Tem filho? Não > Ok, pode opinar;
- 2 – Tem filho? Sim > é bom pai > sim > ok, pode opinar;
- 3 – Tem filho? Sim > é bom pai > não > volte uma casa e recolha-se à sua insignificância sobre o assunto.

Discuta primeiro o abandono parental e, quando melhorar-se enquanto ser humano, ganhará totalmente grátis o direito em opinar sobre o aborto.

Por hora, cale-se!

Ainda sobre o aborto: escolhas...

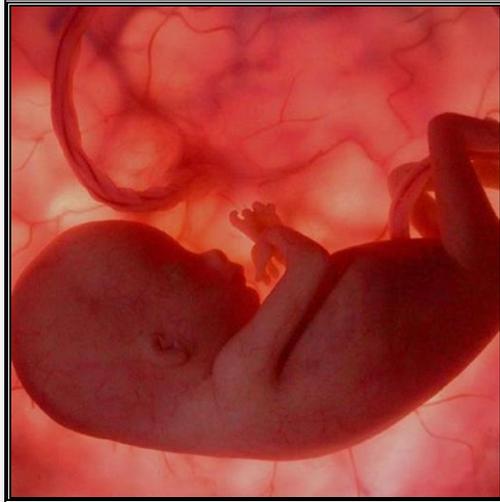


Imagem: Google Imagens

Confesso não ter (até a publicação deste livro, em abril/2019) uma opinião formada a respeito do aborto, mas vejo pessoas que são favoráveis utilizando um argumento que me intriga:

– Não aborto, mas também não sou contra quem aborta e apenas respeito a decisão. Afinal, cada um sabe de seus motivos particulares e o que faz com o próprio corpo. Quem sou eu para julgar as escolhas de alguém?

Ok!

Para pensar na cama...

No entanto, pessoas que se posicionam contra o aborto, dizem não aprovar essa prática por achar que se trata de um homicídio a alguém inocente, ou seja, transcende essa coisa do “meu corpo, minhas regras” ou dos motivos que uma pessoa pudesse ter para justificar essa prática.

Baseado nisso, você, que é favorável ao aborto, seria também favorável ao homicídio de alguém, caso o assassino diga quem tem lá seus motivos particulares e que ninguém deve se meter em suas escolhas?

Apenas por não ter nada a ver com a vida desse assassino, você respeitaria a decisão dele em matar alguém inocente?

Difícilmente percebemos o que acontece ao nosso redor por dois motivos: * Primeiro, por não termos o hábito em avaliar nossos erros e atitudes; * Segundo, por ser muito mais fácil cuidar da vida dos outros.

 PENSADOR

Fernando Guifer

Para pensar na cama...

Pela própria sobrevivência, entramos no modo 'Stand by' ao lidar com uma situação de intenso sofrimento



Imagem: Fernando Guifer/arquivo pessoal

É muito comum nos depararmos, quase que diariamente, com algumas pessoas sendo submetidas a um estado de intenso sofrimento, seja físico ou emocional, e que, analisando pelo vidro, olhamos, nos intrometemos e pensamos:

– Meu Deus, como essa pessoa tem aguentado isso tudo? Eu, definitivamente, não sobreviveria!

Ou até mesmo, depois de passar por uma situação de angústia extrema, olhar para o passado e pensar:

– Caramba. Como fui capaz de sair vitorioso diante de tamanha adversidade?

Bom, existe um fenômeno que acomete essa máquina chamada corpo humano cuja principal tarefa é nos blindar dos reais perigos de um problema grave que enfrentamos exatamente durante o período de batalha.

É uma espécie de “defesa” que se forma em nosso íntimo sem que tenhamos ciência, e que transborda uma perfeição tão grande que, mesmo após a tempestade, não permite sobrar qualquer vestígio de ferida futura.

E essa, digamos, “cegueira”, é o que nos mantém vivos, com fé, esperança e forças para continuar seguindo em direção ao primeiro lugar do pódio.

Até porque, se estivéssemos em estado de sã consciência e, portanto, real entendimento sobre a situação de periculosidade daquele instante, não hesitaríamos em dar um tiro na própria cabeça, já que, uma alma sem esperanças e motivos para sorrir, é sim capaz de atentar contra a própria existência sem pestanejar.

A visão de fora será sempre mais completa e privilegiada por ser a que tem acesso 360° de qualquer situação que não envolva a si própria.

Talvez até por isso exista um interesse tão grande de nossa parte em cuidar mais da vida dos outros, já que é

Para pensar na cama...

nítida a sensação de que o remédio para as soluções do vizinho geralmente está em nossa farmácia e não na dele.

E como isso acontece sem a menor parcimônia, perdemos a mão, nos intrometemos acima da média e nosso umbigo fica desprotegido para o vizinho fazer o mesmo.

Uma linha tênue que, na maioria das vezes, passa dos limites e transborda contendas. Mas isso é assunto para outro dia...

Bom, falei sobre isso tudo apenas para dividir com vocês que hoje fazem quatro anos que iniciei um dos piores períodos da minha vida, e que, por não ter noção exata dos riscos daquele 05.01.2014 e dos próximos 80 dias que viriam a partir dele, estou são e salvo para compartilhar minha história – agora com a felicidade de um vencedor.

Certamente se eu soubesse o tamanho do contratempo que enfrentava, não teria sobrevivido para chegar a este 2018.

Explico: naquela ocasião, minha mulher estava na UTI já há alguns dias, tendo, inclusive, passado o Réveillon lutando contra uma embolia pulmonar que, por bem pouco, não a levou à morte.

No ventre dela estava nossa filha, Laís, com apenas 29 semanas de gestação (ou seis meses), quando, às 11H50 da manhã daquele fatídico domingo, os médicos

decidiram por realizar o parto prematuro na tentativa de salvar as duas.

Sim, eu disse tentar – uma vez que não prometeram sucesso. A única certeza sabida por mim na ocasião era: uma ou as duas retornaria(m) da mesa cirúrgica para seguir uma trajetória feliz ao meu lado. E a possibilidade do ‘nenhuma’ também era plausível e não descartada.

Com a graça de Deus, tudo deu certo. Minha filha nasceu e minha esposa sobreviveu.

Apesar disso, iniciamos ali uma saga que durou mais 80 dias com a internação da pequena na UTI Neonatal, esta que sofreu com diversas intercorrências que só não a levaram ao óbito por, de acordo com minha crença, Deus ter um plano muito grandioso na vida dela.

Então, mais do que vir aqui dizer que hoje o início do nosso sofrimento completa quatros, venho aqui para homenagear o bem mais precioso que essa vida me proporcionou, que é minha filha, pois hoje, 05.01.2018, é seu aniversário de quatro aninhos. Uma data que sempre a enxergaremos com o copo mais cheio do que meio vazio, buscando compreender, inclusive, os motivos que nos levaram a passar por tudo aquilo e amadurecer com a experiência – já que nada acontece por acaso.

Sabe... até trazendo para o tema inicial do texto, quando olho para trás, me pergunto como transitei ileso pelos 80 dias mais devastadores da minha existência naquele ano de 2014.

Para pensar na cama...

Na verdade, confesso que não tenho tantas memórias daquele período, pois até nisso Deus foi perfeito, entendeu? Passou uma borracha nesse capítulo da nossa biografia para que sempre pensemos em tudo com amor e não tristeza.

Ainda busco respostas para compreender minha mansidão, minha calma e minha certeza de vitória naquela fase tão cruel e ao mesmo tempo de tanto aprendizado.

Indiscutivelmente, eu não tinha a menor noção do que estava acontecendo e minha mente entrou em um estado tão crítico de stand-by, que não me permitiu ter o exato discernimento de que eu poderia estar viúvo e sem minha filha para cantar os parabéns logo mais.

Mas eu venci, minha esposa venceu, minha filha venceu e minha família venceu.

Assim como muitas pessoas e famílias também venceram, estão vencendo neste exato momento e ainda vencerão nos próximos dias.

Laís, meu amor, parabéns pelo aniversário e principalmente pelo exemplo de superação. Papai te ama e viveria tudo novamente se fosse preciso. Estou chegando para enchê-la de afaguinhos e mimos!

Ps: foto de 2014, na UTI, fazendo canguru para tentar salvar minha filha.

Para pensar na cama...

Suicídio não tem qualquer relação com covardia ou egoísmo!

Contexto: legista diz que vocalista do Linkin Park morreu por enforcamento.

Fonte: <https://bit.ly/2W8fBis> (Exame – 21.07.2017)



Imagem: divulgação/Linkin Park

[Enquanto não levamos a depressão a sério e continuarmos enxergando-a como mera frescura e não doença, as pessoas que amamos continuarão tirando a própria vida “sem que saibamos o que motivou uma atitude tão radical”]

Assim que um dos integrantes do Linkin Park confirmou oficialmente a morte de seu vocalista, Chester Bennington, por suicídio, as mídias sociais foram prontamente inundadas pelos famosos “especialistas em

tudo” que insistem em dar às caras sempre que algo dessa magnitude acontece e deixa parte do mundo perplexo.

– Ah, para mim suicídio é coisa de covarde. Só egoístas tiram a própria vida, pois não pensam nos filhos e nas famílias, estas que, aliás, geralmente dependem deles para tudo! – disse um dos “donos da verdade” que surgiu em meu feed.

Confesso que, ao ler uma bobagem como essa, compreendo com mais facilidade o motivo pelo qual a raça humana vivencia – há séculos – uma crise existencial vitalícia, e, mais do que isso, me assusto com a possibilidade em pensamentos assim, retrógrados e incompreensíveis, obterem mais poder de influência do que deveriam, e assim sendo, outras pessoas também avaliarem tragédias como a de Chester nessa mesma linha extremamente banhada à falta de respeito para com a dor de um semelhante.

Antes de qualquer coisa, precisamos entender que não há covardia maior do que julgar a realidade de uma pessoa que sofre a mais degradante entre todas as enfermidades emocionais, que é a depressão, sem nem sequer lhe oferecer um abraço confortante ou dispensar alguns minutos de conversa que possam, quem sabe, mudar seu dia para melhor e contribuir – mesmo que timidamente – para que desfrute mais um dia no calendário de sua trajetória composta por mais lutas do que glórias.

Para pensar na cama...

Será que alguma coisa é realmente mais importante para um ser vivo do que a própria vida?

Será que alguma coisa é realmente mais importante para um ser vivo do que as pessoas que ele ama incondicionalmente?

Não, meu amigo. Nada é.

Portanto, agir como Kurt Cobain (Nirvana), Chris Cornell (Soundgarden/Audioslave), Champignon (Charlie Brown Jr.), e agora, Chester Bennington (Linkin Park), não é sinal de covardia, egoísmo ou, tampouco, uma solução proposital que encontraram para fugir de seus problemas.

É simplesmente um ato de condição impulsiva decorrente da depressão, e que jamais deverá ser julgado ou tratado como a última opção consciente para se conquistar paz física e/ou espiritual.

Nenhuma dessas pessoas que citei acima se matou com simples objetivo em deixar os filhos órfãos passando fome, sem amor paterno e jogados à própria sorte nesse mundão de meu Deus, acredite.

Aliás, nem eles e nem qualquer pessoa “comum/anônima” que já fez (ou fizer) o mesmo.

Proponho, inclusive, um desafio a você que me acompanha neste texto, pode ser?

Escolha, por favor, uma das alternativas abaixo:

Fernando Guifer

- 1- Pegar uma arma carregada, apontar para a cabeça e apertar o gatilho;
- 2- Segurar uma faca contra o peito e pressioná-la até que somente seu cabo fique à mostra;
- 3- Colocar um punhado de veneno para ratos em uma das mãos e jogar na goela com tudo;
- 4- Amarrar uma corda em um teto qualquer, dar um nó, envolvê-la no próprio pescoço, subir em uma cadeira e se jogar.

Você consegue cumprir qualquer um dos quatro desafios acima propostos?

[Pausa para que você pense...]

E sabe por que você não é capaz de executar nenhuma dessas incitações?

Porque você está vivendo agora o que conhecemos por estado de “sã consciência”.

Exatamente o raciocínio lógico que falta a um suicida no momento em que ele decide pôr fim aos próprios dias.

Chegar nesse “limite do limite” é o ato mais corajoso da mente humana, justamente porque se ela estiver em pleno funcionamento e saudável, ninguém se torna capaz de tal feito.

Para pensar na cama...

No caso de Bennington, por exemplo, a frieza do tempo em que levou para preparar um objeto para que este o matasse por enforcamento é algo que transcende qualquer estado mínimo de lucidez, e, dependendo do estágio em que se vivencia a maldita depressão, ela é sim capaz de fazer sua vítima perder completamente o raciocínio lógico por longos e eternos minutos.

Ou seja, por uma fração de tempo, não é a pessoa em si que está lá preparando seu funeral. Na verdade, é até impossível saber no que se transforma o suicida nos instantes que antecedem sua morte e/ou quem de fato está ali em seu íntimo decidindo por algo tão terrível.

Em vista disso, é muito fácil julgar uma pessoa que se matou chamando-a de covarde, quando suas faculdades mentais correspondem exatamente aos estímulos racionais comuns à nossa espécie, como o medo, que é a grande defesa do instinto para nos manter distantes de qualquer perigo que coloque nossa estadia por aqui em risco iminente.

Quanto mais desdém e falta de compreensão com suicidas, menos a depressão será tratada de acordo com a gravidade que merece e, conseqüentemente, menos ajuda os portadores dessa terrível doença terão da sociedade ou das pessoas que lhe cercam.

Aquilo que começa com chorinho involuntário trancado no quarto ou uma tristeza sem aparente motivo, é sim uma luz amarela piscando 'danger' para o futuro de qualquer pessoa em médio/longo prazo.

Talvez sejamos imprudentes por não falar com mais afinco e regularidade sobre esse assunto no dia a dia, e isso é sim um grande equívoco que cometemos por ser um problema de todos em qualquer época, independentemente das características sociais da vítima.

Mas, infelizmente, é natural que alguns assuntos ganhem maior notoriedade somente quando alguém com grande alcance midiático passa pela situação, como foi o caso, agora, de Chester.

Apesar disso, a depressão não escolhe classe social para habitar um coração desprotegido, então, pouco importa se é rico e famoso ou pobre e desconhecido.

Para se ter uma ideia, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), estima-se que a cada 40 segundos alguém dê fim a própria vida em todo o mundo.

Então, se você não ficar assustado ou não busca modificar uma vírgula seu raciocínio de “suicida é covarde e egoísta” ao saber que, enquanto lê este texto, uma ou mais pessoas morreram pelas próprias mãos, é possível que sua pessoinha precise de tratamento sério e intenso “pra ontem” – além, é claro, daquela pitadinha de amor para compartilhar com o planeta.

Olhe ao redor e observe melhor as pessoas que precisam de ajuda. Não negue, não julgue, não diga que é frescura. Apenas ajude. Apenas ouça. Apenas compreenda.

Para pensar na cama...

E, se for o caso, aceite também o apoio de um braço que vier a se estender em sua direção, por você e por aqueles que lhe amam.

Prevenção ao suicídio | Centro de Valorização da Vida

Disque: 141 (Brasil)

Ou acesse: www.cvv.org.br

Fernando Guifer

Uma (só) vida!

Contexto: acidente com avião da Chapecoense mata 71 pessoas; seis sobrevivem

Fonte: <https://bit.ly/2CDlptd> (Gazeta do Povo – 29.11.2016)



Imagem: reprodução/Facebook

Jovens, saudáveis e atletas com uma vida inteira para desfrutar ao lado das pessoas que amavam, estiveram há 48 horas jogando contra o Palmeiras pela final do Campeonato Brasileiro, em um confronto visto por milhões de pessoas espalhadas pelos quatro cantos do Brasil – e do mundo.

Hoje, porém, estão mortos!

Para pensar na cama...

Vítimas de uma tragédia que nos causa dores impossíveis de dimensionar, mas que nos leva de forma consciente a uma reflexão mais apurada dessa coisa abstrata e fugaz chamada vida.

Sim, pois, quando nos vemos diante de situações como essa, em que dormimos tranquilos pela certeza de que nosso ente querido está bem e acordamos com a notícia de que o perdemos sem qualquer explicação plausível, é o momento de meditar em torno do que se tem feito agora para valorizar e aproveitar verdadeiramente a vida e as pessoas que amamos, sem deixar o abraço ou o insubstituível “eu te amo” para um amanhã que de repente nem virá.

Será que tenho agradecido por cada dia de vida?

Existe uma valorização sobre o alimento que recheia minha mesa do jantar?

Estou trabalhando demais ao invés de brincar com meu filho?

O dinheiro tem se tornado mais prioritário que minha saúde?

Quando telefonei a última vez para aquela pessoa especial para dizer o quão importante ela é para mim?

Antes do lado atleta, cada um ali era o ídolo particular de suas famílias, de seus filhos, de suas esposas, de seus

pais, de seus irmãos, de seus amigos e de suas comunidades.

E tenho certeza de que poucas horas antes do acidente, ainda no aeroporto ou hotel, ligaram para casa e conversaram com seus filhos pedindo que estivessem em orações e na torcida por uma viagem tranquila e um jogo fascinante.

Afinal, os papais ficariam mais alguns dias longe de casa por uma razão abençoada: buscar, de um jeito tipicamente brasileiro, o sustento de cada dia através de um título que faria seus pequenos ter ainda mais orgulho da trajetória particular (e de luta) de cada um deles.

Hoje, porém, o dia amanheceu e confirmou-se que todos esses pais não voltarão mais para suas casas.

Filhos nunca mais terão a oportunidade em dar aquele abraço apertado sempre que seu herói chegar do trabalho, pois... eles simplesmente não vão chegar... nunca mais.

Pais perderam seus filhos; crianças ficaram sem pais. E novamente o destino mostrou que não temos controle sobre absolutamente nada.

Uma viagem que existiu para nos representar...

Estava lindo ver toda delegação radiante com o tamanho de um feito conquistado com bravura na última semana, que era em ser finalista da Copa Sul-Americana e, com

Para pensar na cama...

isso, ter a real possibilidade em entrar para o hall dos grandes campeões do continente.

Foi assim que muitos pais de família embarcaram para a Colômbia nessa noite do dia 28.11.2016.

Sem qualquer receio de que a vida lhes reservara o melhor para esse fim de ano e algo tão grandioso que, possivelmente, muitos deles nem imaginavam ser palpável.

A Copa Sul-Americana talvez fosse a grande conquista da carreira de cada um, que voou com sorriso largo no rosto e a alegria de quem retornaria com a mão na taça e a um passo de ter o escudo da Chapecoense cravado na história do esporte mais popular do planeta.

Nossos amigos foram buscar um objetivo que até então era visto por muitos como impossível, mas que foi ganhando corpo, credibilidade, simpatia, e, dia após dia, provou a todos os incrédulos que, quando se tem fé, trabalho sério e humildade, é sim possível chegar aonde quer que queira.

Mas, uma coisa que você talvez não saiba, é que a Chapecoense não foi sozinha para Medellín.

Pois é, acredite... naquele avião não estavam somente os representantes de um time de futebol lá do Sul.

O clube levou na bagagem todos os torcedores brasileiros, a bandeira do Brasil, a garra do nosso povo

desacreditado, e o sonho de muitas famílias que viam no futebol a chance de ter uma vida mais digna.

Agora, o que nos resta é orar pelas vítimas e pelo conforto aos familiares e amigos, além de aprender com esse ocorrido para buscar ser uma pessoa melhor a cada dia para si e para o próximo, reclamando menos, amando mais, aproveitando a vida, valorizando as coisas simples e, principalmente, curtindo tudo aquilo que realmente importa – e que o dinheiro geralmente não pode comprar.

Para pensar na cama...

Parece que o filho do Chorão ainda não compreendeu o que significa Charlie Brown Jr.

Contexto: herdeiro dos direitos, Alexandre, filho do Chorão, anuncia retorno oficial da banda.

Fonte: <https://bit.ly/2UKbysy> (Folha de S.Paulo – 19.01.2019)



Imagem: divulgação EMI Music/Virgin

É impressionante como o despreparo de Alexandre, filho do Chorão, causa taquicardia aos fãs do Charlie Brown Jr. toda vez que ele resolve anunciar uma “novidade” sobre a banda.

Tributo? Huuumm... ok! Toda homenagem será sempre válida, merecida e bem-vinda!

Retorno? Não! Isso jamais!

Fernando Guifer

Afirmar que #oCharlieBrownVoltou é mais do que leviano. Trata-se de um atentado à obra não só do Chorão, mas do próprio Charlie Brown Jr. enquanto grupo, que infelizmente encerrou suas atividades no dia 06.03.2013, quando – definitivamente – deixou os palcos para entrar na história da Música Popular Brasileira.

Talvez a pouca idade do Xande não lhe tenha permitido vivenciar os anos de ouro do conjunto ou, por algum motivo ou falta de tempo, seu pai não tenha tido tempo de sentar e lhe contar quem era Charlie Brown Jr. e o que esse nome representava não só a ele, mas também a milhares de pessoas que tinham suas músicas como pano de fundo para os momentos mais marcantes da própria vida. Uma coisa que só os loucos sabem mesmo...

Na dúvida em compreender o significado dessa parada, Xande, sugiro que dê uma “Googlada”, assista aos DVDs, ouça os álbuns, veja os vídeos no Youtube ou, melhor ainda, reúna os ex-integrantes e pessoas que participaram mais intimamente de todos os momentos para, se colocar na condição de aluno/ouvinte, e com isso ganhar uma “aula sobre Charlie Brown Jr.”.

O que não dá é para “brincar de banda” com a banda dos outros.

Como dizia o poeta das ruas, seu pai: “Quem não conhece o passado, não entende o futuro”.

Para pensar na cama...

E para o garoto que detém os direitos de uma das mais valiosas marcas da música tupiniquim, seria essencial compreender o ontem para tomar decisões mais assertivas no hoje e no amanhã.

Qual o problema em capitalizar sobre o nome do Charlie Brown Jr.?

Oras... nenhum! Muito pelo contrário!

Legalmente, o menino Xande tem todo direito (literal) em fazer o que quiser com aquilo que herdou, e nós, fãs, por entendermos que ele passou a ser o representante legal de tudo, esperamos sim que ele lute por manter essa chama sempre acesa.

É apenas o que expectamos dele, nada mais.

No entanto, precisamos que o beneficiário da porra toda seja um aliado, e não o cara que nos mata do coração toda vez que uma notícia nova sobre a saudosa banda é divulgada.

Xande, nos presenteie com álbuns, DVD's, exposições, peças teatrais, documentários, livros, merchandisings, clipes, enfim... são infinitas as possibilidades em você fazer dinheiro com o Charlie Brown Jr. mesclando o útil ao agradável. Ou seja: agradando aos fãs, honrando o legado da banda e ainda levantando sua moeda.

Não é pecado, é legal, e claro, terá todo apoio dos admiradores de seu pai quanto a isso.

Somente suplicamos para que não haja por impulso, Xande.

É necessário um cuidado redobrado nas ações de marketing/captação de recursos e que, portanto, não sejam criadas situações que inferiorizem uma história tão animal e que mudou tantas trajetórias ao longo de diversas temporadas, entre músicos, equipe, familiares, amigos e fãs.

Aliás, mais do que fãs, é importante salientar que essa nação “reverenciadora” da banda é hoje formada por pessoas que vão fiscalizar esse legado, e não por ter algo pessoal contra você, Xande, mas sim, visando proteger a carreira que seu pai construiu com tanto suor e tanta verdade.

Imagine que todas as pessoas que, assim como eu, criticam essa “volta”, estão fazendo isso apenas por amarem ao seu pai.

Não é demais?

Em sua maioria não somos haters, cara.

A real é que, no fim das contas, nossos textões “ranzinhas” são para nos aproximar a um objetivo em comum: cuidar da história do Charlie Brown Jr., e só.

Entendemos que quaisquer coisas relacionadas a essa banda devem obrigatoriamente serem feitas com planejamento, com foco, com respeito, com extremo comprometimento e, principalmente, com amor.

Para pensar na cama...

E quaisquer coisas diferentes disso não representarão a essência do conjunto e, conseqüentemente, não serão bem aceitas por quem mais zela para manter intacta essa credibilidade: o fã.

Inclusive, Chorão podia ter todos os defeitos do mundo na visão de algumas pessoas, mas é unânime entre qualquer um o quão ele amava sua banda e o quão jamais encarou aquilo como sendo um mero cabide de emprego:

- Charlie Brown não é meu emprego, é minha vida - , esbravejou durante anos e anos pelos palcos mundo afora.

E, na boa? Não é agora que esse seu manifesto ficará pelo caminho, pelo menos no que depender dos fãs – estes que realmente financiaram o grupo de 1997 até 2013 e, portanto, são coautores de todo sucesso alcançado.

Enfim, insistir nessa de “volta” é um grande equívoco. E pouco importa quem estará no palco, se é o Marcão, Pelado, Thiago, Graveto, Heitor, Pinguim, e blá blá blá.

Todos têm nosso máximo respeito, independentemente da época em que fortaleceram, pois foram peças cruciais para transformar dias de luta em dias de glória.

A verdade é que se for como “volta” e não como “tributo”, ninguém deve estar lá, e ponto. É o correto, é o justo.

E se essa “ideia genial” se mantiver, apenas irá nesse show – ou acompanhará essa “turnê” – quem não conhece a biografia do Charlie Brown Jr. em sua verdadeira essência e não considera sua memória.

Os fãs de verdade sabem quando é de mentira.

Cancela que dá tempo, e vamos celebrar com mais sabedoria daqui pra frente.

Paz.

Para pensar na cama...

Coleção 'Aspas Invisíveis'
Próximo lançamento:

- **Volume 3:** *Paternidade.doc*
(Lançamento: agosto/2020)



Fernando Guifer

Outros lançamentos do autor:



Um pouco mais que 2 palitos

Desfrute o amor à vida e o afago à nudez da própria alma, de modo que se flerte com a simplicidade do invisível por dias menos cinzentos.

Compilado sob o tema 'inspiração', a terceira obra do jornalista e escritor Fernando Guifer traz uma seleção dos principais artigos e pensamentos publicados por ele ao longo dos

últimos anos, e que, com uma linguagem simples e acessível, é capaz de levar o leitor à reflexões até então inimagináveis.

Coleção/Volume: Aspas Invisíveis/2 (inspiração)

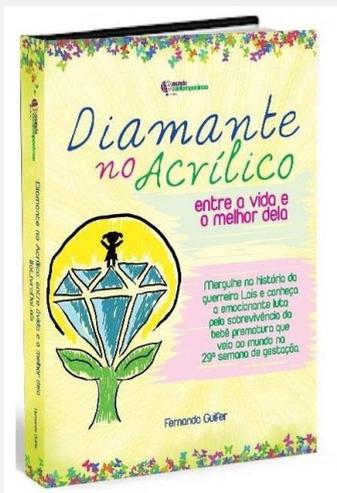
ISBN: 9786590064530

Lanç.: mai/2020

Nº de páginas: 165

Baixe o e-book gratuitamente: fernandoguifer.com.br

Para pensar na cama...



Diamante no acrílico: entre a vida e o melhor dela

Obra que retrata a história de luta, superação, fé e milagre da pequena prematurinha Laís, filha do autor, que veio ao mundo aos seis meses de gestação e passou 80 dias na UTI.

Editora: Mundo Contemporâneo Edições (Metanoia Editora)

ISBN: 8566980026

Lanç.: dez/2015

Nº de páginas: 188

Adquira já: armazemdopapai.com.br

Fernando Guifer

Fale com o autor

www.fernandoguifer.com.br

Siga as redes sociais:

- **Facebook:** fb.com/fernandoguifer
- **Instagram:** instagram.com/fernandoguifer
- **Youtube:** youtube.com/fernandoguifer
- **Twitter:** twitter.com/fernandoguifer
- **Linkedin:** linkedin.com/in/fernandoguifer

contato@fernandoguifer.com.br

Para pensar na cama...



Fernando Guifer



agora mesmo • 👥

Já parou pra pensar que...

Você vai morrer em um dia e mês que já viveu diversas vezes, mas que, enquanto o vivia, jamais imaginou que este seria o dia e mês de sua morte no futuro? 🤔

Este livro foi composto nas famílias tipográficas:
Arial e Calibri Light

Para pensar na cama...